

A man with light brown hair and a beard, wearing a white button-down shirt, is looking down with a serious expression. He is holding the bottom of the shirt with both hands. In the background, there is a small Christmas tree decorated with red ornaments and lights, set against a rustic wooden wall.

Um
PRESENTE

DE NATAL

• PARA O

Curo

TRILOGIA UMA MENTIRA DE NATAL #3

A . C . N U N E S

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

[OceanofPDF.com](#)



TRILOGIA

Uma
MENTIRA
DE natal

autoras de
eaj
romances

evilane oliveira • a.c. nunes • jessica d. santos

Um
PRESENTE
DE NATAL
· PARA O
Víuvo

TRILOGIA UMA MENTIRA DE NATAL #3

A . C . N U N E S



SUMÁRIO

[SUMÁRIO](#)

[NOTAS DA AUTORA](#)

[SINOPSE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[EPÍLOGO](#)

[LIVRO UM DA TRILOGIA](#)

[LIVRO DOIS DA TRILOGIA](#)

[CONHEÇA TAMBÉM!](#)

[REDES SOCIAIS](#)



NOTAS da AUTORA

A **trilogia *Uma Mentira de Natal*** é uma parceria entre mim e as autoras Evilane Oliveira e Jéssica D. Santos especialmente idealizada para esta data tão especial no mundo todo. Ambientadas em cidades fictícias fora do Brasil, nossa proposta é trazer uma narrativa rápida em formato de novela e que o desenvolvimento dos protagonistas envolva alguma mentira. Apesar da numeração dos livros, as histórias não são interligadas e os casais protagonistas não se conhecem, embora entre um livro e outro haja pequenas referências. Dessa maneira, não é necessária a leitura na ordem da série, mas se ainda assim preferir ler em sequência, o *link* para os dois primeiros livros da trilogia está ao final deste e-book.



SINOPSE

Eu pensei que passaria outro Natal sozinho e trabalhando, como estava sendo nos últimos quase quatro anos desde que minha esposa morreu. Mas então ela surgiu. Bateu à minha porta, tarde da noite, sob o frio cortante e

neve impiedosa, com uma garotinha ao seu lado e um bebê de colo, pedindo por ajuda.

Hesitei, afinal, era uma estranha no meio da noite. Mas, que droga, ela tinha duas crianças que estavam com fome e com frio.

Como eu poderia *não a ajudar*? Becky garantiu que ficaria apenas até o dia seguinte, só até conseguir resolver o problema mecânico em seu carro e aí seguiria viagem. Ela só precisava de um abrigo por uma noite. A promessa de uma forte nevasca e o alerta das autoridades de permanecermos dentro de casa, contudo, obrigaram-na a ficar comigo até ser seguro pegar a estrada. Três dias. Nada mais que três dias. Não imaginava que em tão pouco tempo eu me veria atraído por uma desconhecida e apaixonado pelos seus filhos, idealizando neles a família que sempre permeou meus sonhos.

Mas havia mais por trás dos olhos dela. Uma história mal contada. Uma mentira bem escondida que eu passei a dissecar aos poucos até descobrir o real motivo de ela ter ido parar em minha porta.



CAPÍTULO 01

O calendário sobre a minha mesa do escritório marca dezoito de dezembro. O relógio logo ao lado, vinte e duas horas e dois minutos. Eu não deveria estar enfurnado no meu gabinete nesta época do ano, neste *horário*, revisando e adequando uma série de matérias para o jornal local que vai ao ar na coluna de retrospectiva, mas estou.

Sou o único naquela redação que não se importaria de passar as vésperas das festas de final de ano trabalhando. Sou o único que não se importaria

em até mesmo passar o *Natal* trabalhando. Não pelo fato de eu ser um dos poucos naquela redação que não se reúne com a família — uma vez que todo o conceito que eu tinha de família morreu quatro anos atrás —, mas porque não me importo com *a data em si*. Isso não significa que gostaria de estar trabalhando a essa altura do campeonato, não quando a maioria dos redatores e jornalistas estão de férias. Alguns poucos ficaram de prontidão — afinal, as notícias não param —, e eu, como diretor de jornalismo, fui um destes poucos.

Então, aqui estou eu, nas últimas linhas do que deve ser a quinta matéria que eu leio, com o prazo apertado para entregar à redação. Suspiro e esfrego os olhos, buscando a caneca de café sobre a mesa. Bebo um gole e o líquido preto já está frio. Com algum esforço, vou até a minha cozinha preparar mais da bebida que vai me manter acordado pelas próximas horas.

Enquanto a cafeteira prepara a não sei qual dose da noite, meus olhos se erguem para a janela basculante e se fixam na casa dos Watson, meus vizinhos, a alguns metros de mim. No seu jardim, há uma pequena árvore adornada com pisca-piscas e enfeites de Natal. Nas portas, cercas e na testeira do telhado, as luzinhas cintilam animadamente. Na chaminé, um Papai Noel com um saco de brinquedo tenta invadir o local; na porta de entrada, uma linda guirlanda. O que me chamou atenção, contudo, foi o grito estridente e feliz da garotinha de sete anos. Lois. Toda enrolada em casaco pesado, luvas, gorro e cachecol, ela está com o pai agora,

ajudando-o a terminar um boneco de neve. A mãe dela — uma mulher bonita na casa dos quarenta anos que trabalha em uma clínica de reabilitação no centro da cidade — vem de lá de dentro carregando canecas fumegantes que eu acredito serem de chocolate quente.

A mulher entrega uma caneca para cada, um sorriso bonito no rosto que denota que está feliz pelo momento. O marido se senta ao seu lado no último degrau do alpendre e os dois se entrosam em uma conversa íntima e animada enquanto a filha termina seu boneco de neve, dando pequenos goles no chocolate eventualmente. As luzes piscam sobre suas cabeças, e uma música natalina ressoa lá de dentro

A imagem à minha frente aperta um pouco o meu peito pelos motivos errados; por isso, trato logo de me servir do meu café e voltar para meu escritório. Consigo me concentrar no trabalho por mais uma hora mais ou menos antes de um barulho diferente chamar minha atenção. Paro de digitar no notebook — as teclas parecem britadeiras no meio do silêncio noturno — e aguço a audição. Posso ouvir daqui passos cautelosos na madeira do meu alpendre. Meu corpo todo gela. Minha cidade não tem um índice de criminalidade elevado, eu nunca tive qualquer problema de violência ou roubo em todos os trinta e seis anos que aqui moro, mas nunca se sabe quando será a primeira vez.

Forço minha memória tentando me recordar se fechei a porta com todas as trancas, mas não tenho muita certeza. Estive absorto demais nesses arquivos para me lembrar com clareza. De qualquer forma, eu tenho um sistema de alarmes e um taco de beisebol que podem ajudar. Eu teria uma arma, mas nunca arranjei outra.

Katherine era uma desarmamentista fervorosa e me convenceu a nunca ter uma dentro de casa. Eu me desfiz da única que eu tinha quando nos casamos e agora parece que me sinto desprotegido sem uma.

Mas também não acho que resolveria alguma coisa. Se estou ouvindo bem, são dois, e se cada um tiver carregando uma arma,

seriam duas contra uma. Três contra nenhuma se conseguissem me render e tomar o objeto de mim. Afasto os pensamentos da cabeça e me levanto com cuidado, ainda atento ao som lá fora. Tenho a impressão de ouvir um resmunguinho de bebê, uma voz fininha e um *shh* discreto. Estou para pegar o taco de beisebol quando a campainha da minha casa toca. Travo no lugar, não sei se aliviado ou em alerta. Ladrões não tocam a campainha, mas pode ser uma armadilha. Rodeio o cabo do taco e vou até a sala. Aperto a madeira em torno dos meus dedos e verifico o outro lado pelo olho-mágico.

Para meu alívio é uma mulher, que está de costas para mim agora.

Deixo o taco atrás da porta e a abro. Só neste momento noto que ela está acompanhada de uma menina pequena, talvez uns quatro anos, que estava em um ponto cego, e um bebê enrolado nos braços. Ela carrega algumas bolsas penduradas nos ombros, as maçãs do rosto e a ponta do nariz estão vermelhos pelo frio de temperaturas negativas e suas roupas, luvas e toucas estão salpicadas de neve.

— Oi — diz, a voz saindo um pouco fraca. Ela pigarreia e aperta a mãozinha da garota ao seu lado, toda enrolada em casaco e um cobertor, o queixinho pequeno tremendo de frio. — Desculpe incomodar esse horário. Meu carro quebrou a alguns quilômetros daqui, não sei o que aconteceu. Preciso de ajuda.

Olho por cima do seu ombro em direção à rua escura. Essa região é longe do centro movimentado da cidade, bem afastado da loucura urbana, mas sei que existem outras residências no entorno.

— Sua casa foi a primeira que encontrei com alguém em quilômetros. Todas as anteriores estavam vazias ou ninguém quis me atender.

Assinto, meus olhos ainda presos à suas costas.

— O pessoal costuma viajar nessa época do ano — digo e volto a olhá-la.
— E está tarde. Não me surpreende que alguns tenham preferido não te atender.

Ela troca o peso da perna e assente, parecendo nervosa.

— Poderia me ajudar? — pergunta e aperta o bebê contra seu peito. Ele começa a resmungar, e a mulher tenta acalmá-lo chacoalhando-o vagarosamente. — Só preciso de abrigo até amanhã cedo. Aí dou um jeitinho de ir à cidade e resolver meu problema.

— Você não tem alguém para quem possa ligar? — Engulo em seco e desvio o olhar para a menininha agarrada à barra do seu casaco. Ela tem grandes olhos azuis que me encaram amedrontados.

Torno a encará-la, que tem os lábios entreabertos, expressão confusa no rosto. Acho que não esperava que eu fosse negar abrigo a uma mulher com duas crianças debaixo de neve.

Ela dá uma risada nervosa.

— Não. — Suspira. — Quero dizer, mais ou menos. — Ela desvia o olhar por um segundo. — Esqueci meu celular em casa, em cima da mesa, assim que fui sair. Meu ex-marido está dentro de um avião nesse momento indo passar o Natal na Espanha com a esposa de vinte e dois anos com tudo em cima por quem ele me trocou. Meus pais estão em um lugar sem sinal me esperando para o feriado.

Aperto o maxilar sem saber o que fazer. Olho para a casa dos Watson ao lado e me pergunto por que ela não foi bater lá.

— Olha, nós não vamos incomodar, está bem? Só precisamos de um abrigo por essa noite. Está frio e nevando aqui fora, meu carro ficou três quilômetros para trás e estou com duas crianças entrando em hipotermia e morrendo de fome. Por favor, não seja desumano nesse nível.

Fecho os olhos e bufo, abrindo mais a porta.

— Entrem, vou providenciar algumas coisas pra vocês se acomodarem.

Apertando a mão da menina, ela entra com cuidado. O bebê no seu colo — ainda não sei se é um menino ou outra menina —

começa a chorar. A mulher se esforça para acalmá-lo enquanto me segue casa adentro. Levo-os até meu quarto no andar de cima e abro a porta. Ela me olha com dúvida e surpresa nos olhos castanhos.

— Tomem um banho e troquem de roupa. — Meus olhos descem para as bolsas penduradas no seu ombro e pondero que ela tenha roupas limpas e secas. — Eu vou acender a lareira na sala e preparar um chocolate quente.

A pequena ainda grudada à barra do seu casaco chama sua atenção ao puxá-la pela barra. Ela se agacha na altura da menina, que sussurra algo em seu ouvido. A mulher abre um sorriso sucinto e acena. Fico curioso, mas decido não dizer nada. Eu entro no quarto e explico onde ela pode achar sabonetes e toalhas nos armários do banheiro.

— Eu agradeço demais... — Ela se vira para mim, parada no meio do ambiente. Os lábios se entreabrem e só agora noto que nós nem ao menos nos apresentamos.

— Altman. Hans Altman.

Ela acena.

— Não tenho como te agradecer, Altman. — A mulher olha ao redor novamente, como se eu estivesse oferecendo mais do que ela esperava. — Obrigada mais uma vez.

Faço um gesto breve com a cabeça.

— O registro da esquerda é de água quente — oriento antes de deixá-la a sós com as crianças.

Encosto a porta do quarto para lhe dar mais privacidade e vou até a garagem pegar lenha seca para acender a lareira.

Enquanto a madeira crepita, preparo três canecas de chocolate quente, tentando não pensar muito no fato de ter uma estranha com duas crianças no meu quarto. Então, também percebo que ela não me deu um nome. Encaro o telefone fixo em uma coluna da cozinha, pensando se ligo para a polícia ou não. Com certeza, um policial

poderá ajudá-la melhor do que eu. Afasto os pensamentos da cabeça e ergo os olhos para a casa dos Watson. As luzinhas continuam piscando nas testei­ras do telhado, na cerca do alpendre, na árvore do quintal e, pelo que posso ver pela cortina fina da janela de vidro, na da sala de jantar também.

Um chorinho às minhas costas me faz virar imediatamente.

Encontro-os a alguns metros de mim, as duas de cabelos molhados, roupas trocadas, a menina ainda agarrada na mãe como se ela fosse escapar a qualquer momento. Só então me dou conta de que não sei o que dar ao bebê, que agora está enrolado em outro cobertor. Pego duas canecas de chocolate quente e entrego para elas. A garotinha agarra a xícara com as duas mãozinhas e me olha por cima da borda, acho que um pouco intimidada comigo, e a mais velha deixa a sua sobre o balcão. A garotinha olha para todos os lados, como se à procura de um lugar para se acomodar. Um pouco hesitante, eu me aproximo dela e a coloco em uma das banquetas

—altas demais para que ela alcançasse. Seus olhos azuis grudam em mim por um segundo longo demais.

— Não sei o que fazer para o seu bebê — digo, sincero, virando-me para a desconhecida.

— Tenho uma mamadeira aqui — responde e me mostra o objeto mencionado que estava escondido entra seu peito e a criança. — Só preciso aquecer.

Entendo seu pedido implícito e aceno. Pego a mamadeira e a coloco no micro-ondas. Ela me orienta a um minuto e programo o tempo desejado. Fico de costas para eles, tentando administrar esse momento estranho que pairou sobre nós.

— Meu nome é Becky. — Eu me viro na sua direção. —

Becky Hayes. — Ela acaricia os cabelos loiros da menina ao seu lado. — Essa é Lora.

A menina me olha atentamente, os grandes olhos azuis em mim, os pequenos lábios na borda da sua caneca de chocolate quente.

— Esse é Archie. — Becky desenrola o pequeno de sua manta e o vira para mim. O menino parece ter uns dez meses, talvez menos, os cabelinhos são

ralos e amarelos, grandes olhos azuis, cílios longos e lábios cheios.

— Certo. — É tudo que digo ao engolir em seco. — Hã... eu vou arrumar a sala pra vocês dormirem. Meu quarto de hóspedes só tem uma cama de solteiro e acredito que será desconfortável a dividirem.

— Nós vamos nos acomodar bem.

Balanço a cabeça em negativo.

— Tenho um sofá-cama. Vão ficar melhor nele.

O micro-ondas atrás de mim apita, avisando que o tempo acabou. Entrego a mamadeira a Becky, que, por fim, se acomoda em uma das banquetas perto de Lora. Ela testa a temperatura do leite antes de aquecer Archie nos seus braços e lhe entregar o seu objeto de desejo. O menino está desesperado pelo seu alimento e só se acalma ao segurar a mamadeira e sugar o bico com toda força. Enquanto o pequeno ingere o leite, a mãe finalmente puxa sua caneca de chocolate quente.

Eu ofereço um sorriso rápido antes de deixar a cozinha e ir preparar o lugar para que possam dormir. Arranjo travesseiros, lençóis, cobertores e espalho tudo no sofá-cama frente a lareira.

Estou terminando de arrumar quando Becky aparece. Archie dorme nos seus braços, Lora está agarrada à sua barra, como sempre, e agora coça os olhos de sono.

— Eles estão exaustos — sussurra e aponta para os filhos.

— Foi uma viagem longa até aqui e depois enfrentamos frio, neve e quilômetros andando.

— Descansem — digo, dando-lhe espaço para acomodar os filhos.

Becky me dá um sorriso fraco antes de aquecer o pequeno Archie primeiro. O menino está desmontado, já em sono profundo, e

não consigo desgrudar meus olhos dela, que cuida do menino com carinho e dedicação. Depois, ela ajuda Lora a se acomodar perto do irmãozinho. Mal noto que sorrio ao vê-la abraçar o corpinho do pequeno e resmungar algo à mãe que responde “Essa noite não”. A menina parece contrariada, mas assente e fecha os olhos. Becky cobre a filha e então olha para mim.

— Amanhã prometo que não vamos mais te incomodar.

Cruzo os braços e nego com um gesto.

— Está tudo bem. — Molho o lábio inferior e olho ao redor. A casa está silenciosa, apenas o crepitar da lenha atrás de mim, e me sinto estranho por recepcionar alguém depois de tanto tempo. —

Vou deixar você descansar também. Boa noite, Hayes.

Ela assente e envolve seu corpo com os próprios braços, mantendo-se de pé ao lado das crianças. Eu assinto de volta e me retiro. Apago a luz da sala no caminho, deixando apenas a luz do corredor acesa. Olho para trás e ainda a vejo ali, na mesma posição de antes, agora no meio da sala semiescura.

— Se precisar de algo — digo um pouco mais alto e a vejo dar um pulinho de susto —, pode me procurar no meu quarto.

— Obrigada. — É toda sua resposta.

Por fim, termino de subir as escadas e fecho a porta do meu quarto assim que entro. Encosto a testa contra a madeira e inspiro fundo. Tenho a impressão que não deveria confiar nela, que amanhã cedo minha casa pode estar revirada e roubada. Ainda assim, ignoro todo meu trabalho, o prazo curto e me deito para dormir, mas não consigo porque minha preocupação não é estar caindo em uma armadilha.

Não consigo dormir porque estou curioso sobre Becky.



CAPÍTULO 02

Eu me levanto logo cedo no dia seguinte, sem ter dormido as oito horas recomendadas. Ainda nem amanheceu direito quando me refugio no meu escritório e dou continuação ao trabalho que foi interrompido na noite anterior. Fico um pouco tentado por quase todo o tempo a ir até a sala e verificar como os três estão, mas me contenho e deixo-os descansar.

Amanhece por completo e meu estômago começa a protestar de fome exatamente no instante em que ouço um barulho vindo da cozinha. Vou até lá entender o que está acontecendo e encontro Becky recolhendo algumas panelas que caíram do armário debaixo da pia. Olho ao redor e vejo Lora quietinha no sofá-cama, ainda enrolada na coberta e distraindo o irmão que está em seu colo.

— Eu te acordei com essa barulheira, não é? — Volto-me para Becky, que agora segura duas frigideiras, uma em cada mão.

— Não deveria estar invadindo assim o seu espaço, mas queria te preparar um café da manhã de agradecimento por ter nos acolhido.

Pisco alguns pares de vezes assimilando o que me disse.

— Não era necessário — consigo responder, por fim.

Aproximo-me dela com alguns passos e olho para a bancada da pia.

Ela separou leite, ovos, açúcar e farinha. — Panqueca?

Ela assente.

— Você gosta? — Molha o lábio inferior, como se estivesse receosa da minha resposta.

— Gosto.

Becky me dá um sorriso apertado, volta para os ingredientes e começa a preparar a massa. Pelos momentos seguintes, eu simplesmente não sei o que fazer. Ela é uma estranha na minha casa, com duas crianças pequenas, cozinhando para mim. Caminho até a janela de vidro da sala e olho lá para fora. Pelo que me lembro do noticiário da previsão de tempo, deve fazer muito frio hoje e nevar muito forte antes do anoitecer. Volto-me para os pequenos no

meu sofá, e ali está a menininha, observando-me com olhos curiosos e atentos. Archie tem uma chupeta na boca e está incrivelmente quieto, também olhando para mim como se eu fosse uma espécie diferente.

— Vocês dormiram bem? — pergunto sem tirar meus olhos da garotinha loira. Até acho que minha pergunta foi direcionada a ela porque não me recordo de ter a ouvido falar uma palavra desde que chegaram.

Contudo, é a mãe quem responde:

— Dormimos. Archie estranhou um pouco porque é a primeira noite dele fora de casa. — Becky me olha rapidamente por cima do ombro ao acender uma chama do fogão e apoiar a frigideira na grade. — Espero que o chorinho dele não tenha incomodado.

Nego com um gesto de cabeça.

— Eu sequer o ouvir chorar — digo, o que é verdade.

Meus olhos pousam em Archie, que segue atento em mim.

Seus olhos azuis debaixo dos cílios longos me encaram seriamente, a boquinha sugando forte a chupeta. Lora, abraçada ao irmão em um gesto de

proteção e carinho, também ainda me analisa criteriosamente, talvez até com algum receio e medo.

— Vocês estavam indo para onde? — A pergunta é meu modo de manter alguma conversa e não ficar o clima estranho pairando sobre nossas cabeças. Viro-me para a janela outra vez e vejo meu quintal coberto de neve.

Há um momento de quietude até Becky me dizer:

— Fortwood.

— Fortwood? — Franzo o cenho.

— Sim.

Viro-me rapidamente na sua direção e, por um momento, eu a estudo fazendo as panquecas. Tento imaginar de que direção veio

para estar indo para Fortwood e que tenha precisado passar por aqui, em Kearney Valley.

— De onde vieram?

Ela se vira para mim ao tirar uma panqueca para colocá-la no prato sobre a mesa no centro da cozinha. Para que não me pegue no flagra, fico de frente para minha janela, observando meu jardim branco pela terceira vez.

— Aberdeen.

Minhas sobrancelhas vincam. Isso é... longe.

— É uma viagem longa — comento e enfio as mãos nos bolsos da minha calça do pijama. — São mais de doze horas de carro.

Outro silêncio estranho.

— São.

— Por que não foram de avião até a capital e continuaram de carro? — Sei que Fortwood é uma cidade pequena, sem aeroportos.

Eu me viro para ela de novo, que está colocando a terceira panqueca no prato. Becky levanta os olhos para mim e me olha de um modo diferente.

— Lora tem medo de altura.

Eu procuro pela garotinha, que está com a testa vigorosamente franzida. É como se discordasse do que a mãe acabou de falar. Apenas assinto e retorno para a minha posição.

Não dizemos mais nada um ao outro pelos próximos dez minutos —

tempo exato que Becky leva para terminar as panquecas e colocá-las todas na mesa junto das xícaras de café. Ela acomoda Lora na cadeira e se senta com Archie no colo. Fico parado perto da janela, a imagem dela com as crianças despertando algo dentro de mim.

Não me lembro quando foi a última vez que vivi algo parecido. Vi imagens como essa com frequência — na vizinhança, no trabalho, nos cafés no centro da cidade —, mas ter *vivido* algo parecido...

Sequer sou capaz de me recordar quando foi a última vez que me

reuni em família. E isso dói profundamente em mim. Dói porque eu queria algo assim. Uma esposa, dois filhos, panquecas de manhã, natais em família. Eu poderia ter tido isso tudo se não tivesse agido da forma mais errada possível com Katherine.

— Você não vem? — Becky me chama de volta ao mundo real. — Seu café vai esfriar.

Eu me aproximo com cuidado e me sento na cadeira de frente para Becky e ao lado de Lora, que segue quieta. Começo a desconfiar que ela não sabe falar. Sirvo-me de duas panquecas enquanto Becky ajeita Archie no colo com uma mamadeira em mãos. O menino aproveita sua refeição. Como se

não fosse nada o menino em suas pernas, a mãe tira uma fatia da panqueca e come.

— Senhor Altman...

— Hans — corrijo-a rapidamente. — Pode me chamar de Hans.

Ela assente e sorri.

— Sei que prometi ir embora assim que amanhecesse —

Becky menciona com cuidado, sem me encarar, sua atenção agora toda no filho caçula. — Mas eu ainda estou sem carro e não conheço nada daqui. Preciso de mais algumas horinhas até resolver meu problema. — Ela ergue os olhos para mim dessa vez. — Se importa?

Você é uma estranha na minha casa com duas crianças pequenas que provavelmente vão atrapalhar todo o meu dia de trabalho.

— Não, claro que não. — Escondo o sorriso forçado por trás da borda da caneca de café. — Onde pretende encontrar um mecânico? O único que eu conheço aqui nas redondezas saiu de férias com a família já tem uns dias.

Ela suspira e com a mão desocupada, dá outra garfada na sua panqueca.

— Vou tentar um posto de gasolina. No centro da cidade deve ter, não deve? — Assinto. — Fica muito longe daqui?

— Uns cinco quilômetros talvez.

Ela parece derrotada com a informação e me analisa de uma maneira que me diz que está esperando que eu ofereça uma carona até lá, uma vez que é longe demais para ela ir andando com duas crianças. Travo o maxilar não gostando muito da situação em que estou me metendo. Estou com meu prazo curto para entregar as matérias, mas aqui estou eu, inclinado a ajudar essa mulher.

— Olha, vamos fazer assim... — digo, baixando lentamente minha caneca até a mesa. — Eu vou até seu carro e dou uma olhada. Pode ser algo simples que eu consiga resolver. Se não for, então vou à cidade procurar um mecânico.

Becky entreabre os lábios por um segundo.

— Ficaria imensamente grata, Hans. Juro que assim que chegar a Fortwood, eu te recompenso de alguma forma.

Abano a mão no ar, dispensando sua preocupação.

— Não é nada.

— Mamãe — Lora chama baixinho, quase inaudível. Então ela não é muda. Becky se vira para a filha, Archie agora impaciente querendo se levantar depois de ter terminado sua mamadeira. —

Quero mais panquecas.

Por algum motivo que seja, eu me adianto e sirvo outra panqueca para Lora, oferecendo-lhe um sorriso. Ela me fita com seus grandes olhos azuis, a mesma expressão desconfiada de sempre, e não retribui o sorriso.

— Lora, como se diz ao tio Hans?

Ela pisca duas vezes lentamente. Se vira para mãe, depois para mim.

— Obrigada, tio Hans.

Eu a vejo comer a panqueca como se fosse a comida mais gostosa do mundo, os olhos agora atentos na mãe que ajudar Archie a arrotar. Termino meu café rapidamente e deixo a mesa para tentar resolver logo o problema de Becky.

— Vou preparar a caminhonete e ir até seu carro — informo.

— Pode me dizer mais ou menos onde o deixou e que modelo é?

Becky me passa as informações necessárias, que eu decoro com facilidade. Visto calça, botas para neve, casaco grosso, touca e luvas para enfrentar o tempo lá fora. Coloco as correntes de neve nos pneus da caminhonete e sigo por três quilômetros e meio até o carro dela, enfrentando a pista cheia de neve e o tempo que ameaça ficar pior a cada segundo que passa. Ao chegar, encontro o veículo estacionado no acostamento.

Tento dar a partida, mas ele apenas afoga e não liga. Confiro o mostrador de combustível e o tanque está pela metade. Certo, não é falta de gasolina. Encarando o frio cortante, eu me arrisco a dar uma olhada na parte do motor. Entendo muito do básico e não encontro nada que possa explicar por que o carro simplesmente parou de funcionar. Ligo o rádio, que funciona, então não é problema na bateria. Desengato o veículo, empurro-o para além do acostamento para evitar um acidente e o deixo ali quando o frio começa a cortar minha pele, decidindo que é hora de fazer o percurso de volta para a minha casa.

A neve começa a cair com mais força no meio do trajeto. O

noticiário na estação sintonizada informa que uma nevasca sem precedentes está para chegar e as autoridades estão preocupadas.

Estradas serão bloqueadas e o recomendado é não sair de casa pelos próximos três dias. Sem saber exatamente o motivo, eu penso em Becky e nas crianças. Um misto de sentimentos pressuriza meu peito, deixando-me confuso. Eu não pretendia que ela ficasse em minha casa mais do que o necessário. Uma noite. Apenas. Nada mais que isso. Mas também não consigo imaginá-la viajando até Fortwood — ainda há boas oito horas de distância — no meio de uma tempestade gelada.

Afasto meus pensamentos da cabeça e sigo caminho, decidido que resolvo isso assim que chegar. Levo um pouco mais de tempo que o habitual para voltar por causa da estrada escorregadia

— preciso redobrar a atenção e dirigir em velocidade reduzida —, por causa do vento forte e da neve contra o para-brisa. Estaciono a caminhonete no meio-fio e corro para dentro de casa, espanando o casaco ao entrar. Ergo os

olhos e encontro Becky na minha sala junto dos filhos, o ambiente todo arrumado e perfumado. Olho ao redor, notando que ela arrumou até mesmo uma bagunça ou outra que não era dela. A mulher está no sofá-cama agora recolhido, Archie no seu colo, Lora logo ao lado, um livro infantil nas mãos que ela deve ter trazido na bolsa. Eu pego a história que conta aos pequenos pela metade, alguma coisa sobre uma princesa e um cisne, e Becky interrompe a narrativa ao me ver.

— Oi — me cumprimenta e encosto a porta para suspender a ventania fria.
— Conseguiu alguma coisa?

Tiro o casaco e a touca e os penduro no cabideiro na entrada.

— Não. O carro tem gasolina, a bateria funciona. Não sei o que pode ser. Talvez seja algum problema no sistema de ignição.

Vamos ter que chamar um mecânico, isso se encontrarmos um.

Os olhos dela se enchem de preocupação e... acho que de temor. Becky parece ficar aflita e inquieta por conta do contratempo que vai atrasar sua viagem.

— Eu não queria incomodar, Hans — diz e se levanta, ajeitando Archie no seu quadril. Becky dá uma avaliada rápida em Lora, cabisbaixa com o livro.
— Mas você teria como me levar até o posto de gasolina mais próximo? Talvez eu encontre um mecânico que possa me ajudar. Se não encontrar, posso tentar um táxi, carro de aplicativo, talvez até um ônibus.

— Desculpe, não posso — respondo imediatamente quase sem nem perceber. — Está vindo uma tempestade e não vai ser seguro lá fora, Becky. Mesmo que consiga arrumar o carro, a

nevasca promete durar três dias e ela vai te alcançar antes de chegar a Fortwood. — Olho-a seriamente por um instante, depois para Archie e, enfim, para Lora, que agora está atenta ao que estou dizendo. — Vocês terão que ficar aqui.

Becky fica irrequieta, balançando Archie nos braços, embora ele não precise ser acalmado. Ela anda de um lado a outro, nervosa, e não entendo exatamente o motivo. Deixo-a absorver a notícia por um instante, a mulher andando para lá e para cá, aflita, e eu daria tudo para entender o que está se passando na sua cabeça agora.

— Não queremos incomodar — sussurra. Ela olha para a filha e aperta Archie um pouco mais contra seu corpo. — Nem atrapalhar seus planos para o Natal. Você não tem um lugar para ir ou coisa assim?

— Não — respondo e engulo em seco. — Eu não tenho ninguém. E mesmo se tivesse, a tempestade teria atrapalhado todos os meus planos. Não pense que vou deixar você pegar a estrada nessas condições, ainda mais com duas crianças pequenas. —

Inspiro fundo e nem acredito no que estou prestes a dizer: —

Fiquem.

Becky olha para Lora, e a garotinha devolve o olhar para a mãe como se suplicasse para ficarem. Leva um segundo inteiro até a mulher concordar com um aceno breve de cabeça. Não dizemos nada por um instante, eu apenas observando ela e as crianças. Lora tornou a se concentrar no livro infantil, agora narrando baixinho o que acha que está escrito ali se baseando nas ilustrações; e Becky balança levemente o filho pequeno, o que faz Archie sorrir. Todo esse conjunto — esses três na minha sala — faz meu coração bater de um jeito diferente.

Pigarreio e pego meu casaco outra vez.

— Vou até a cidade comprar algumas provisões para os próximos três dias.

— Olho para fora, a neve caindo com força, mas

não o suficiente para me impedir. — Vou aproveitar que ainda é possível sair de casa.

— Eu devo ter algum dinheiro para...

— Não, por favor — interrompo-a. — Isso não é necessário.

Becky acena levemente e me dá um sorriso que eu acho muito bonito.

— Querem que eu traga algo do mercado?

A mulher balança a cabeça em negativo, mas Lora se manifesta:

— *Froot Loops* e chocolates.

— Lora! — Becky adverte, alarmada.

O pedido arranca de mim um pequeno sorriso.

— *Froot Loops* e chocolates. Certo. Algo mais, mocinha? —
questiono.

Lora pisca um par de vezes e olha ao redor, como se considerando.

— Lora, não! — a mãe diz, firme. — Não precisamos de mais nada.

A menina cruza os braços e fecha a carinha, brava.

— Mas, mamãe...

Becky move a cabeça de um lado a outro.

— Não.

Ela bufa e volta a pegar o livro, a testa vincada, claramente emburrada por não poder fazer seu pedido. Eu me aproximo e me sento ao seu lado. Lora ergue os grandes olhos azuis para mim e me encara seriamente.

— O que você quer pedir?

— Hans... — Becky choraminga. Ergo uma mão, sem olhá-la, e ela para imediatamente o seu protesto.

— Podemos ter luzinhas?

Vinco a sobrancelha ao mesmo tempo em que Becky sussurra “Ai, meu Deus”. Não entendo seu pedido direito e tombo a cabeça um pouco para o lado.

— *Lu... zinhas?*

Lora abana a cabeça afirmativamente.

— É, como as da casa ao lado. — Ela aponta para a residência dos Watson.
— Luzinhas e meias para colocar na lareira.

Entreabro os lábios, entendendo a que se refere. Eu não decorei a casa para o Natal. Nunca tive qualquer vontade para isso e não é uma tradição que sigo. Katherine é quem adorava a data e fazia questão de decorar cada canto que encontrasse. Tinha até louças e roupa de cama, mesa e banho de temas natalinos que começava a usar religiosamente no dia seguinte a Ação de Graças.

— Hans, o pedido da Lora... É que ela...

Eu me levanto e abano a cabeça em negativo.

— Está tudo bem. É um pedido justo, certo? — Ofereço um sorriso sincero para Lora. — *Froot Loops*, chocolate, luzinhas e meias para lareira. — Bato o dedo indicador na minha têmpora. —

Gravei tudo aqui. — A garotinha sorri de volta, parecendo feliz que seu desejo será atendido, e isso desperta alguma curiosidade em mim. Volto-me para Becky e anuncio. — Eu não demoro.

Ela me acompanha até a porta e toca no meu braço antes de eu sair.

— Desculpe pelo pedido dela — diz, com cuidado. — Você não precisa...

— Eu prometi, eu vou trazer, Becky. Já disse que está tudo bem. — Olho para Archie por um momento, seus olhos azuis atentos em mim. Sem

entender por quê, estico minha mão e pego a dele, gorduchinha e macia. Demoro a notar essa proximidade inadequada e o solto de repente, como se tivesse levado uma descarga elétrica. Para disfarçar, completo: — Volto logo.



CAPÍTULO 03

O único hipermercado da cidade está cheio quando chego.

Filas enormes denunciam que as pessoas querem se precaver da tempestade e correm contra o tempo para estocar alimentos, remédios e kit de primeiros socorros. Compro tudo o que acho que será necessário para esses próximos três dias. Na seção infantil, cedo à tentação de comprar um berço-portátil para Archie ao pensar que não deve ser confortável nem seguro dormir naquele sofá-cama. Acabo por comprar também um brinquedo qualquer para ele.

Para Lora, opto por mais decoração de Natal além das luzinhas porque não sei exatamente que tipo de brinquedo a agrada.

Agora, estacionado frente à minha casa, a neve cai sem piedade sobre minha caminhonete, as sacolas estão sob a lona da carroceria com tudo o que vamos precisar enquanto estou aqui, inclinado sobre o volante, pensando em por que fiz questão de agradar minimamente aqueles três com tanta coisa que comprei.

Deveria ter comprado apenas o básico, mas não. Eu tive mesmo de gastar uma pequena fortuna com decorações natalinas que não vou usar nunca

mais e um berço que não faço ideia que destino darei assim que Becky e as crianças seguirem seus rumos.

Afasto todos os meus pensamentos da cabeça e desço do carro para descarregar os sacos de compras. Becky surge na porta no instante que estou me aproximando, Archie nos seus braços e encaixado na sua cintura. Ele me vê e abre um sorriso pequeno com a chupeta na boca. Quase de forma involuntária, eu sorrio de volta para ele.

— Precisa de ajuda? — Passo por ela e deixo a primeira leva de compras sobre a mesa da cozinha.

— Não. Está tudo bem. Dou conta sozinho.

Levo uns cinco minutos para descarregar tudo e guardar a caminhonete na garagem. Assim que termino, Becky e Lora me rodeiam, ainda mais quando me aproximo com a caixa do berço.

— Ai meu Deus — Becky diz, um pouco assustada —, você não tinha que ter se incomodado com isso. — Ela ajeita Archie no colo depois que conto meus motivos por ter trazido o berço. — Nós íamos ficar bem no sofá-cama.

— Não foi nada. — Dou de ombros e concluo: — Tenho um quarto sobrando de frente para o meu. Acho que você e Lora podem dividir confortavelmente. Vai ser melhor do que dormir aqui na sala.

O sofá-cama era adequado para uma noite, mas agora como vão precisar ficar alguns dias a mais...

Becky me dá um sorriso pequeno e desvia o olhar, murmurando um “obrigada” quase inaudível. Sinto uma mãozinha puxar a barra do meu pulôver e abaixo os olhos para encontrar os de Lora. Seus cabelos amarelos foram amarrados em dois pequenos coques nas laterais, uma mecha ondulada caindo ao lado do rosto.

— Tio Hans, trouxe as luzinhas e o *Froot Loops*?

Olho por cima das sacolas até encontrar o cereal e as barras de chocolates.

— Eu trouxe. — Entrego o cereal para ela, que o agarra como se sua vida dependesse disso. — Mas obedece a mamãe e só come quando ela deixar, certo?

Lora se vira imediatamente para Becky, os grandes olhos azuis suplicantes.

— Posso, mamãe? Agora. Estou com tanta vontade!

A mãe suspira e acena. Diante a permissão, pego uma tigela azul, colher e leite. Lora se acomoda na mesa assim que tiro as sacolas e fica ali comendo seu cereal enquanto eu termino de guardar as compras, Becky me ajudando na tarefa da melhor maneira que pode por causa de Archie no seu colo.

— Quanto tempo ele tem? — pergunto ao alcançar a parte mais alta do armário, onde guardo um pote de pasta de amendoim.

— Nove meses — Becky responde e me entrega o próximo item de dentro da sacola, algumas caixinhas de massa de tomate.

Olho para o quintal dos Watson enquanto a resposta de Becky assenta em minha mente. Fico tentado e curioso a lhe fazer mais perguntas, mas, desde que bateu em minha porta, sinto como se ela estivesse se esquivando o tempo inteiro, irrequieta e amedrontada. Terminamos de guardar os alimentos quase em silêncio — os resmungos de Archie e Lora mastigando o cereal são todo o barulho que preenche o cômodo.

— Eu também comprei isto para ele. — Mostro o mordedor em formato de estrela de cinco pontas, ainda na embalagem. Archie logo se inclina no colo da mãe em direção ao brinquedo, todo interessado.

— Hans, eu não sei nem como agradecer... — sussurra, pegando o produto das minhas mãos e entregando para o menino.

— Podemos montar as luzinhas, tio Hans?

Viro-me para Lora, que está terminando de comer seu *Froot Loops*. A mãe dela parece a ponto de adverti-la pelo pedido, mas eu contorno a mesa e fico ao seu lado, agachando-me até estar à sua altura.

— Claro que podemos. Eu comprei algumas outras decorações. Você gosta, não é?

Ela sorri e assente ao sair do seu lugar e caminhar devagar até a sala, onde as sacolas com os acessórios ficaram sobre o sofá.

Lora começa a revirar os sacos, um sorriso bonito e sincero iluminando seu rosto conforme encontra os enfeites. Observo-a por um segundo, ainda curioso com seu desejo. Volto ao mundo real quando Becky pigarreia.

— Está com fome? — Seus olhos vagam até meu relógio na parede. — Saiu só com o café da manhã no estômago.

Assinto.

— Um pouco. Eu devo ter algo... — Dou um passo à frente e Becky move a cabeça de um lado a outro.

— Se importa em ajudar a Lora? — Indica a menina com o queixo. — Eu cuido do almoço.

Olho por cima do meu ombro, em direção à garotinha toda feliz com os adornos, e isso faz estremecer algo dentro de mim.

Gosto de ver seu sorriso de criança, a inocência que exala dos seus olhos azuis, da alegria tão pura enquanto avalia o que eu trouxe.

— Certo.

Antes de caminhar até lá, avalio Becky mais uma vez. Ela está perdida na minha cozinha, procurando panelas e ingredientes para o que pretende preparar, tudo isso com Archie encaixada no seu quadril.

— Me deixa ficar com ele — peço apontando para o menino.

— Se ele não for me estranhar, é claro. Você fica mais livre e descansa um pouco o braço.

Becky detém o olhar sobre o filho por um segundo antes de consentir. Estico os braços para Archie e o chamo. O menino faz não com a cabeça e esconde o rosto no pescoço da mãe. Como artimanha, pego o mordedor das mãos dele, desembalo-o e mostro para ele. O danadinho fica interessado e, finalmente, vem até mim.

Levo-o até a sala com Lora e o coloco sentadinho no tapete perto da lareira. A menininha e eu desembalamos todos os enfeites e os separamos para começarmos a adornar minha sala.

Não deixo de notar a alegria de Lora ao esticarmos os pisca-pisca na lareira e os ligarmos na tomada. Seus olhinhos azuis brilham frente as luzinhas, fixados no simples adorno. Sentado no tapete, Archie também parece hipnotizado com as luzes piscando, o que de certa forma é compreensível. Pela sua idade, é o primeiro Natal dele. Volto-me para a pequena de cabelos loiros, vendo-a tocar com delicadeza as pequenas lâmpadas, como se nunca tivesse visto uma de perto.

O menorzinho sai de seu lugar, resmungando na sua língua de bebês, e se arrasta de barriga na nossa direção. Eu o pego no colo e o levo para perto do pisca-pisca, suas pequenas mãos tentando alçar as luzes. Enquanto isso, Lora agarra as meias vermelhas e as estica para cima, como se tentasse colocá-las na parte superior da lareira.

— Não alcanço, tio Hans. — Agacho-me na sua altura e a convido a se encaixar no meu braço livre.

— Eu te ajudo.

Ergo-a em meus braços e a aproximo da parte superior da lareira. Meus olhos correm rapidamente até Becky na cozinha, e ela está ali, segurando uma panela e olhando para nós com uma expressão que é difícil de decifrar. A mulher sorri e se vira de costas, colocando a panela sob a água corrente da torneira. Lora protesta de novo porque está na altura certa, mas eu a

mantenho longe. Pisco e volto ao mundo real, aproximando-a do seu objetivo.

Com um grande sorriso, ela pendura a meia no prego que está ali.

— Tem mais três — observa, apontando para o sofá onde deixamos todos os enfeites natalinos depois de desembalá-los. —

Uma meia para cada um, né, tio Hans?

Olho da lareira para o sofá, constatando que, sim.

Teoricamente, há uma meia para cada um de nós. Acho que foi um pouco inconsciente da minha parte. No Ano-Novo, tudo isso vai para dentro de uma caixa que ficará na calçada para alguém levar embora.

— É, uma meia para cada — concordo, por fim, com um sussurro.

Lora coloca as outras três meias, uma ao lado da outra, e o sorriso em seu rosto é de pura satisfação. Ela desce do meu colo e revira os adornos até encontrar dois chapéus de Papai Noel que eu também trouxe. Ela encaixa um na cabeça e coloca o outro em Archie. A peça nele fica um pouco grande mais, o que faz a barra do

acessório cair sobre seus olhos. O menino fica incomodado e retira o chapéu da cabeça, preferindo amassá-lo entre os dedinhos.

— Podemos ter uma árvore de Natal, tio Hans? — Lora pergunta, agora pegando a caixa de bolas natalinas. — Para colocarmos *elas* — diz ao erguer os adornos em suas mãos.

— Lora... — a advertência vem da mãe dela, e a pequena se vira rapidamente na sua direção. A panela com água está sobre o fogão aceso agora, e Becky faz menção de vir até nós, mas eu acalento a situação.

— É um pedido justo, Becky. Sem árvore de Natal, não há como pendurar as bolinhas natalinas, não é, Lora?

A menina assente com um sorriso e procura pela mãe mais uma vez, acho que temendo levar outra bronca.

— Não quero arriscar ir cortar um pinheiro na fazenda de cultivo na cidade vizinha. Está vindo uma tempestade e temos que ficar dentro de casa para estarmos seguros. Mas... acho que devo ter uma artificial guardada no meio da minha bagunça lá na garagem. Não garanto muito, pequena — digo para Lora, que gargalha em seguida e aponta o dedo para Archie ainda em meu colo.

Abro um sorriso pequeno ao notar que ele enfiou o chapéu na cabeça de novo, com a barra do acessório caindo sobre seus olhos mais uma vez. Puxo o chapéu para trás e ele me dá um sorriso com quatro dentinhos, dois em cima e dois embaixo.

— Quer ajudar a montar a árvore de Natal, Archie? —

pergunto e levo um instante para notar que faço um afago nas suas bochechas gordas. Abaixo a mão rapidamente, dando-me conta do carinho aleatório. Não evito um sorriso ao ver que ele acena, como se tivesse me entendido. — Então, depois de comermos, vamos buscar a árvore e montar, certo?

Lora dá saltinhos no lugar um segundo antes de correr até a mãe — agora no fogão —, puxar a barra de sua blusa e contar a novidade. Ela ainda pula e bate palmas, toda animada com a

expectativa do que vamos fazer. Eu me aproximo e me sento à mesa, apoiando Archie na minha coxa.

— Você gosta muito do Natal, Lora?

O sorriso no seu rosto morre diante minha pergunta; seus olhos se abatem e ela se agarra com força à cintura da mãe. Becky repara na mudança do comportamento da filha e a abraça, sussurrando algo em seu ouvido. A menina assente e, de repente, como se nada tivesse acontecido, ela vem na minha direção e faz um pequeno esforço para se sentar na cadeira vazia.

Procuro por Becky nesse momento, estranhando o que foi que aconteceu aqui, mas ela foge do meu olhar ao retornar para a comida que prepara no fogão. Archie se remexe no meu colo, o que me chama de volta ao mundo real. Ele se inclina sobre a mesa, querendo pegar a embalagem do mordedor que ficou ali.

— Eu gosto do Natal — Lora diz com um sussurro. Ela apoia os braços na mesa e deita a cabeça no braço esquerdo, os olhos azuis muito atentos em mim. — Mas o meu papai não deixava a gente enfeitar a casa. Ele ficava muito, muito bravo e dizia que era bobagem.

Não sei como reagir nesse momento. Posso ser um homem que não vê a importância que os outros veem no Natal, mas eu jamais faria algo do tipo com uma criança.

— Também acha o Natal uma bobagem, tio Hans? Você não tinha enfeites e não montou a árvore.

— Lora, não perturbe o tio Hans — Becky adverte. Ela escorre o macarrão na cuba da pia e, por cima do ombro, envia um olhar de advertência. A menina se encolhe e esconde rosto entre seus braços.

— Eu não acho o Natal uma bobagem — respondo, para a alegria da menina, que ergue a cabeça e me dá um sorriso sincero.

Desvio o olhar para Archie, distraído com a embalagem do mordedor. Ele bate as mãozinhas e emite sons no seu linguajar de bebês. — Eu só...

Escolho bem as palavras porque não quero soar como alguém que odeia a data. Não odeio, só prefiro o Ano-Novo.

— Eu não gosto é de enfeitar a casa — encontro a desculpa perfeita que, em partes, é verdade. — Dá um trabalhão antes e depois para guardar tudo no lugar... — Reviro os olhos e bufo, o que faz a menininha rir baixinho.

Sem saber exatamente o motivo, eu me viro para Becky e vejo um sorriso pequeno nela, causado pelo riso da filha, seus olhos na nossa direção

enquanto termina o molho do macarrão. Sua expressão de felicidade esmoesse quando nota que estou a observando. Becky pigarreia e suspira em seguida.

— Não precisa montar a árvore, não é, Lora? Estamos só de passagem e a última coisa que queremos é deixar bagunça para o tio Hans arrumar.

A menina fica triste na mesma hora e isso, por algum motivo que seja, aperta meu coração. Eu deveria concordar com a mãe dela. Dentro de três ou quatro dias, eles vão seguir viagem e a última coisa que preciso é de uma bagunça para arrumar. Também não me interessa em deixar a casa adornada, porque isso vai me lembrar de Katherine e...

Suspiro, não conseguindo dizer não para Lora, agora toda encolhida no seu lugar. Não posso frustrar as expectativas da menina desse jeito. Se seu desejo sempre foi montar uma árvore de Natal e o babaca do pai sempre foi contra, não serei frio ao ponto de negar um pedido tão... inocente. Por Deus, ela é só uma criança.

— Mas a pequena quer — digo com cuidado, também não querendo contrariar a ordem da mãe. — Se estiver tudo bem para você, não vejo problema em Lora me ajudar a montar a árvore.

Becky me olha de um jeito diferente, talvez tocada pelo meu gesto, e noto que há certa tristeza nas suas íris. De repente, seu passado, sua vida antes de esbarrar na minha, a história com o ex-marido que a deixou por uma garota mais nova me deixam curioso.

Por que essa minha necessidade tão repentina de querer desvendar o que há por trás dos seus olhos tristes?

Devagar, ela assente, o que faz um sorriso radiante surgir em Lora. Ela pula do seu lugar e corre de volta à lareira, parando de frente para as luzes que piscam sem parar. Ela fica ali, observando-as com atenção, cantarolando uma canção natalina. Archie fica todo animadinho em meu colo, os braços estendidos na direção da irmã.

Eu o levo até lá e o coloco no sofá junto do mordedor e do gorro de Papai Noel que o distraem por tempo suficiente. Lora se senta ao seu lado, abraça-o amorosamente e conversa com ele sobre os enfeites, para que servem as meias e que de presente de Natal gostaria que o pai os amasse de verdade.

Isso atinge meu coração de uma maneira incompreensível.

Dói tão profundamente que não sei nem mesmo dimensionar. Eu procuro Becky na cozinha, que ouviu tudo daqui. Ela desvia rapidamente seu olhar abatido, fingindo que não escutou nada do que a filha disse. Já eu não consigo fingir o quanto o pedido de Lora me afetou.



CAPÍTULO 04

Becky prepara uma macarronada à bolonhesa para o almoço. Eu me sento ao lado de Lora enquanto a mãe alimenta Archie com uma papinha que ela tinha de reserva na bolsa. Um sorriso surge em mim, inevitavelmente, ao ver a garotinha sugar o fio de macarrão que bate no seu queixo e deixa ali sujo de molho.

A atmosfera pesada que se instalou na sala assim que a pequena mencionou seu desejo não perdurou muito. Logo, Archie soltou uma gargalhada contagiante que fez a irmã rir junto. Sem demora, Becky estava rindo também, mesmo sem saber o motivo, e eu não resisti. O som das gargalhadas das crianças durou trinta segundos e foi o momento mais alegre que tive em minha casa desde a morte de Katherine.

— Sua árvore é grandona, tio Hans? — Lora pergunta e, em seguida, suga outro fio de macarrão.

Ergo meus braços acima da minha cabeça, ilustrando a altura.

— Assim, desse tamanho.

Os olhos dela ficam enormes, como se nunca tivesse visto uma igual.

— Isso é muito grande! — exclama, toda animada. — Você vai me ajudar a colocar as bolas nas partes mais altas, né, tio Hans?

Porque eu sou baixinha. Desse *tamaninho* aqui. — Ela vira a palma direita para baixo, direcionando-a para o chão.

Não evito um sorriso pequeno com sua declaração. Pego um pedaço de guardanapo e limpo seus lábios e o queixo sujo de molho de tomate.

— Vou sim, pequena.

Lora balança a cabeça, satisfeita com minha resposta.

Procuro por Becky, à minha frente, que se reveza para comer sua porção de macarronada e alimentar o pequeno Archie. Outro sorriso surge em mim, quase de forma involuntária, por causa dos lábios

dele sujos de comida. Eu desvio os olhos rapidamente quando ela nota que estou os observando e me volto para a menininha, agora enrolando mais um pouco de macarrão no garfo que parece grande demais em suas mãos.

— Então... — menciono devagar, não evitando a curiosidade que me acomete. — A casa dos seus avós tem bastante enfeites de Natal?

— Eu não sei — a menina responde sem pensar duas vezes.

— Nunca fui na casa da minha vovó.

Becky pigarreia, chamando minha atenção, e eu franzo o cenho, ainda encarando a menina. Como assim ela *nunca foi*...?

— É claro que você já foi à casa da vovó, Lora — a mãe intervém suavemente. — Mas você era pequena demais e não se recorda. A última vez só tinha dois aninhos.

A informação pega até a pequena de surpresa que se vira na direção da mãe, interessada. Entretanto, Becky não faz mais qualquer questão de esclarecer e aconselha a menina a terminar sua refeição. Por todo o restante do almoço, permanecemos em silêncio, e eu fico o tempo todo me pensando sobre essa questão.

Ao terminarmos, Archie resmunga e coça os olhos de sono.

Enquanto Lora escova os dentes, a mãe faz o menor dormir, andando com ele para lá e para cá na minha sala. Nesse intervalo, eu limpo a cozinha do almoço.

Vou até Becky ao terminar de limpar tudo. Ela está sentada no sofá terminando de colocar os filhos para um cochilo. Lora está abraçadinha ao irmão caçula, dormindo um sono sereno e profundo.

— Quer conversar sobre a Lora? — Cruzo os braços, parado atrás do sofá. Estou curioso e não vou esconder isso. Se Becky não quiser me contar nada, tudo bem, vou entender. Mas não farei cerimônia para fazer minhas perguntas.

Ela suspira, os olhos nos filhos, e faz um carinho neles.

— Lora é só uma criança, Hans. De certa forma, a realidade para ela é distorcida. — A mulher se vira para mim agora. — O

último Natal dela na casa dos meus pais foi há dois anos, mas antes disso, é claro que eu os via. Eles costumavam ir para Aberdeen nas festas de finais de ano.

Assinto e aperto mais o braço contra meu tórax, sentindo-me idiota por tocar no assunto. Eu não tinha qualquer direito e deveria saber que não dá para levar a sério tudo o que uma criança diz. Se Lora só tinha dois anos a

última vez que foi à casa dos avós, é lógico que ela não se lembraria e, por conta disso, diria que nunca foi para lá.

— No Natal passado — Becky prossegue, agora em pé e virada para mim, na mesma pose que eu —, eu estava grávida do Archie de seis meses. Viajar estava me deixando muito enjoada, então preferimos não ir até meus pais.

— Entendo — sussurro me sentindo um pouco envergonhado por ter me intrometido em algo que não era da minha conta. —

Desculpe por ter...

— Tudo bem, Hans. — Recebo um sorriso pequeno e ela se volta para os filhos outra vez. Noto que seus lábios morrem aos poucos e a postura se abate. Becky inspira fundo e expira devagar.

Não é necessário, ainda assim, ela se aproxima dos pequenos e ajeita os edredons em cima deles. — Lora adora o Natal. Os enfeites, as luzinhas, os presentes, as comidas.

Rio baixinho e aceno. Becky me olha, sem esconder a tristeza nos olhos, e não diz mais nada. Eu me seguro para não fazer mais perguntas inadequadas, para não querer saber por que diabos ficou casada com um homem que dizia para uma criança que Natal era bobagem e a privava de uma felicidade simples.

— Assim que ela acordar... — sussurro — vou buscar a árvore na garagem.

Becky engole em seco e assente.

— Nunca vou ter palavras suficientes para te agradecer.



Movo a cabeça em negativo e desvio os olhos para a janela da minha sala. A nevasca prometida está chegando, os flocos agora caindo com muito mais força. Até à noite, será impossível sair de casa.

— Acho que isso vai ser bom até para mim...

Lora está aflita e inquieta sob o umbral da porta que liga os fundos à minha garagem. Becky colocou mais um casaco, luvas e toca na menina porque, de repente, o tempo esfriou muito mais do que prevíamos. Puxo a caixa de cima de uma prateleira no alto e a trago para o chão. Está empoeirada e lacrada com fita de empacotar. Becky surge um instante depois, Archie encaixado no seu quadril e também todo enrolado em uma coberta, sugando sua chupeta.

— Vamos ver se isso ainda está em bom estado. — Apoio a caixa no chão e faço um movimento para Lora se aproximar, que o faz de forma um pouco tímida. Ela para ao lado da caixa, os pezinhos unidos um ao lado do outro.

— Aqui, Hans. — Becky me entrega um estilete que a orientei pegar na gaveta da minha cozinha e uso para rasgar a fita.

Ao puxar as abas para fora, o verde dos festões aramados da árvore salta aos meus olhos. Lora bate palminhas, incapaz de conter sua animação, o que me faz sorrir por um momento. Pego alguns festões, um por um, e avalio o estado deles. Não estão novos, mas estão bem conservados e dá para satisfazer os desejos da pequena. Nunca liguei muito para a data, mas como Katherine gostava, nós costumávamos cortar um pinheiro em fazendas de cultivo. No último Natal dela comigo, Kate, por qualquer motivo que

desconheço, preferiu comprar uma artificial, que eu mantive guardada desde sua perda.

— Bom, parece que temos uma árvore — menciono e ergo a caixa nos meus braços.

Voltamos lá para dentro e procuro um bom local para montá-la, o que fica decidido, com a ajuda especializada de Lora, que logo ao lado da lareira é um bom lugar. Começamos a montar a estrutura, encaixando os galhos da base até o topo. Depois, Becky, que se reveza para ficar de olho em Archie sentado no tapete, e Lora me ajudam a armar os galhos e deixá-los volumosos.

A menininha abre um sorriso enorme frente à árvore, já parecendo feliz o suficiente. Acho que ela se contentaria em deixá-la assim, sem qualquer adorno. Observo seu sorriso inocente, a felicidade que exala dos olhos azuis, e isso aquece um pouco meu coração.

— Os enfeites, tio Hans! — Ela corre até os ornamentos que comprei no hipermercado, junta tudo quanto pode nos pequenos braços e os traz para mim, derrubando alguns itens no percurso.

Becky a adverte, e eu rio um pouquinho ao ir ajudá-la.

Separamos laços, bolas, estrelas e iniciamos o processo. Um sentimento diferente me assalta cada vez que Lora sorri colocando um dos adornos nos galhos. É bom, me aquece, me faz sentir vivo.

Assim como a pequena, a mãe dela também parece um pouco mais alegre ao nos ajudar. Como de costume, ela está com Archie e conversando com o menino conforme distribui as peças. Vez ou outra, ela coloca um dos enfeites nas pequenas mãozinhas dele e o aproxima da árvore. É claro que o menino não consegue pendurá-los ali, na maioria das vezes leva o objeto à boca, então a mãe precisa intervir e, com suas próprias mãos, pendurar o adorno. De qualquer maneira, é algo que faz Archie sorrir até os olhos.

Dou um passo atrás para observar o que fizemos. Foi um bom trabalho, mas nem de longe está bom. Comprei poucos

enfeites — até porque não pretendia adornar nada —, o que faz com que a árvore pareça pelada, como se estivesse faltando algo.

— Está bonita — Becky diz, avaliando-a de cima a baixo.

— Poderia ter mais enfeitezinhas — Lora observa. A mãe, ao seu lado, desfere um tapinha de leve no seu braço.

Sorrio e abano a cabeça em positivo, aproximando-me e me colocando ao lado da pequena.

— Tem razão, Lora. Devo ter outra caixa com mais enfeites guardados. Vou buscar.

Volto à garagem e procuro entre minhas tralhas os enfeites que Katherine fazia questão de ter. Levo dois minutos inteiros para encontrá-la por trás de algumas latas de tinta em uma das prateleiras mais acima. Tomo-a em meus braços e a levo para a sala. Lora logo me rodeia, ansiosa. Uso o estilete para cortar a fita adesiva e faço algum suspense antes de puxar as abas e revelar um mundo de todo tipo de enfeites natalinos: bolas, estrelas, meias, pirulitos, miniaturas de papais Noéis, laços, pequenas caixinhas de presentes e piscas-piscas que não sei se ainda funcionam.

Começamos a distribuir os itens da caixa. Becky pendura as bolas e estrelinhas, Lora fica encarregada de espalhar os laços e papais Noéis — e, às vezes, eu tenho de parar com o meu trabalho e erguê-la na altura dos galhos que não alcança —, e eu fico com as caixinhas de presentes e pisca-pisca, que, afinal, ainda funcionam, sim.

— Tio Hans, quem é essa moça bonita?

Eu me viro na direção da menininha, que está agachada frente a caixa com um porta-retrato em mãos. Meu coração quase para nesse momento e preciso de um momento valioso para não perder a compostura.

Becky se adianta até a filha e pega a fotografia de suas mãos. Seus olhos se detêm por um segundo rápido na imagem de

Katherine comigo antes de advertir a filha por ficar xereteando em minhas coisas. Lora franze os cenhos.

— Não estava xereteando, mamãe. Eu só fui pegar outro enfeite e achei a foto. — As intensas íris azuis de Lora voltam para mim. — Quem é ela, tio Hans?

Eu pisco um par de vezes, como se estivesse esquecido de como se fala.

— Lora, chega de perguntas. — Becky ajeita Archie no seu colo e deixa o retrato sobre a lareira.

— Mas eu só queria saber...

— Lora! — Becky é mais incisiva dessa vez, sem erguer a voz, e a menina se encolhe no seu corpinho.

Sem graça pela bronca da mãe, ela simplesmente pega mais um laço e dá a volta na árvore, procurando um lugar livre para colocá-lo. Meus olhos e os de Becky se encontram um instante depois.

— Desculpe, Hans.

Movo a cabeça de um lado a outro, dispensando sua preocupação. Não foi culpa dela. Eu nem mesmo sei como o retrato de Katherine foi parar na caixa. Aproximo-me da lareira e pego a imagem, meus olhos fixos no que acho que foi o último retrato que tiramos juntos. Foi no jantar de Ação de Graças na casa dos pais dela, e Katherine...

Suspiro, quase sem perceber. Katherine não parecia muito feliz nem agradecida. Nesse dia, ela forçou o sorriso ao meu lado, frente à lareira da casa dos pais onde batemos a fotografia, e seus braços ao redor da minha cintura, lembro com clareza, pareciam sem vida, como se ela não quisesse estar ali. Estar *comigo*. Meu coração aperta quando me recordo que a data de seu falecimento está chegando. Tenho bloqueado essa lembrança há quase um mês, mas agora, com a aproximação da data, é inevitável não me recordar. Serão quatro anos desde que ela morreu.

Devolvo à fotografia ao local que Becky o deixou e vou até Lora. Agachome na sua altura e a ajudo com o laço que está colocando em um dos

festões. Procuro pelo olhar de Becky um momento antes de me voltar à pequena.

— A moça bonita — menciono — era minha esposa.

Lora se vira para mim rapidamente, os olhos estalados.

— Onde ela está agora, tio Hans?

Passo a mão pelo rosto, devagar, procurando o modo mais adequado de contar. Sinto Becky se aproximar e se pôr perto da filha, deixando-a entre nós dois.

— Ela se foi.

Lora pisca duas vezes.

— Ela foi embora?

Becky apoia a mão no ombro da filha, o outro braço firme para manter Archie em seu colo.

— Lora, se lembra do Tobey?

A menina move a cabeça para cima e para baixo.

— Era meu hamster de estimação. Ele virou estrelinha. —

Becky olha para mim por um momento e me oferece um sorriso complacente. Entendo o que fez por mim e assinto. — O que isso tem a ver com a moça bonita da foto?

Lora olha de mim para a mãe.

— Minha esposa também... virou uma estrela, Lora.

Os olhos dela se assustam, os pequenos lábios se entreabrindo devagar conforme compreende a magnitude da informação. Então, sem que eu

espere, Lora vem até mim e me abraça. Seus pequenos braços se apertam em torno do meu pescoço com uma força que não achei que poderia vir de um ser tão minúsculo. Eu me desarmo por completo nesse momento e sinto como seu abraço é o gesto mais sincero que senti desde a perda de



Katherine. Muitas pessoas vieram me abraçar e desejar condolências, mas nunca senti que elas, de fato, se compadeciam de minha dor.

A pequena se afasta e planta um beijo suave na minha bochecha antes de voltar para seus enfeites e escolher os próximos laços que vai colocar nos galhos. Eu me levanto, pego o retrato meu com Katherine e o coloco sobre a lareira. Fico alguns segundos observando nossa última foto juntos enquanto os três continuam com a saga de adornar a sala. Depois, penso na porção de trabalho que preciso entregar. Eu deveria ir até meu escritório e terminar a leitura para enviar à redação, não voltar a ajudar Lora com os enfeites.

Mas é o que eu faço.

Com Archie no colo, Becky está tentando desenrolar os últimos piscas-piscas. Eu me apresso a ajudá-la e recebo um sorriso de agradecimento. Quando consigo desembaraçar os fios, entrego uma ponta para ela, e a outra fica comigo. Contornamos a árvore com as luzinhas, cada um indo por um lado, e eu me distraio um instante com Lora agachada em um ponto, ajustando um papai Noel que ficou torto. Minha distração me faz perder a noção do quanto andei e quase esbarro em Becky ao nos encontrarmos.

Eu tomo um susto e ela ri baixinho. Nossos olhos se encontram por um momento que parece muito longo, e eu noto, estando tão perto assim, em como ela é muito mais bonita. Engulo em seco e forço um sorriso ao sair do

seu caminho. Becky termina de enrolar as luzes na árvore e eu faço o mesmo.

— Já podemos ascender as luzes, tio Hans?

Assinto e deixo o ambiente mais escuro para melhorar a experiência. Ao colocar as luzes na tomada, Lora dá saltinhos em seu lugar, contagiando a casa toda com sua alegria. Archie fica animado junto da irmã, não sei se apenas um reflexo da animação dela ou se ele próprio encantado com as luzes. Nós quatro nos juntamos um ao lado do outro para contemplar nossa obra de arte e, estranhamente, gosto do trabalho que fizemos. Os enfeites que encontrei na caixa de Kate realmente embelezaram mais os galhos.

— Ficou muito lindo, tio Haaans — Lora grita e corre em volta da árvore. Becky chama sua atenção e eu me divirto. O estômago até treme de leve. Não me recordo de quando foi a última vez que ri desse modo. — Nossa árvore é enorme assim e assim — ela para de frente para mim e para a mãe e abre os braços na vertical, depois, na horizontal — e muito, muito bonita!

Archie gargalha no seu lugar, o que faz Becky olhar para ele e abrir um sorriso bonito. Ela o acaricia no rosto e planta um beijinho maternal em sua bochecha. Sua imagem assim, de perfil, abala algo dentro de mim.

— Falta a estrela, tio Hans! — Lora avisa, apontando para o topo. Em seguida, corre até a caixa e pega a estrela maior para colocar na ponta.

— Vamos resolver isso agora mesmo — anuncio e me agacho a sua altura. Indico meu ombro e logo Lora está montada em mim, segurando-se com toda força.

Eu me ergo e me aproximo do topo. Com cuidado, a menina encaixa a estrela no seu lugar. Ela gargalha, toda animada, e diz que “agora, sim, está perfeito”. Eu a coloco no chão de volta e a menina fica ainda por muito tempo rodeando a árvore, encantada.

Depois, reclama que faltaram os presentes debaixo dela. Becky, mais uma vez, precisa advertir a menina. Eu não dou a mínima para sua exigência e

penso que, se houvesse um jeito, atenderia seu desejo sem pensar duas vezes.

Sem perceber, fico algum tempo observando esses três na minha sala, encantados com a árvore de Natal, com as luzes e com os adornos que fizemos durante toda a tarde. Becky parece mais animada enquanto conversa com o Archie e o incentiva a tocar nos galhos; Lora fica toda saltitante e cantarola canções natalinas.

Mal tem um dia que eles estão aqui comigo e o conforto que trouxeram ao meu coração, a alegria que trouxeram ao meu dia, os sorrisos que conseguiram me arrancar em um espaço de tempo tão curto são simplesmente inestimáveis para mim.



CAPÍTULO 05

Deixo os três se divertirem com a árvore de Natal e me refugio no escritório para terminar meu trabalho. Passo todo o restante da tarde e início da noite enfurnado aqui ouvindo, vez ou outra, o barulho deles na minha sala: as risadas das crianças, Becky andando para lá e para cá e panelas batendo. Pela janela do cômodo, assisto a neve cair impiedosamente no meu quintal e se acumular na guarnição da janela e um pouco contra o vidro. Já está escuro lá fora quando decido esticar as costas e fazer uma pausa.

Saio do escritório e ao cair no corredor que leva até a cozinha, encontro Becky, Archie encaixado no seu quadril.

— Eu estava indo te chamar para comer algo. Fiz macarrão com queijo.

Assinto em agradecimento e a sigo até a cozinha. Comemos quase em silêncio, não fosse pela conversa que Lora mantém com Archie, posicionado no colo da mãe. Os três interagem mais entre si, e eu permaneço apenas os observando e tentando ignorar a emoção desconhecida que cresce aos poucos. Ao final, Becky pergunta se ela e os pequenos podem tomar um banho. Dessa vez, oriento-a encontrar tudo o que precisa no banheiro ao final do corredor e a deixo à vontade.

Enquanto isso, arrumo o quarto de hóspedes: troco a roupa de cama, armo o berço desmontável, espalho mais travesseiros e cobertas e acendo o abajur ao lado da cabeceira. Depois disso, eu me tranco outra vez no meu escritório. Organizo minha mesa e meu gabinete durante os próximos trinta minutos até que ouço barulhos vindo da cozinha. Lá, encontro Becky terminando de tirar a mesa do jantar.

— Eles dormiram?

— Em dois minutos depois do banho — diz com um sorriso leve. — Foi um dia e tanto e eles estavam bem cansados. Archie sempre demora muito a dormir, mas ontem e hoje desmontou

Puxo uma cadeira da mesa e me acomodo, observando-a empilhar a louça na pia.

— Quer um chocolate quente? — Becky pergunta, virando-se para mim e encostando o quadril na beira pia.

— Quero.

Ela sorri e assente. Como se já estivesse habituada ao meu ambiente e conhecesse cada canto dessa casa, encontra com facilidade as canecas no armário de cima. Ela pega duas, uma delas era a preferida de Katherine, e depois encontra os ingredientes para o chocolate quente.

— O que você faz em Aberdeen? — pergunto, curioso em saber mais dela.

Becky é uma desconhecida na minha casa com duas crianças pequenas e que vai passar os próximos dias aqui comigo.

Acho que posso fazer algumas perguntas e conhecê-la melhor. Eu a noto ficar cabisbaixa de repente, como se a pergunta a afetasse de alguma maneira.

— Eu lecionava — responde, por fim, mantendo-se de costas para mim. Ela mistura os ingredientes do chocolate quente no fogo, a postura um pouco abatida. — Era professora de inglês no Ensino Médio.

Reparo que ela diz “*lecionava*” e “*era professora*” . Fico tentado a questionar porque usou os verbos no passado, mas decido que é melhor não invadir seu espaço. Ela me conta se quiser. Ficamos mais um minuto em silêncio até Becky terminar o chocolate quente e vir até mim com duas canecas. Ela arrasta uma na minha direção e fica com a que era a favorita de Kate.

— Parei de lecionar quando Archie nasceu — explica e envolve sua xícara com as duas mãos, o olhar para baixo durante um segundo antes de assoprar o líquido viscoso e virar um gole pequeno. — Eu me afastei por um ano quando Lora nasceu e depois consegui conciliar da melhor maneira possível o trabalho com a escola.

Não tiro meus olhos de Becky. Não consigo tirar meus olhos de Becky, não sei se preso na sua narrativa ou na sua beleza. Fixo-me nela, atento às expressões do seu rosto e ao que está me contando.

— Mas aí, eu engravidei do Archie e soube que seria muito mais difícil conciliar o trabalho e duas crianças pequenas. O pai dele me aconselhou que era melhor eu dar um tempo, me dedicar às crianças até elas estarem mais crescidas e independentes para só então eu voltar ao mercado de trabalho.

— Entendo — respondo ao concluir que ela abriu mão da sua carreira pelos filhos. — E o pai deles...? — A pergunta fica no ar.

Becky solta um longo suspiro e desvia os olhos para o lado, suas mãos ainda em torno da caneca. Meus olhos descem até seus dedos e sinto algo dentro de mim que não sei dizer o que é. Parece tão errado, tão fora de eixo que essa mulher esteja segurando a xícara favorita de Kate. Sinto como se fosse uma traição. Katherine sempre mereceu uma pessoa melhor do que eu, um marido que a amasse de verdade. Não consigo me livrar desse sentimento de que estou sendo um idiota com minha falecida esposa. Como se não fosse o suficiente eu ter sido um idiota quando ela era viva.

Espanto meus pensamentos mais uma vez, ergo os olhos para Becky e tomo um gole do meu chocolate quente, esperando por sua resposta.

— Ele era do tipo que achava que trabalhar fora e não nos deixar faltar nada era a sua obrigação como homem e era o bastante. Sam nunca trocou uma fralda na vida.

Abaixo os olhos sem ter uma opinião formada sobre o assunto porque nunca soube o que era isso. Tendo vindo de uma família influente e enriquecida, Katherine nunca precisou de mim para sustentá-la. Foi quase ao contrário...

— Eu não queria ter parado, mas não estava dando conta —

Becky continua. — E nessa época, Archie sequer tinha nascido. A barriga gestacional, os trabalhos domésticos, cuidar de Lora, as

provas, trabalhos e alunos... tudo isso estava me sobrecarregando e cheguei à conclusão que quando ele nascesse, eu seria incapaz de conciliar a vida profissional e a pessoal. Não sem comprometer minha saúde. Sam me incentivou a dar uma pausa na carreira, disse que não nos faltaria nada e que sustentaria a casa sozinho.

Uma tristeza diferente trespassa pelos olhos de Becky e sinto que tem muito mais por trás desse olhar do que ela quer deixar transparecer.

— E quando foi que ele te deixou?

Becky entreabre os lábios, como se formulando uma resposta. Eu quero fazer mais perguntas. Ela conseguiu voltar a trabalhar assim que o marido a trocou por outra mulher? Como ela tem lidado com a situação? Existe uma rede de apoio, uma vez que os pais moram tão longe? Como ela foi sair de Fortwood para morar em Aberdeen...?

Aperto o maxilar, assustado em como quero, tão de repente, saber tudo de sua história. Eu não deveria estar sendo tão intrometido e curioso, mas Becky... Becky tem uma força diferente que me atrai e me puxa como uma forte fonte gravitacional, que me faz querer ficar a orbitando.

E isso é tão errado.

Deus, isso é errado demais.

Eu só a conheço há um dia. *Um maldito dia.*

— Archie tinha quatro meses. Não faz muito tempo —

responde, enfim, e, mais uma vez, baixa seus olhos para o chocolate quente antes de sorver um gole.

— Sinto muito — digo com um sussurro, embora minha vontade seja de perguntar como ela está sobrevivendo depois disso.

Becky me dá um sorriso sincero antes de beber mais um pouco do seu chocolate.

— Sinto muito pela sua esposa também — diz com cuidado instantes depois. — Faz tempo que ela faleceu?

Suspiro e, dessa vez, sou eu a abaixar os olhos para minha caneca.

— Dia vinte e quatro de dezembro fará quatro anos.

A expressão dela muda, e Becky tenta dizer alguma coisa. Eu me levanto do meu lugar, trazendo minha caneca junto, e paro frente à janela basculante que mostra o quintal dos Watson. O

boneco de neve que a filha deles montou no dia anterior ainda está ali, agora envolvido por mais alguns adornos natalinos que eles devem ter colocado em algum momento entre ontem e hoje antes da nevasca. Observo os flocos de neve caindo junto ao vento impiedoso que bate contra o vidro e assobia noite afora. Sinto Becky se aproximar por trás de mim, parando a uma pequena distância das minhas costas. Meu corpo congela e um arrepio diferente sobe por minha espinha sem que o motivo seja o frio que está fazendo. A aproximação de Becky me deixa um pouco afetado e em alerta.

Endireito melhor a coluna, meus olhos ainda fixos no quintal dos meus vizinhos.

— Eu sinto muito. É por isso que você...

Eu me viro na mesma hora, e Becky para de falar. Entendo o que estava prestes a dizer e balanço a cabeça.

— Não. Não é por isso que não enfeito a casa. Eu realmente só não me importo o suficiente com a data para enfeitar minha sala.

Sempre fui assim. Katherine é quem adorava e eu não fazia qualquer objeção. — Um sorriso pequeno surge em mim ao me recordar dela sempre tão animada para começar as decorações. —

Lora e ela se dariam muito bem.

Becky sorri e assente, os olhos nos meus por um segundo longo demais. Ela parece voltar ao mundo real e termina o percurso até a pia. Ao depositar sua caneca na cuba, ela pega uma esponja para ensaboar a louça.

— Deixa, Becky.

— Até parece — rebate com uma nota leve de humor. — É o mínimo que preciso fazer.

Reviro os olhos e inclino o corpo sobre a pia, deixando-me repentinamente perto dela. Becky arregala os olhos com a aproximação, eu continuo fixado

em suas íris castanhas, levo minha mão à torneira e seleciono o registro da água quente.

— É o mínimo que devo fazer — devolvo.

Becky não diz nada, seus olhos muito fixos nos meus. Da mesma forma, não paro de olhar para ela, atraído demais não só pelo mistério que a ronda, mas também por sua beleza, pelo perfume suave de sua pele e dos seus cabelos, pelo modo como parece me chamar para sua boca. Droga, estou tentado demais.

Faz muito tempo que meu corpo não sabe o que é o calor de uma mulher. Isso deve explicar porque estou tão... encantado por Becky. Quantas vezes terei que dizer ao meu coração, à minha mente e ao meu corpo que ela é uma desconhecida? Não faz qualquer sentido eu estar assim, como se fosse amor à primeira vista.

Amor à primeira vista?

Bobagem, digo a mim mesmo. Isso sequer existe.

Becky é só uma mulher bonita na minha casa e faz muito tempo desde que estive com uma mulher bonita. Meu organismo só está cobrando por tantos meses em abstinência sexual.

Corto nosso contato visual apenas para olhar para seus lábios, os mesmos pelos quais ela passa língua, devagar, mexendo com todas as partes do meu corpo. Minha respiração se desregula ligeiramente e posso sentir meu coração bater um pouco mais forte do que antes. Inclino-me mais na sua direção e encurto a distância entre nossas bocas, sem pensar muito no que estou fazendo. Só quero sentir seu gosto, sua textura. Ergo meus olhos aos seus conforme avanço lentamente, desejando que ela não recue ou me impeça. Becky não faz nem um nem outro. Ela fica apenas parada, sem mover um músculo, sua respiração também um pouco acelerada. Quando fecha os olhos, eu toco seus lábios com os

meus. Começo com um beijo superficial, lento, apenas... testando como é que nossas bocas se encaixam.

Os sentidos vão me invadindo aos poucos. Seus lábios são macios e quentes; o aroma da sua pele e dos seus cabelos é delicioso e faz meu coração bater mais forte; a expressão do seu rosto, antes um pouco tensa e assustada, agora é mais relaxada conforme movo minha boca na sua; ouço sua respiração mais ruidosa, o tipo de som, reconheço, que demonstra que ela está excitada com o momento. Becky se torna cada vez mais receptiva e, ao notar que ela não vai criar qualquer resistência, contorno sua cintura e a puxo para mim, afundando-me nela. A mulher suspira e amolece nos meus braços, sua boca acompanhando o ritmo da minha.

Um instante depois, quando estou pensando em segurá-la pela nuca e puxá-la contra mim mais um pouco, Becky me afasta delicadamente. Ela respira com dificuldade e noto suas bochechas coradas. A mulher ainda está segurando a droga da esponja, a água ainda escorre na pia, e é para a droga da esponja que ela olha por alguns segundos.

— Eu vou limpar sua cozinha e ir me deitar — diz com um sussurro.

Eu me afasto um passo, passando a língua pelo lábio inferior, e aceno em positivo.

— Tudo bem, Becky. Você pode deixar a louça aí.

— Faço questão, Hans.

Engulo em seco e não sei mais como agir.

— Certo. Eu... preciso terminar umas coisas do trabalho —

digo, e Becky permanece de costas. — Se precisar de mim, pode me procurar no escritório. Vou ficar por lá até um pouco mais tarde.

— Obrigada.

Eu a observo por mais um segundo ou dois. Ela continua ali, ensaboando a louça, a cabeça erguida na direção da casa dos



Watson. *Diabos*, por que ela não foi pedir ajuda lá? Por quê?!

Tentando ignorar um sentimento de raiva desconhecido que atravessa meu corpo, eu viro nos calcanhares e vou para meu escritório.

Na manhã seguinte, um bater suave na minha porta me desperta.

— Tio Hans? — Ouço a voz fininha de Lora e, em seguida, o ranger das dobradiças de leve, indicando que ela empurrou a porta.

Remexo-me na cama e me viro em direção à entrada do quarto. Coço os olhos, ainda sonolento, e vejo a pequena silhueta sob o umbral.

— Lora? — Olho no relógio na cabeceira. Seis e meia da manhã. — O que houve? — pergunto já me levantando, um pouco preocupado e em alerta. Ao me aproximar da pequena, noto que está de pijamas, enrolada em uma coberta e de touca na cabeça.

— O Archie está com fome, eu acho.

Fico sem entender por um segundo, até que ouço os resmungos dele vindo do quarto de hóspedes.

— Onde está sua mãe?

A pequena aperta o cobertor com mais força ao redor do seu corpinho.

— Dormindo. — Entreabro os lábios, sem reação diante sua resposta. — Pode dar de mamar a ele, tio Hans?

Pisco um par de vezes. O choro de Archie começa a aumentar e eu me apresso a ir acalmá-lo. Lora segue meu encalço

e, ao entrar no quarto de hóspedes, encontro Becky enrolada na cama entre os edredons, sono profundo, parecendo exausta, e o pequeno no berço desmontável em pé apoiando-se pelas beiras. Os olhinhos estão encharcados e ele chora com a chupeta entre os dentes.

— Tudo bem, Lora — digo, esticando os braços para pegar Archie. — Tenho uma missão para você. — Os olhos dela se arregalam de expectativa. Ela dá saltinhos animados e assente de forma vigorosa. — Pegue a bolsa do seu irmão e a traga para a sala.

Eu levo Archie até o andar de baixo e o deito no sofá. O

menino chora mais alto e com mais força, as perninhas contraindo e esticando no ritmo do seu choro. Tiro sua calça do pijama, deixando-o apenas de fralda. Deslizo uma palma até sua barriga gordinha e a dedilho com carinho, fazendo uma cócega leve nele.

— Vai acordar a vizinhança toda assim — menciono suavemente, e ele ri entre suas lágrimas. Continuo fazendo as cócegas leves para distraí-lo e acalmá-lo e parece funcionar. — Você gosta disso, não é, seu espertinho?

O menino resmunga e suspira, sugando com mais força a chupeta na sua boca. As perninhas movem-se mais rápido agora e gotículas remanescentes de lágrimas desprendem dos seus olhos.

Uma vez mais calmo, eu consigo tirar sua fralda encharcada.

— Lora, me passa uma fralda — peço, esticando a palma em sua direção. A menina assente, revira a bolsa e eu volto minha atenção ao pequeno. Ele está distraído olhando para cima, preso em algo que deve ser muito interessante.

— Você sabe fazer isso, tio Hans? — questiona ao me entregar o que pedi.

A pergunta me pega de surpresa. Alterno o olhar entre Archie e a fralda. Nunca fiz isso, mas não deve ser coisa de outro mundo, deve? Olho com atenção para o material em minhas mãos, como se estivesse decifrando um enigma complexo. É só uma fralda, não

tem qualquer segredo: lado menor para frente, lado maior para trás e prendo as tiras na lateral, correto? É isso.

— Não sei — admito —, mas não deve ser difícil.

Lora assente e se senta ao lado do irmão.

Eu tiro a que está encharcada e estou prestes a colocar a outra quando a pequena me adverte.

— Tem que limpar primeiro, tio Hans. — Lora revira a bolsa mais uma vez e tira um pacotinho de lenços umedecidos. — Mamãe sempre limpa antes.

— Ah, certo.

Retiro alguns lenços e fico um instante parado de frente para Archie peladinho da cintura para baixo. Agora ele se remexe no sofá, atraído pela irmã, solta seus sons de bebê por entre os lábios, como se quisesse se comunicar com Lora e não está nem aí para o fato de estar pelado e fazendo frio lá fora. Tudo bem, até porque minha casa está bem quentinha pelo aquecimento, então ele não tem qualquer reclamação a fazer.

Com cuidado, eu me aproximo da sua virilha e limpo suas partes, tendo de lutar um pouco para mantê-lo quieto no lugar.

Quando vou colocar a fralda, luto mais um pouco, porque Archie simplesmente não para. Ao conseguir terminar de trocá-lo, a fralda ficou um pouco torta e a parte adesiva perdeu ligeiramente a aderência. Lora leva as mãozinhas até a boca e ri baixinho ao ver meu “trabalho”.

— Vamos, não está tão mal assim — digo, colocando de volta a calça no menino. — Preciso do leite dele.

A menina assente e revira a bolsa, retirando uma lata de fórmula e me entregando. Leio as instruções do modo de preparo e, com Archie no colo, preparo sua primeira refeição do dia. Preciso de algum malabarismo para conseguir, com uma mão, preparar o leite e com o outro braço manter o pequeno no meu colo. Não se trata nem de força — algo que eu tenho —, mas de jeito. O menino não

para no meu colo, mexendo-se o tempo inteiro, e tenho de aquecer e despejar a água na mamadeira e misturar a fórmula tudo com a mão direita, o que me torna um completo inútil porque sou canhoto.

— Também estou com fome, tio Hans — Lora reclama no momento em que estou rosqueando a tampa da mamadeira. Seu irmãozinho fica impaciente no meu colo, esticando os bracinhos para o leite, os dedos pequenos se abrem e fecham, ansiando por aquilo que vai matar sua fome.

— Apressado — murmuro, entregando-lhe a mamadeira. O

menino agarra o plástico com ambas as mãos. Ao separar os lábios, a chupeta despenca no chão e ele leva o novo bico à boca, sugando o alimento a toda força.

Viro-me para Lora, sentada à mesa e olhando-me com atenção sob os longos cílios.

— O que quer comer, querida? Panquecas, chocolate quente, cereal matinal? — Ela está para responder quando movo a cabeça em negativo. — Não, panquecas não. — Balanço Archie em meus braços. — Não vou conseguir fazer nada com esse menino no colo ou se rastejando por aí.

— Mamãe consegue. — Viro-me imediatamente para Lora, um sorriso e um olhar inocentes na minha direção. — Mamãe sempre faz um montão de coisas cuidando da gente.

Eu me aproximo e me sento ao lado da loirinha, acariciando-a por cima da touca.

— Porque sua mãe é uma super-heroína. É por isso que ela consegue. Eu sou apenas um mero mortal.

— Verdade? — Os olhos dela estralam. — Que minha mamãe é uma super-heroína? Tipo, a Mulher-Maravilha, tio Hans?

Sorrio e assinto ao ajeitar Archie no meu colo. Inclino-o ligeiramente para trás contra meu tórax para que possa sugar com mais facilidade.

— Verdade — confirmo. — Tem que ter superpoderes para dar conta de tudo o que sua mãe faz, não concorda? Talvez ela seja a própria Mulher-Maravilha — sussurro ao me inclinar na direção de Lora, como se estivesse contando um segredo. — Você já viu sua mãe e a Mulher-Maravilha no mesmo lugar e ao mesmo tempo?

Lora pensa por um segundo, seus olhos perscrutando os meus, como se avaliando a pergunta. Aos poucos, ela abre um sorriso enorme e os olhos brilham em inocência ao ponderar que a mãe pode mesmo ser a heroína em questão.

— Então... cereal ou chocolate quente?

Lora olha para trás, em direção à minha lareira, e pensa por um ou dois segundos.

— Podemos tomar chocolate quente em frente à lareira assistindo *Peppa Pig*?

O pedido arranca de mim um pequeno sorriso.

— Podemos.

Quando Archie termina sua refeição, eu o deixo com Lora no tapete no centro da sala e preparo nossos chocolates quentes, vez ou outra verificando

se os dois estão distraídos o bastante. Em uma ou duas dessas vezes, preciso correr e impedir que o rapazinho mexa em lugares que não deve.

Uma vez que os chocolates estão prontos, eu ligo a televisão, acendo a lareira e pego algumas cobertas no meu quarto. Lora se enrola em um cobertor, improvisando um capuz sobre os cabelos, e aperta a caneca entre os dedinhos, seus olhos atentos ao desenho animado transmitido pelo canal a cabo. Archie fica no meu colo, quieto e atento à televisão, sugando tranquilamente a chupeta que peguei anteriormente e higienizei.

Enquanto as crianças assistem à animação, felizes — a risada de Lora é alta e contagiante, o que faz o irmão rir, tão feliz e contagiante quanto —, eu as observo atentamente, meu coração

batendo de uma forma nova. É um sentimento de paz, acolhimento e amor que ainda não tinha experimentado.

Ao terminar meu chocolate quente, deixo a caneca na mesinha ao meu lado e, de forma mecânica, aperto o pequeno em um abraço carinhoso, deixando, em seguida, um beijo no seu rosto.

O gesto arranca de Archie um sorriso que mexe com todas as minhas estruturas.



CAPÍTULO 06

Passo metade da manhã com Lora e Archie assistindo aos desenhos no canal a cabo, curtindo um chocolate quente e o calor da lareira. As crianças não me dão qualquer trabalho. Na verdade, é até divertido o tempinho que passo com eles. Depois de algumas horas em frente à tevê, a pequena se

enjoa da programação e quer brincar, então obviamente sou obrigado a me sentar no chão com os dois e entretê-los com joguinhos, historinhas e brincadeiras de faz-de-conta.

Ali pelas dez da manhã, eles estão com fome de novo e sacio a fome deles com morangos, uvas e mirtilos. Estou com os dois no sofá, eles se deliciando com as frutas, quando Becky surge na sala.

Seu rosto tem uma expressão alarmante, de urgência, os cabelos estão desajeitados e ela está terminando de passar o braço esquerdo por dentro do casaco pesado.

— Ah meu Deus, Hans! — exclama, aproximando-se rapidamente. — São mais de dez horas. Eu... eu não...

— Está tudo bem, mamãe — Lora acalenta, a boquinha cheia de frutas. — Tio Hans cuidou bem da gente.

Ela balança a cabeça em negativo com força.

— Isso não deveria ter acontecido. Isso não vai voltar acontecer. — Seus olhos pousam em mim, pesarosos. — Sinto muito, de verdade. Não queria ter incomodado, é que eu...

—... estava cansada e precisava dormir — completo.

Eu me levanto do meu lugar e pego Archie no colo, que agora está chamando pela mãe. Ele estica os bracinhos e murmura

“*mamã, mamã*”. Becky o pega dos meus braços e o envolve amorosamente.

— Ainda assim. Não queria ter te dado esse trabalho.

— Não foi trabalho algum. Os dois se comportaram muito bem. Archie tomou uma mamadeira de fórmula, Lora tomou chocolate quente, e agora estão comendo frutas. Assistimos



desenhos na televisão e brincamos. Está tudo bem, Becky. Você está com fome? Posso preparar algo para comer.

— Acho que já fez o suficiente por mim.

— Bobagem. Fique com as crianças que te preparo algumas panquecas.

Ela me encara de um jeito diferente, os lábios ligeiramente entreabertos. Eu olho para eles só por um segundo, lembrando-me de ontem, do beijo que trocamos e de como isso me afeta um pouco sem que eu saiba por quê.

— Obrigada — sussurra e aperta o filho contra seus braços.

— Muito obrigada mesmo.

Faço um gesto com as mãos, como se não fosse nada, e vou para a cozinha. Enquanto preparo a massa, vez ou outra, eu os procuro na sala. Lora e Archie agora estão entretidos com a árvore de Natal, rodeando-a. Becky está apenas supervisionando e a expressão no seu rosto é um pouco indecifrável. Parece ligeiramente

feliz,

mas

também

preocupada.

Cansada.

Amedrontada. Então, eu penso que daria muita coisa para saber o que está se passando na sua cabeça agora. De repente, tenho a impressão de que existe muito mais história por trás apenas da viagem até a casa dos pais, do carro quebrado, do marido que a trocou por uma mulher mais jovem.

Tem mais por trás do sorriso enfraquecido de Becky.

E isso me deixa intrigado.

Intrigado demais.

Becky fica com as crianças e se reveza entre vigiá-las e organizar minha cozinha, a sala e o quarto onde dormiram. Daqui do escritório — onde vim me esconder para terminar de vez os trabalhos que preciso enviar ainda hoje para o editor-chefe —, posso escutá-la andando para lá e para cá na casa, limpando tudo.

Meia hora atrás, ela bateu suavemente à porta e perguntou se poderia usar minha máquina de lavar e a secadora porque as crianças começaram a ficar sem roupa. Daí, ela quis saber se eu tinha preferência do que comer no almoço.

Disse sim à primeira pergunta e não soube o que responder na segunda por um instante. Becky apenas ficou ali na porta, esperando-me responder, enquanto em minha mente, eu pensava nesses dois dias desde que ela apareceu com as crianças, em como sua estadia aqui tem me feito idealizar uma família que eu quis ter construído. Idealizei uma família quando era solteiro e idealizei depois, quando me casei com Katherine, mesmo não a amando. Por um tempo, ela foi arredia, desobediente e me levava ao limite com suas provocações e infantilidades. Até que desisti. Ela nunca se curvaria a mim, nunca formaria uma família comigo por eu ter arrancado dela a liberdade que tanto amava. Nós não teríamos filhos, ela não seria uma esposa tradicional, e eu não moveria mais um dedo para que aceitasse nosso casamento e, ao menos, me aturasse. Então, parei de sonhar por um tempo, até que Katherine mudou e parecia disposta a aceitar nossa convivência. Tudo acabou quando ela morreu e, novamente, eu enterrei

meus anseios. Mas agora, com Becky aqui, esses pensamentos tem me tomado aos poucos, invadindo sorrateiramente meus pensamentos.

— Bacon ou batata frita — respondi, por fim. Ela acenou em positivo e voltou aos seus afazeres.

Becky retorna apenas para me chamar para comer. Ao redor da mesa, Lora está feliz e come com a boquinha mais gostosa do mundo. A comida da mãe está muito boa, mas tenho a impressão de que a felicidade da pequena vai muito além de estar se empanturrando de uma boa porção de fritas e bacon

Quando a vi pela primeira vez, a menininha estava encolhida em se próprio corpo, olhos assustados, demorou a pronunciar algumas palavras e não desgrudava da mãe por nada neste mundo.

Agora, está mais solta, mais tagarela, não parece mais tão grudenta a Becky e aquele temor nos seus olhos azuis não existe mais.

Acredito que seja bobagem da minha parte ou uma impressão errada, mas fico pensando se a postura atual de Lora não é porque ela está *aqui*.

Depois de comermos, eu volto para o escritório resolver as últimas pendências. Quero ficar e ajudar na cozinha, mas Becky não deixa e praticamente me enxota de lá. Perco a noção de tempo enquanto trabalho e só me dou conta de que são três da tarde quando seu rosto surge pela porta entreaberta.

— Atrapalho, Hans?

— Não. Eu já estou terminando aqui — digo e clico em *enviar* na caixa de saída do e-mail.

Becky termina de entrar e encosta a porta atrás de si. Ao contornar a mesa, apoio meu quadril na beirada e cruzo os braços.

— Está tudo tão quieto — menciono. — O que aconteceu com os dois?

Ela ri baixinho.

— Tomaram um leite quente e dormiram. Acabei de colocar Archie no berço desmontável, e Lora está no sofá, enrolada nos cobertores.

— Deveria aproveitar e ir descansar também.

Ela se mantém encostada à madeira, os olhos em mim, atentos, mordendo o lábio inferior.

— Eu estou bem — responde e corrige sua postura contra a porta, deixando a coluna mais ereta. — Senti que precisava vir falar com você.

Ah, não.

A última coisa que preciso é que ela queira conversar sobre o beijo de ontem. Foi só um beijo, não foi? Becky não ficou estranha desde então, agiu naturalmente. Por que isso agora?

— Olha, Becky, o b...

— Não quero que soe repetitivo — ela me interrompe —, mas não sei mesmo como te agradecer por tudo. Então, promete para mim que vai pensar em um modo de te recompensar.

Ah.

Um misto de alívio e decepção corta meu corpo. Alívio porque ela não vai falar do beijo, decepção porque, lá no fundo, eu queria um motivo para falar do beijo e dizer que não me importo de repetir a dose.

Pisco duas vezes ao notar o pensamento absurdo que permeou meus pensamentos. Digo, claro que eu não colocaria qualquer barreira se ela quisesse me beijar de novo — e não me preocupo em entender por que já que ela é uma desconhecida —, mas eu não criaria um clima esquisito entre nós fazendo um comentário desse tipo porque não sei como ela poderia

reagir. E a última coisa de que precisamos é ficarmos um estranhando o outro quando ainda temos mais dois dias de nevasca pela frente.

— Não tem que se preocupar com isso — digo, mantendo-me em meu lugar, embora eu queira dar alguns passos em sua direção e me aproximar.

— Eu insisto.

Assinto e, por fim, desencosto-me da mesa e venço lentamente a distância que nos separa. Becky não faz qualquer menção de recuar, apenas assiste minha aproximação, os lábios entreabertos, os seios subindo e descendo mais forte, como se sua respiração estivesse desregulada.

— Vou pensar em algo.

Ela sorri — um sorriso apertado que faz seus lábios formarem uma linha fina — e desvia os olhos de mim. Eu deveria recuar,

deixá-la ir descansar ou zelar o sono dos filhos, mas não faço isso.

Becky me atrai como se tivesse uma força gravitacional mais forte do que a minha, e é por isso que não consigo evitá-la.

— Aproveito para perguntar... — ela diz, voz entrecortada, respiração fora de ritmo, seus olhos nos meus lábios —, o que quer para comermos daqui a pouco e se posso repetir o almoço no jantar.

Eu mal noto que meu rosto está a poucos centímetros do dela e que apoiei meu braço direito na madeira da porta, logo acima de sua cabeça. Não tiro meus olhos dos seus, curtindo o calor da sua pele sob o pulôver vermelho, o calor da sua respiração contra mim.

— Você é visita, Becky. Não tinha que estar se incomodando com nada disto.

Ela move a cabeça em negativo.

— Eu sou uma *hóspede*. Quase uma intrusa. O mínimo que tenho que fazer é...

— Bobagem — respondo-a com um sussurro, desviando meu olhar para seus lábios. Deus, estou tão tentado. — Mas se insiste, Lora me pediu biscoitos de gengibre mais cedo, acha que podemos ter para o café da tarde? E tudo bem repetir o jantar. Eu gosto mesmo de fritas e bacon.

— Lora... Lora te pediu biscoitos de gengibre? — Ela arregala os olhos. — Ah, meu Deus. Essa menina ainda...

Rio baixinho, interrompendo-a novamente.

— Ela é um encanto de criança, Becky. Deixe-a pedir para mim tudo o que quiser.

— Ficou doido, Hans? Se der asas para aquela garotinha, vai ficar com a conta bancária no vermelho.

Abaixo meus olhos por um instante recordando-me de Lora, seus pedidos e sorrisos, e novamente tenho a impressão de que ela é mais feliz aqui. Como se comigo ela pudesse ter o que quisesse: uma árvore de Natal, enfeites natalinos, biscoitos de gengibre.

— São só pedidos inocentes, Becky. Ela é uma criança, e vocês estão aqui por pouco tempo. — Dou de ombros e, mais uma vez, sou tentado a olhar para seus lábios. — Não custa nada satisfazer os desejos dela. Então... podemos ter biscoitos de gengibre com leite?

Ela sorri e revira os olhos.

— Vou providenciar.

Eu não movo um músculo para que ela possa sair. Continuo com meu corpo pressionando o seu contra a porta, sem desviar meus olhos dos seus lábios. É bom sentir seu coração batendo de encontro ao meu peito, seu calor, seu aroma.

Droga, esse aroma.

— Hans... — sussurra. Não é uma advertência, um aviso do tipo “Você está perto demais”. É quase como uma súplica para que eu me aproxime, que eu afunde minha boca na sua e a beije com tudo o que há em mim.

— Becky... — devolvo e ergo uma sobrancelha junto de um sorriso brincalhão.

Ela pisca seguidas vezes, a respiração se acelera mais, e assisto seus lábios se abrirem e fecharem até Becky ter coragem de dizer:

— Quero que você me beije de novo.

Enlaço-a pelo pescoço e a arrasto na minha direção, sendo essa ação toda a minha resposta. Seus lábios se chocam contra os meus, fortes e desesperados, e retribuo da mesma maneira, pressionando-a contra mim ao agarrar sua cintura e mantê-la presa ao meu corpo, com um medo real que ela se afaste.

Mas Becky não se afasta. Ela se segura na lapela do meu casaco e me puxa com toda força, como se também quisesse me manter presa ao seu corpo. Desço uma mão até sua coxa direita e apalpo a carne macia. Uma onda eletrizante percorre meu corpo ao tocá-la nessa região, mesmo que não possa senti-la por completo

por conta da calça jeans que usa. Ainda assim, é bom, mexe comigo, com meu organismo e começa a refletir no espaço da minha cueca.

Afasto meus quadris do dela para que não me sinta duro dessa maneira e não paro de beijá-la, de explorar sua boca, de forçá-la mais contra mim e de acariciar sua coxa. Um braço dela contorna minha cintura e me puxa de volta para seu corpo, em um choque que me deixa ainda mais excitado. Tento me afastar de novo, querendo evitar que sinta como esse beijo está mexendo comigo, mas ela não deixa e me mantém no meu lugar. Becky ergue a coxa que acaricio e a encaixa no meu quadril, deixando o vão das suas pernas em contato direto com a minha ereção.

— Becky... — minha voz sai estrangulada contra a sua —, não faz isso. Não me provoca.

— Eu quero te sentir. Me deixa te sentir, Hans — pede e inclina seu quadril um pouco mais contra o meu. — Se esfrega em mim.

Volto para sua boca, aperto sua perna encaixada na minha cintura e arremeto minha virilha contra a sua, mostrando-lhe toda a minha potência e excitação. Becky suspira nos meus lábios e me segura com mais firmeza, seus lábios afundando-se nos meus com avidez e desespero. Pego-a pelas duas pernas e a impulsiono ao meu colo, seus calcanhares rodeando minha cintura um instante depois. Mantenho-a pressionada contra a porta quando exploro mais da sua pele ao desviar meus beijos pelo seu queixo e pescoço, minhas mãos subindo por dentro do pulôver. Sinto a ponta dos meus dedos contra o tecido de sua camisa e vou subindo um pouco mais até encontrar os botões na altura dos seios.

Espero.

Sem tirar minha boca da dela, beijando-a com sofreguidão, eu espero para ter certeza que posso avançar. Meus dedos continuam ali, sugestivos, e como Becky não recua nem tenta me impedir, eu continuo. Com apenas uma mão, eu me desfaço de



alguns botões e tenho acesso aos seus seios. Puxo um para fora da taça do sutiã e o massageio no ritmo do nosso beijo indecente.

Becky geme contra meus lábios e se esfrega um pouco mais em mim.

Malditas roupas.

Eu a desencosto da madeira e a levo até minha mesa.

Sustentando-a com um braço, com o outro, afasto os papéis, documentos e material de escritório que estão no nosso caminho e a coloco sentada na superfície. Afasto-me apenas para puxar o pulôver vermelho por sua cabeça, ela facilitando muito ao erguer os braços. Um peito está desajeitadamente para fora da camisa amarela de gola e eu rapidamente trato de terminar de desabotoá-la. Tomo o seio que já está para fora entre meus dentes, mordiscando-o de leve, rodeando-o e o chupando, enquanto massajeio o outro. Os dedos de Becky afundam nos meus fios escuros, repuxando-os de uma forma que envia outra corrente prazerosa para dentro da minha calça. Não existe a menor possibilidade de eu parar agora.

A menos que Archie acorde chorando alto, que é exatamente o que acontece. Becky para de me beijar e suspira pesado, a testa encostada contra a minha, nossas respirações ofegantes. Droga.

Ela desce da mesa, ajeita os seios, abotoa a camisa e veste o pulôver outra vez. A mulher deixa meu escritório sem olhar para trás, sem dizer uma palavra, e eu fico aqui, sozinho e com uma ereção enorme.

— Hans — Becky me chama.

Estou na garagem, terminando de separar lenha para a lareira, e me viro na sua direção.

— Os biscoitos de gengibre estão prontos.

— Já estou indo.

Assim que ela se retira, junto um pouco de madeira nos meus braços e sigo para a sala. Ao adentrar o ambiente, paro sob o umbral da porta e a imagem à minha frente me dá aquele chacoalho dentro do peito. Lora está sentada à mesa da cozinha, suas perninhas balançando-se alegremente para frente e para trás. Há um copo de leite de frente para ela, e Becky está terminando de servi-la com os biscoitos, Archie encaixado no seu quadril como de praxe. O desejo de viver isso de verdade — uma esposa, a rotina da família,

as crianças, sexo interrompido porque somos adultos com filhos — me acerta com força e preciso de um segundo para regular minha respiração.

— Vem logo, tio Hans! — Lora exclama e em seguida morde um biscoito em formato de estrela. — Senão seu leite vai esfriar.

— Já estou indo, pequena.

Eu deixo as lenhas ao lado da lareira, bato a poeira da roupa e lavo minhas mãos antes de me sentar à mesa, perto de Becky. Ela tem de lidar com o pequeno arteiro e tenta mantê-lo parado no seu colo para que possa comer seus biscoitos. O garotinho, contudo, quer ficar em pé, pulando no seu colo e conversando comigo. Estico meus braços na sua direção e digo:

— Me dê ele aqui, Becky.

— Não vai conseguir comer com Archie no seu colo, Hans.

— Eu sei, é por isso que estou te pedindo. Coma você primeiro.

Ela me olha com atenção por um instante, acho que considerando meu pedido ou pega de surpresa pela minha iniciativa.

— Becky, você o tempo todo está com esse menino nos braços. Me dê ele aqui e coma sossegada.

Becky sorri um pouquinho e assente, entregando-me o menino. Ele fica todo alegrezinho no meu colo e eu o mantenho em pé, de frente para mim. Archie sorri na minha direção e dá pulinhos nas minhas pernas. Ele usa um pijama de dinossauro, o capuz imitando a cabeça e os dentes do animal, meias branquinhas e uma toca simples por baixo do capuz.

Com ele no meu colo, vou atrás do mordedor que comprei no dia anterior e o encontro nas reentrâncias do sofá. Lavo-o bem na água quente e entrego para Archie, que se distrai com o brinquedo, agora sentado no meu colo e quieto, o que me permite tomar um copo de leite e comer um biscoito.

— Você leva jeito com crianças — Becky menciona e se inclina um pouco na direção de Lora para limpar o bigode de leite da menina com um guardanapo de papel. Ela me olha e dá uma mordida em outro biscoito de gengibre. — Costuma lidar com elas?

Balanço a cabeça em negativo.

— Nem um pouco. Eu vivo para a redação, sou filho de uma mãe que me criou sozinha, sem irmãos. Eu nem consigo me recordar quando foi a última vez que tive contato com uma criança.

— Eu e o Archie somos o quê, tio Hans? — Lora indaga de boca cheia.

Becky a adverte pela resposta malcriada enquanto eu rio de sua sagacidade.

— Eu quis dizer que não me recordo quando foi a última vez que tive contato com uma criança antes de vocês, Lora.

— Aaaah! E o que é uma redação, tio Hans?

Ela pisca devagar, os grandes olhos sob os cílios longos em mim, atentos.

— É o lugar em que ficam os jornalistas para escrever as matérias dos jornais e revistas.

— Aaaah! O meu papai gostava de ler jornal, *né*, mamãe?

Ele ficava assim, todo sério na mesa. — Lora se recosta à cadeira,



CAPÍTULO 07

ergue os braços e vinca as sobrancelhas imitando o pai lendo as notícias. — A mamãe todo dia tinha que pegar o jornal no jardim, e se eu fazia bagunça na hora da leitura...

Lora para abruptamente de falar ao mesmo tempo em que Becky pigarreia. Os olhinhos dela ficam assustados, enormes, como se tivesse sido flagrada fazendo algo que não deveria. Eu sinto a tensão que o assunto cria em torno da mesa e fico me perguntando o que acontecia quando ela fazia bagunça durante a leitura. Não quero pensar que ele tocava um dedo nessa garotinha. Não quero.

Mas pelo modo como Becky e Lora ficam, pondero que era exatamente isso o que acontecia.

— Ele ficava um pouco bravo — Becky completa, a voz ligeiramente nervosa. — Sam era bem rígido, só isso.

— Entendo. — É tudo o que consigo dizer.

Talvez para disfarçar um pouco, Becky entrega outro biscoito para Lora e pergunta se ela quer um pouco mais de leite. A menina acena em positivo, e a mãe vai buscar. Olho para Archie em meu colo, ainda distraído com o mordedor. Para mim, agora não restam mais dúvidas de que Becky não está me contando tudo.

Ela está mentindo sobre alguma coisa.

— **Tio Hans.** — **Lora surge** na garagem.

Depois que comemos, vim para cá, dizendo que precisava arrumar algumas caixas e ferramentas. O que foi só um pretexto para fugir de Becky. O beijo intenso que trocamos mais cedo não parava de voltar à minha mente e eu não queria deixar o clima entre nós esquisito, ainda mais com as crianças na nossa presença.

Aproveitei o momento para dar uma organizada nas prateleiras que estavam precisando — tarefa essa que havia meses vinha adiando

— e trocar o óleo do motor da caminhonete.

— Oi, Lora.

Eu baixo o capô e limpo os dedos de óleo em um paninho velho. A menina está sob o limiar que liga os fundos à garagem, usando calças quentinhas, meias, luvas e touca.

— O senhor está muito ocupado?

— Não, pequena. Já estou terminando aqui. Por quê?

— Eu inventei uma brincadeira e queria saber se você pode brincar comigo, com a mamãe e com o Archie.

Entreabro os lábios, pego pelo seu pedido.

— Tudo bem. Eu só vou terminar de organizar aqui e me limpar.

Um sorriso enorme surge nela, que assente e volta lá para dentro. Levo mais uma meia hora para terminar de organizar a bagunça que fiz na garagem com a troca de óleo e me limpar. Ao retornar para a sala, encontro os dois pequenos se divertindo perto da árvore de Natal. Becky está no sofá supervisionando os dois, e o aroma gostoso de bacon fritando na frigideira abre meu apetite. Ao me ver, Lora se levanta e vem correndo até mim, seus bracinhos contornando-me pelas pernas. Não sei muito bem como reajo, mas curiosamente gosto dessa sua demonstração inocente de afeto. Eu demoro a perceber que sorrio na sua direção e envolvo seu pequeno corpo com meus braços grandes.

— Então, podemos brincar? — pergunta, erguendo os olhos na minha direção. Parece um mundo de distância entre nós dois por causa da nossa exagerada diferença de altura, então ela tem de levantar bem o pescocinho.

— Podemos. E de que se trata essa brincadeira?

Lora me pega pelas mãos e me direciona até o sofá, fazendo-me sentar ao lado de Becky, agora com Archie no colo.

— Eu não tenho ideia do que essa menina está inventando —

Becky comenta com um sorriso suave.

— Nós vamos brincar de faz-de-conta.

— Faz-de-conta? — eu questiono.

Lora move a cabeça para cima e para baixo.

— Isso. Faz de conta que somos uma família.

Um gemido de surpresa escapa de Becky, e eu travo no meu lugar, sem reação. Antes que qualquer um de nós tenha a chance de dizer algo a respeito disso, a menininha continua:

— Você vai ser o papai Hans. — Lora vem até mim e segura nas minhas mãos por um segundo antes de dar um passo ao lado, na direção de Becky, e também segurá-la pelas mãos. — A mamãe vai ser a mamãe. Eu e Archie vamos ser os filhinhos de vocês.

— Lora... — Becky tenta dizer, a voz trépida.

— Você tem que sair para trabalhar enquanto a mamãe termina a comida e cuida de nós. E quando você chegar — os olhos de Lora se voltam para mim agora —, você brinca comigo e com Archie e diz que nos ama.

Uma aflição diferente vai tomando conta do meu corpo. A mãe dela se levanta do sofá, protestando um “Agora já chega, Lora”

que acho muito rígido. Eu sei que ela só está tentando evitar que isso me constranja de alguma forma, mas não acho justo que Becky fique brava com a pequena por conta de um pedido que é um claro

reflexo da falta de afeto do pai biológico. Eu me levanto do meu lugar e apaziguo a situação.

— Becky, está tudo bem.

— Não, Hans. A Lora...

—... só quer brincar — interrompo-a suavemente e me viro para a menina, encolhida em seu próprio corpo, com certeza assustada com a bronca da mãe. Dou um passo em sua direção e me agacho à sua altura. — Eu adorei a ideia do seu faz-de-conta, Lora. — Os olhinhos dela se iluminam de felicidade e um sorriso vai surgindo pouco a pouco. — Mas podemos fazer ao contrário? A mamãe sai para trabalhar e eu fico aqui cuidando de vocês e da comida. — Eu me aproximo mais um pouquinho para sussurrar no seu ouvido: — Você se lembra de que ela é a Mulher-Maravilha?

Muitas pessoas lá fora podem estar precisando da ajuda dela.

— Hans... — Becky sussurra e eu me levanto, tomando Archie dos seus braços.

— Está na hora de ir trabalhar, senhora Altman — digo, entrando no personagem. Ela arregala os olhos por um instante, depois, tem advertência no modo como me encara, e só então suaviza a expressão e assente, aceitando a brincadeira.

Lora dá um gritinho de felicidade e finge entregar uma bolsa para a mãe sair. Ela agradece, deixa um beijo na sua bochecha e na de Archie.

— Não deixa o bacon queimar — diz para mim antes de fazer menção de se virar e fingir que está indo a algum lugar.

— Tem que dar um beijo no papai também! — Lora adiciona ao ir até a mãe, pegá-la pelo pulso e arrastá-la até mim.

Becky me olha um pouco assustada, e eu estou sem palavras o suficiente para dizer qualquer outra coisa. A mulher parece indecisa, não fazendo

qualquer outra menção enquanto a menina insiste que ela me dê um beijo de despedida. Para facilitar, eu dou um passo adiante e beijo seu rosto. Ela sorri e devolve o beijo em

mim. Becky some em seguida ao final do corredor. Coloco Archie no tapete, junto de Lora, pego algumas almofadas e o mordedor para distrai-lo para que eu possa ir virar as tiras de bacon na frigideira.

Lora fica ali, brincando com o irmão e nos imaginando como uma família. Becky não demora a voltar, entrando na brincadeira da menina, que corre na sua direção e a abraça amorosamente como se de fato tivesse passado o dia todo longe das crianças. A menina começa a narrar como foi “seu dia” com o “papai” e o Archie, contando coisas que aconteceram no seu mundinho de imaginação, todas elas envolvendo eu cuidando amorosamente dos dois.

Tento ignorar o sentimento diferente que toma meu coração, um misto de aflição e desejo, e termino de selar o bacon. Desligo fogo e confiro o restante da comida no fogão, que Becky já adiantou bem.

— Vá perguntar ao papai como foi o dia dele, mamãe! —

Lora incentiva, empurrando a mãe na minha direção.

Ela vem, Archie em seu colo, e me dá um sorriso sem graça.

— Como foi seu dia, Hans? — pergunta, segurando uma risada.

— Querido — Lora se intromete. — Tem que chamar ele de

“querido”. É assim que os casais se tratam, mamãe.

Rio baixinho e movo a cabeça de um lado a outro. Becky parece que quer enterrar o rosto no chão de tanta vergonha, mas atende o desejo da menina mesmo assim.

— Como foi seu dia hoje, *querido*?

Eu invento algo que satisfaça os desejos da pequena e em seguida anuncio que o jantar está pronto. Lora corre se ajeitar à mesa e precisa da ajuda da mãe para conseguir se sentar. Becky serve um prato para a menina e depois um para Archie, com um pouco de arroz e legumes cozidos. A menina continua brincando de faz-de-conta durante a refeição, contando como foi seu dia na escola e inventando mais uma porção de coisas: que eu me atrasei

para pegá-la, que Archie vomitou um monte de leite na cadeirinha do carro, que conversei por alguns minutos com a mãe de uma coleguinha e que eu falei um palavrão quando estava dirigindo, então eu lhe devo dois dólares.

Evito olhar para Becky porque sei que não vou gostar do sentimento que verei em seus olhos. Quando acabamos de comer, é hora de colocá-los na cama. Ainda na sua personagem, Lora quer que eu a leve para o quarto e a coloque para dormir depois de ler uma historinha. A mãe dela está para dizer que não é necessário, mas eu digo que tudo bem antes que ela tenha tempo para negar.

— Eu também coloco o Archie para dormir — digo e estico meus braços na sua direção.

— Hans, não precisa — ela nega segurando o menino no seu quadril com um braço. Com a mão livre, começa a tirar a mesa do jantar. — Eu tenho que limpá-lo e trocar a fralda.

Tomo o menino dela mesmo assim. Archie não protesta, pelo contrário, enfia o rostinho na curva do meu pescoço, se aconchegando ali como se tivesse muito habituado a isso. Afago suas costas, já o embalando para o sono e pego na mão de Lora em seguida.

— Posso fazer isso tudo, não se preocupa. Eu já volto para te ajudar com a cozinha.

Levo Lora e Archie lá para cima. No caminho, a menina escova os dentes com uma escova que trouxe em sua mala e me estica a do irmãozinho. É divertido passar as cerdas nos seus quatro dentinhos, e ele, mesmo com

sono, se diverte com o momento. A menina se deita na cama e puxa os edredons até quase cobri-la toda, mantendo os olhos em mim, depois que limpo as dobrinhas do menino com um lenço úmido e troco sua fralda cheia de xixi.

— Pode me contar uma história antes de dormir, tio Hans?

Eu me sento na beira da cama e ajeito Archie no meu colo.

Pego uma manta que está no meio das bagagens dele e jogo sobre



seu corpo miúdo. Ele se aconchega em mim, escondendo o rosto na curva do meu braço, e nesse instante um novo sentimento se apossa do meu organismo. É algo bom, que aquece meu coração e me faz sorrir.

— Tio Hans? — Lora insiste.

Eu ergo meus olhos na sua direção e assinto.

— Posso.

Pego a chupeta de Archie sobre a mesinha de cabeceira e coloco em sua boca quando ele começa a resmungar. No instante que suga o bico de silicone, o menino se acalma, enfiando ainda mais o rosto nos meus bíceps. Eu o balanço devagar e começo uma narrativa de uma história que minha mãe costumava me contar. Em cinco minutos, os dois estão dormindo. Eu coloco Archie no berço e o cubro bem. Paro no limiar da porta e me viro para observá-los dormir. Penso em tudo que aconteceu até aqui — dois dias desde que eu os acolhi — e tenho a impressão de que os conheço há uma vida. Tenho a impressão de que gosto de Lora e desse garotinho como se me pertencessem.

Movo lentamente a cabeça de um lado a outro para espantar meus pensamentos e saio do quarto, encostando a porta. Não chego nem a tirar a mão da maçaneta, sequer dou um passo à frente. A sensação de que está faltando algo me domina e me obriga a voltar para lá e deixar um beijinho de boa-noite em cada um deles.

Lá embaixo, tudo já está limpo e silencioso. As luzes da árvore de Natal e as chamas que aquecem a casa quebram a

escuridão do cômodo. Becky está no sofá, sentada sobre as pernas, curtindo o calor contra seu rosto. Ao me aproximar mais, percebo que ela está com uma taça de vinho nas mãos.

— Eu ia pedir permissão — sussurra quando me sento ao seu lado —, mas lá em cima, ouvi você contando a história para Lora e não quis interromper. — Becky ergue a taça para mim. — Fui muito invasiva e sem noção, não é?

Rio um pouquinho e movo a cabeça em negativa.

— Está tudo bem. Vou buscar uma para mim.

Ela nega com um gesto e se levanta, deixando sua bebida na mesinha ao lado.

— Eu busco pra você.

— Becky, não precisa me bajular tanto dessa maneira.

— É você que me acolheu, comprou coisas para Lora, para Archie, cuidou deles, brincou com eles, os colocou para dormir.

Quem está bajulando quem, Hans? — Abro um sorriso sem graça e assinto. — Não faço porque me sinto na obrigação de retribuir, faço porque você tem sido bom para nós e merece um pouco de bajulação.

Becky se inclina e deixa um beijo rápido na minha bochecha antes de ir até a cozinha e buscar uma taça para mim. Eu me ajeito no sofá, na mesma

posição em que ela estava, e fecho os olhos, curtindo o calor da lareira.

— Não acha que seus pais vão ficar preocupados com você?

— pergunto assim que ela está de volta e me estica o vinho. Becky se senta ao meu lado, voltando à posição que estava antes e suspira. — A essas alturas, já deve ter uma meia dúzia de viaturas de polícia atrás de você e das crianças.

Ela não responde nada por um instante, os olhos para frente, os lábios apertados. Estranho sua postura e a falta de uma resposta imediata, mas decido não a pressionar.

— Enquanto você foi até o mercado dois dias atrás — ela começa com um sussurro, parecendo envergonhada —, usei seu telefone da cozinha. O sinal onde meus pais estão é bem ruim, quase não pega celulares, mas tem um lugar específico da casa que a gente consegue algum sinal, mesmo que mínimo. Eles costumam deixar o telefone nesse lugar algumas vezes no dia, para falarmos com eles. Eu fiz algumas tentativas, consegui contato com minha mãe e expliquei a situação.

Becky se vira na minha direção bem devagar, esperando que eu dê uma bronca nela por ter usado meu telefone.

— Desculpe, desculpe mesmo, mas sabia que se esperasse muito, não ia conseguir contato com meus pais.

Molho o lábio inferior não aceitando muito seu argumento.

Não sei muito bem por que isso não me convence — eu tenho uma porção de contra-argumentos para dizer por que ela poderia ter me esperado voltar e pedido permissão —, ainda assim, deixo o assunto para lá. Já está feito de qualquer maneira. Não existe razão para brigar por isso.

— Conseguiu avisá-los que está bem e em segurança. Você e as crianças. É tudo o que me importa.

Becky sorri e assente, tornando a mirar a lareira à nossa frente. Ela bebe seu vinho e permanece em silêncio por alguns segundos nos quais eu apenas a observo. Faz muito tempo que não me interesso de verdade por uma mulher, e quando digo muito tempo, me refiro até mesmo antes de ter me casado com Katherine.

Nosso casamento foi um benefício para mim, para meu sogro e um pesadelo para ela, ao menos até ter se conformado e passado a cultivar alguma coisa por mim — coisa essa que não fui capaz de retribuir durante os três anos que estivemos casados. Viro-me para frente tentando espantar as lembranças de dias passados, mas não consigo.

Eu não me interesso por alguém há muito tempo. Antes de me casar, estava ocupado demais tentando não morrer de fome.

Endividado, com a hipoteca atrasada, o banco no meu pé prestes a tirar de mim minha casa, atolado de trabalho, ganhando um salário que não supria todas as minhas necessidades e ainda arcando com custos alto do hospital depois de um acidente doméstico. Nesse contexto, eu não tinha cabeça para mulheres. Só pensava em trabalhar, pagar minhas contas e não perder o imóvel que herdei da minha mãe que com muito custo conseguiu comprar no final da vida.

Então, Katherine surgiu. *O pai de Katherine* surgiu, para ser mais específico. E todo meu interesse nela foi a ajuda monetária que pagaria minha hipoteca, a dívida no hospital, além de um trabalho melhor, com um salário melhor. Um acordo, dois beneficiados e uma mulher furiosa com um casamento indesejado que não facilitou no primeiro ano. Não a julgo. No lugar dela, eu provavelmente

faria

o

mesmo.

Nunca

me

interessei

verdadeiramente por Kate, mas estava disposto a tentar, a ser um bom marido. Jamais fui capaz de amá-la como ela merecia, como eu desejava e como acreditava que ia acontecer um dia. O peso de tê-la perdido me atormenta por conta disso. Ela morreu jovem voltando para casa para passar o Natal com alguém que não a merecia.

— A Lora não tem nenhuma trava na língua — Becky menciona, a voz baixinha, e nesse momento eu me viro na sua direção, espantando os pensamentos da cabeça. — Já passei muita vergonha com ela por causa disso. Quando Archie crescer, provavelmente vou passar por isso tudo de novo.

Sorrio um pouco e viro uma dose pequena do meu vinho.

— Ela é uma criança. Crianças não tem qualquer senso do que devem ou não falar. Elas são sinceras de um jeito que um adulto não é porque ainda não desenvolveram empatia. Por que está me dizendo isso agora, Becky?

A mulher solta um longo suspiro e precisa de uma dose da sua bebida antes de continuar.

— Desde que chegamos aqui, ela tem me colocado em muitas situações complicadas. Os pedidos do mercado, da árvore de Natal, da brincadeira de família de faz-de-conta. Especialmente da brincadeira de família de faz-de-conta.

— Não foi nada de mais para mim. — Dou de ombros.

— Sei que não foi. — Um sorriso pequeno e bonita ilumina seu rosto. — E já te disse que não sei como vou te agradecer por tanto. A questão é que... sei que fica curioso sobre o Sam e a relação que tínhamos com ele.

— Não fico — minto descaradamente.

Ela solta uma risadinha baixa me pegando na mentira e volta seu olhar para as chamas da lareira, a taça agora perto dos lábios.

— Ele batia em Lora?

Becky move a cabeça em negativo.

— Não, mas era rígido demais com ela. Lora não podia brincar, correr pela casa, fazer barulho. Nada. Qualquer coisa era motivo para Sam ficar irritado e lhe dar uma bronca. — Becky engole em seco e desfaz nosso contato visual de novo. — Nem sempre foi assim.

— E com Archie...?

Ela dá uma risada sem humor.

— Ele chegou em casa um dia depois que contei da gravidez e perguntou quanto eu precisava para tirar. Eu decidi levar a gestação adiante, Sam ficou ainda mais irritado e se distanciou de vez de nós. — Ela baixa os olhos e encaixa a taça de vinho entre as pernas. — Ele não foi nos visitar no hospital, não pegou Archie no colo nem demonstrou afeto pelo próprio filho nos dois primeiros meses.

Involuntariamente eu aperto meu maxilar.

— Por que ficou casada com um homem assim, Becky? Por que não foi você a dar um basta na sua relação?

Ela me olha agora e noto algumas lágrimas presas em seus cílios.

— Ele era bom no começo, Hans. Antes de Lora e de Archie, nós ficamos uns oito anos juntos, ele fazia planos de família, filhos, casa própria com um quintal e playground para as crianças. Mas aí, houve um acidente no trabalho e tudo desandou. Pelos sintomas dele, eu sei que Sam estava passando por estresse pós-traumático, mas ele se recusava a um tratamento adequado.

— E descontava tudo em você e nas crianças, não é?

Ela assente devagar.

— Eu fiquei ao lado dele, mesmo que estivesse sendo insuportável, porque... Meu Deus, ele não estava bem. Como eu poderia deixá-lo em um momento tão crítico? Ele era meu marido e eu o amava.

— E quando foi que ele te deixou?

Becky desvia os olhos mais uma vez, sua atenção na lareira, seus dedos exercendo pressão na taça em torno deles.

— Eu o convenci a um tratamento. Sam se opôs muito no começo, mas depois, aceitou. Não perdia uma sessão, voltava bem para casa, estava menos rígido com Lora e vinha tentando se aproximar de Archie. Não demorou para eu entender porque ele estava tão comprometido e gostava tanto de ir ao consultório da psicóloga.

— Ele estava se envolvendo com a terapeuta? — pergunto, assustado.

Becky move a cabeça em negativo.

— Com uma estagiária de vinte e dois que trabalhava na sala ao lado do consultório.

Um silêncio denso recai sobre a sala semiescura. Nem consigo imaginar em como Becky deve ter ficado devastada com isso.

— Sinto muito — é tudo que consigo dizer.

Ela fica em silêncio por um segundo antes de se voltar lentamente na minha direção, os olhos fixos nos meus. Becky fica assim, me olhando, e eu sei, de alguma forma eu sei, que está pensando no nosso beijo e nos amassos que demos no escritório mais cedo. Meu corpo esquenta só de me lembrar disso, de como ela me pediu para me esfregar nela, em como queria me sentir. Em como me esfreguei entre suas pernas e se não fosse Archie, eu teria

abaixado sua calça e deslizado para dentro dela sem pensar em qualquer outra coisa.

Droga, Hans.

Não é uma boa hora se lembrar disso agora.

Não é.

Então, eu não consigo desviar meus olhos dela, não consigo não pensar em nada além de minha boca na sua, do meu corpo sobre o seu, de minha virilha arremetendo-se na sua com roupa, sem roupa, com beijos quentes e mãos bobas por cada centímetro de pele, dos meus lábios nos seus peitos. Demoro a notar que, ansiando isso tudo, eu me inclino devagar na sua direção, almejando beijá-la.

Becky não recua e eu continuo avançando até que a distância entre nós não existe mais. Seus lábios estão quentes, molhados, com um gosto incrível de vinho. Eu inspiro fundo e, com a mão livre, envolvo sua nuca, trazendo-a mais para perto do meu corpo. Ela geme contra minha boca, completamente entregue, e isso é demais para mim. Pego sua taça e, junto da minha, apoio-a na mesa de centro. Volto para Becky, faminto, e a deito no sofá, jogando meu corpo sobre o seu. Deslizo minha língua por seu queixo e colo; com as mãos, faço um caminho por dentro da malha que usa até seus seios. Beijo-a de novo, reivindicando seus lábios, seus beijos, seu corpo. Ela retribui sem qualquer resistência.

Entregue, rendida, minha.

Meu corpo se aquece ainda mais, incendiado pela paixão explosiva que há muito, muito tempo eu não sentia. Todo o calor que se espalha pelo meu organismo parece uma novidade, algo novo, inédito, despertando meus desejos adormecidos.

Porra, Becky é tão gostosa.

Desço minhas mãos até sua calça jeans, em busca do botão que vai liberar sua boceta para mim, mas então ela me agarra pelos dois punhos e vira o rosto, ofegante.

— Hans, acho melhor não.

Pisco duas vezes e engulo em seco, cada partícula do meu corpo protestando por termos parado. Saio de cima dela imediatamente, atordoado, zozzo, perguntando-me se fiz algo de errado.

Você é um completo estranho para ela, claro que ela ia pensar duas vezes antes de dormir com você, Hans.

— Eu... vou me deitar — diz rapidamente, voz ainda descompassada, e se levanta em um pulo. — Boa noite, Hans.

Não consigo responder nada de volta, excitado demais. Meu pau está tão duro que chega a doer. Becky se vai, e eu permaneço aqui, tentando lidar com essa ereção dolorida e esse alvoroço de emoções e sentimentos quando se trata dessa mulher desconhecida.



CAPÍTULO 08

Deitado, sem conseguir dormir, reviro-me nos lençóis pensando em Becky. Eu não sei por que ela tem mexido tanto comigo em tão pouco tempo — meu Deus, só tem dois dias que a conheço —, mas o desejo latente está aqui. Em cada centímetro e partícula do meu corpo. Meus pensamentos vão embora quando ouço um bater leve na minha porta e, em seguida, o ranger das fechaduras ao se abrirem. Olho para a entrada do quarto e vejo sua silhueta esguia e magra.

— Hans... — Becky sussurra parada sob o umbral, parecendo hesitante.

— Aconteceu alguma coisa? — Fico em alerta e me sento na cama.

— Não.

Um instante de silêncio recai sobre o quarto e não demoro a entender o real motivo de ter vindo até mim.

— Entre e feche a porta.

Becky hesita, mas faz o que pedi. Eu me afasto na cama, e ela não demora a se acomodar ao meu lado, deitada de frente para mim. Cubro nossos corpos e, por um segundo, não fazemos nada além de olhar um para o outro.

— Você mudou de ideia? — pergunto baixinho.

Ela baixa os olhos para meu tórax, ligeiramente exposto pela pequena abertura da minha camisa de dormir.

— Mudei. — Seus olhos voltam aos meus e ela se arrasta na cama para mais perto de mim, seu corpo quente muito, muito próximo do meu. — É imprudente demais eu querer você?

Sorrio um pouco e me atrevo a passar meu braço por cima de sua cintura, mantendo-a no meu aperto.

— Talvez — respondo, inclinando-me devagar em direção à sua boca. — Nesse caso, somos dois imprudentes.

Roço seus lábios nos meus, endurecendo quando ela suspira e se entrega a um beijo lento e succulento. Agarro seu quadril com mais força e a trago mais para mim, esmagando seu peito ao meu.

Envolvo sua nuca com uma mão e a puxo em minha direção, desejando mais do que está me dando. Ela atende meu pedido, explorando-me com mais afinho e dedicação.

— Eu mudei de ideia — Becky sussurra, acariciando minha boca com a sua, os olhos fechados, respiração ofegante. — Mas só se tiver camisinha. Do contrário, vamos ficar apenas nos amassos.

Sorrio e deixo um beijo na ponta do seu nariz.

— Eu tenho.

Viro-me na cama, puxo uma gaveta da mesinha de cabeceira e retiro de lá de dentro um pacote de preservativo. Volto para sua boca, retomando de onde paramos, e a deixo por baixo. Encaixo-me entre suas pernas e me esfrego lentamente nela, provocando-a e mostrando qual é o efeito que tem sobre meu corpo; em contrapartida, Becky se agarra a mim com força e desejo, suas mãos quentes e macias subindo por dentro da minha camisa, sua boca desesperada na minha, pedindo mais, dando mais. Ela abre bem as pernas e se mexe na minha direção, acompanhando meu ritmo. Eu gemo ao seu toque, a como me beija, cheio de lascívia e paixão. Suspiro pelo modo como se esfrega em mim, para cima e para baixo, como geme baixinho porque gosta de me sentir duro entre suas pernas.

Beijo seu pescoço e colo, percorrendo devagar um caminho que me leva até seus seios escondidos sob o pijama. Retorno à sua boca e desabotoo sua camisa lentamente até que os bicos entumecidos estejam à minha mercê. Eu os beijo e chupo enquanto minha mão esquerda invade sua calça.

— Becky... — sinto que ela não usa nada por baixo do tecido e gemo seu nome.

Um sorriso mínimo surge em seu rosto bonito — uma mistura de prazer e divertimento — e ela se arreganha mais para mim,

fazendo meu pau dar uma pulsada violenta.

Uso meu indicador para brincar com sua boceta, movendo-o lentamente por entre seus lábios vaginais em uma carícia leve que a estimula. Sem tirar minha boca dos seus peitos, alterno o carinho entre o clitóris e sua entrada. É indescritível como gosto de senti-la umedecer aos poucos sob meu toque.

Quando ela está escorregadia o suficiente, insiro um dedo nela. Sua umidade e calor enviam um choque delicioso para o meio das minhas pernas e, nesse instante, não há nada mais no mundo que eu queira a não ser penetrá-la.

Desvio meus beijos dos seus peitos e desço sobre seu corpo, permitindo-me conhecê-lo com a boca. Alcanço a barriga, o umbigo, passo a língua por ambas as virilhas, provocando-a. Sinto-a prender a respiração quando estou perto de sua boceta, mas redireciono meu caminho e passo direto, preferindo dar atenção às suas pernas e tornozelos. Ajoelho no colchão e a faço apoiar uma perna no meu ombro. Acaricio sua pele, escorregando minha mão até perto do seu sexo enquanto beijo na altura das panturrilhas, adorando jogar com ela.

— Hans, por favor... — Seu peito sobe e desce, revelando que respira com dificuldade — Eu preciso de você.

— Precisa? — brinco, meu dedo indicador superficialmente na sua entrada, acariciando-a ali. Ela move os quadris em busca de mais, entretanto, eu continuo apenas na superfície, testando seus limites, provocando.

— Preciso... — ofega — preciso muito.

Desço sua perna do meu ombro e acaricio suas coxas por um instante antes de comandar:

— Abra bem suas pernas para mim, Becky. — Ela geme e obedece, expondo-se sem qualquer pudor. De novo, sinto um choque violento em meu pau, mais do que desesperado por ela. —

Quero chupar sua boceta.

Um grunhido escapa de Becky, acompanhado de um gesto ligeiro de positivo. Diante seu consentimento, eu me agacho à sua altura e enfio meu rosto entre suas pernas. O sabor de seu sexo explode em minha língua e eu me delicio nele por cinco minutos.

Chupo, beijo e sugo por todo esse tempo, amando poder afundar meus lábios em sua carne macia e quente, em sentir sua textura, seu gosto, de roçar minha barba no interior de suas coxas, de acariciar seu clitóris com o polegar enquanto a penetro com a língua. Amo poder ouvi-la gemer baixinho, segurando-se para não soar alto demais. Em cinco minutos, sua boceta está lambuzada da minha boca e de sua própria lubrificação. Sua umidade se espalha por todo lado, nas coxas, entre os lábios grossos, escorre de sua entrada para seu traseiro.

Dou uma última lambida nela antes de, por fim, tirar minha roupa e colocar a camisinha. Beijo seus lábios com carinho ao me encaixar em suas pernas e penetrá-la com facilidade. Ela está tão molhada que o atrito com meu pau é quase inexistente. Becky tenta me abraçar com as pernas, mas eu não permito.

— Fique com as pernas abertas, bem abertas — entre gemidos, sussurro contra seus lábios, em êxtase por sentir seu aperto ao meu redor. — Arreganhe mais, se puder. Quanto mais arreganhada estiver para mim, melhor.

Becky encurva o corpo para trás, a expressão de puro prazer tomando seus traços sob a luz do abajur ao lado, e a imagem é linda demais, excitante demais, e mexe com toda as partes do meu corpo — a parte física e a emocional. Fico muito mais duro dentro dela e sinto que meu coração bate diferente. Não sei por quê, mas bate diferente.

Fecho meus dedos nos seus, apertando-os conforme me arremeto intensamente para dentro dela, a cama em um leve vai e vem, nossos corpos suados, conectados, unidos, ela toda exposta para mim, as coxas separadas o máximo que consegue. Eu tomo sua boca na minha em um beijo ávido, querendo tudo dela, seus gemidos, suas partículas de suor, seus batimentos cardíacos.

Mantemos a posição até o fim — eu por cima, entre suas coxas, comendo sua boceta forte e duro — sem que Becky faça qualquer objeção. Ela goza primeiro dez minutos depois e eu vou logo em seguida.

Desabo sobre seu corpo e escondo o rosto na curva do seu pescoço, recuperando o ar. Fico alguns instantes aqui até sair de cima dela e trazê-la para meu tórax depois de descartar a camisinha. Becky se encaixa no meu abraço como se esse lugar sempre a pertencesse.

— Nós vamos ter que conversar sobre isso amanhã cedo? —

sussurra, seu rosto ligeiramente virado contra a minha pele, o nariz resvalando de leve em mim.

— Precisamos?

— Não quero tornar as coisas esquisitas entre nós. Só isso.

— Eu estou bem com a situação, Becky. Você é uma mulher adulta, eu sou um homem adulto. Pessoas adultas fazem sexo.

Ela assente devagar e enrosca uma perna na minha.

— Parece um bom argumento, mas somos dois estranhos.

Até onde sei, você poderia ser um assassino.

Rio baixinho e deixo um beijo suave em seus cabelos suados.

— Até onde sei, você poderia ser uma ladra.

— Com duas crianças? — indaga, cheia de bom humor.

— Seria uma boa estratégia para ganhar minha confiança. Eu só te dei abrigo por causa de Lora e Archie.

Ela ri e ergue os olhos aos meus, ficando séria logo em seguida.

— Não sei o que deu em mim — confessa, parecendo envergonhada. — Nada disso deveria ter acontecido. — Sinto o tom de arrependimento na sua voz e sinceramente, não tenho qualquer paciência para lidar com esse tipo de situação. Estou prestes a

argumentar, mas Becky completa: — Não estou arrependida do sexo, Hans. É só...Eu fui imprudente. Sou uma mãe com duas crianças que não pensou duas vezes em dormir com um homem desconhecido. — Ela aperta os olhos e suspira. — Juro que não é nada pessoal.

Eu escolho não dizer qualquer coisa por um segundo, até porque acredito que haja um fundo de razão no que acabou de argumentar.

— Você confiou em mim quando bateu na minha porta.

Poderia ter continuado procurando outro lugar, talvez uma família, uma mulher, mas... preferiu confiar em mim. Por quê?

Becky engole em seco e permanece em silêncio por um instante rápido, seu nariz ainda resvalando devagar pela minha pele, como se ela estivesse apreciando meu cheiro.

— Eu não tive muita escolha. Estava frio, nevando, Archie e Lora estavam cansados, eu estava exausta. — Suspira. — Na primeira noite, eu mal dormi, Hans. Fiquei em alerta. Não sabia nada sobre você, então...

— Você ainda não sabe nada sobre mim.

— Não é verdade. — Ela me olha de novo, um sorriso bonito e pequeno despontando em seu rosto suado. — Já sei um pouco. E

você sabe um pouco sobre mim.

— Bem pouco, aliás.

O sorriso dela morre e Becky desvia os olhos. Ela fica estranha de repente e, mais uma vez, a sensação de que me esconde alguma coisa me acerta em cheio.

— Tem algo que queira me contar?

Move a cabeça em negativa.

— Não. — Ela se levanta do meu lado muito rápido. — Vou voltar para meu quarto.

Consigo agarrar seu punho e impedi-la de se afastar. Becky me olha com atenção, o medo ali, nas suas íris castanhas.

— Meu nome é Hans Alexander Altman, tenho trinta e seis anos, sou jornalista, vivo em Kearney Valley desde que nasci, sou filho único, meu pai não me assumiu, minha mãe era neta de alemães e eu herdei essa casa dela. Eu não tenho uma arma aqui porque Katherine detestava, as achava perigosa e era uma desarmamentista ferrenha; odeio cerveja para a decepção dos meus ancestrais germânicos; gosto de ler suspense e no meu escritório tenho uma pequena coleção de autores clássicos e contemporâneos do gênero.

— Hans...

— Eu gosto muito de basquete e meu time favorito é o Los Angeles Lakers. Você já viu como o Matthew Grant joga? Ele é sensacional e começou jogando no Golden Rapters, o time de Fortwood, sabia? — Faço uma pausa rápida para inspirar fundo e continuo: — Eu me casei aos vinte e nove anos, mas não a amava.

Achei que poderia construir algum sentimento por ela, mas nunca fui capaz. Ao menos, não do modo como ela merecia.

— O que isso tudo significa? — Becky choraminga, trocando o peso das pernas.

— Minha esposa morreu quando eu tinha trinta e dois anos.

Ela voltava pra casa para passar o Natal comigo. Nós discutimos por telefone, eu disse que não a queria aqui, mas ainda assim, Kate teimou e veio. — Suspiro pesadamente e molho o lábio inferior. —

Agora, você já sabe um pouco mais sobre mim, Becky. Por que não podemos esquecer que somos praticamente dois estranhos, e aí você volta

para minha cama e passa essa noite comigo?

Ela me olha por um longo instante, não sei se me achando um completo sem noção ou se considerando a oferta. Devagar, ela volta para ao meu lado e se aconchega nos meus braços.

— Não vamos falar sobre isso amanhã?

— Não.



— Então... podemos fazer de novo?

Um sorriso surge em mim e aceno.

— Me dê só dez minutos e te faço gozar outra vez.

Nas próximas duas noites, Becky marca presença na minha cama. Ela se arrasta para debaixo dos meus lençóis assim que as crianças dormem e retorna para seu quarto logo cedo, antes de os pequenos acordarem. Não falamos sobre isso, como combinamos, e não houve qualquer tipo de constrangimento entre nós durante o dia. Ela se tornou uma companhia gostosa não só à noite, mas de dia também, junto das crianças por quem eu já estou completamente rendido.

Agora, enquanto termino de vestir Archie — vim trocar sua fralda de cocô enquanto Becky finaliza o almoço —, eu me pego prevendo que vou sentir falta deles aqui. A nevasca já foi embora e nada mais os impede de continuar comigo, exceto o carro quebrado, que pode ser consertado. Becky, aliás, vai à cidade hoje ver se consegue encontrar um mecânico no posto de gasolina. Faltam dois dias para o Natal e secretamente desejo que ela não encontre ninguém que possa ajudá-la. É egoísta demais querer que ela fique

ao menos até o Ano-Novo? Agora que os tenho aqui, não quero passar mais um Natal sozinho. Não quero.

— Se eu pedir à sua mãe para que fiquem comigo —

converso com o menino prendendo o adesivo da fralda na lateral, agora com muito mais habilidade do que a primeira vez —, será que ela aceita, Archie?

O menino abre um sorriso grande, como se tivesse me compreendido, e bate as perninhas, animado como ele sempre está.

Não entendo muito de crianças, convivi muito pouco com elas, e esse menino me parece fugir do que sei sobre os pequenos. Apesar de ter que ficar de olho o tempo inteiro porque ele se arrasta para lá e para cá, Archie é bem tranquilo. Ele não chora muito nem faz escândalos, principalmente à noite. Becky comentou que ele é assim desde que nasceu.

— Tio Hans! — Lora surge à porta, ofegante, o que denuncia que correu até aqui. — Mamãe disse que o almoço está pronto.

Subo a calça pelas perninhas de Archie e o pego no colo.

— Então vamos comer. — Estico minha mão para ela, que a pega e desce comigo à cozinha dando saltinhos. Eu olho de Archie em meus braços para sua irmã e sinto aquela batida esquisita martelando meu peito. Sei que vou sentir muita falta deles e acho que não estou nem um pouco preparado para me despedir.

Em volta da mesa, depois de servir Lora e enquanto alimenta Archie, Becky menciona:

— Eu preciso ir até a cidade encontrar um mecânico. — Ergo os olhos do meu prato nesse momento, e aquela pontada de dor no meu peito me acerta.
— Você se importa em me levar ou emprestar sua caminhonete?

Baixo o olhar novamente, em silêncio por um instante que parece longo demais. Dou uma espiada em Lora, as perninhas balançando debaixo da

mesa cessam abruptamente, como se a ideia de ir embora também não a agradasse.

Brinco um momento com a comida do meu prato antes de tomar um pouco de coragem e pedir:

— Você não pode ficar para o feriado? — Ela arregala os olhos, e Lora, ao meu lado, dá um saltinho da cadeira, com certeza aprovando meu pedido.

— Ligue para seus pais, diga que vai ficar até o Natal e juro que para o Ano-Novo eu mesmo levo vocês até Fortwood.

— Sim, mamãe, sim! — A menina se agita, pulando a bunda na cadeira. — Por favor, por favor, podemos ficar para o Natal com o tio Hans? — Ela junta as duas mãozinhas na frente do queixo, em súplica: — Podemos ficar, por favor?

Becky suspira frente à insistência da filha e oferece outra colherada de comida para Archie.

— Eu não sei, Hans. Não queremos incomodar.

— Vocês não vão.

— Tenho medo de não conseguir avisar meus pais e não quero deixá-los preocupados. Garanti que ficaria aqui apenas o essencial e chegaria a tempo para o Natal.

— Não custa tentar, Becky — argumento.

— Por favor, mamãe! — Lora insiste.

— Preciso pensar.

— Me pediu para pensar em como me recompensar por tudo que fiz por vocês até aqui — menciono cuidadosamente. — Passe o Natal comigo e será o suficiente.

Ela considera por um instante, alternando o olhar entre mim, o filho pequeno e Lora. Com um suspiro, ela aceita, mas diz com firmeza que na manhã do dia vinte e seis vai pegar o carro e seguir estrada e que ainda quer que eu vá com ela até a cidade procurar por um mecânico. A menina fica toda feliz com a decisão da mãe e me enche de perguntas sobre o que vamos ter de comer no feriado.

Becky a adverte, e eu acaricio seus cabelos, garantindo que teremos um Natal típico.

— Acho que conseguimos encontrar algumas coisas no supermercado — comento, finalizando minha refeição. — Vamos até a cidade, fazemos as compras e procuramos um mecânico. — Olho para Becky, que, mesmo parecendo hesitante, aprova o itinerário.

— Está feliz, Archie? — Lora pergunta ao irmão, indo até ele e deixando um beijo suave em seu rosto redondo. — Vamos ter uma Natal em família!



Outra vez, sinto aquela pontada no peito que eu trato de ignorar.

Depois do almoço, vamos até a cidade com a minha caminhonete — não sem antes de meia hora de esforço até abrímos caminho entre a neve acumulada frente à minha porta e garagem. Enquanto Becky segue até o hipermercado comprar alguns ingredientes para o almoço e ceia de Natal, eu fico responsável por encontrar um mecânico na região. É difícil encontrar um profissional nas redondezas, e estou quase desistindo quando encontro um no posto de gasolina na saída da cidade.

Passo as coordenadas de onde está o veículo para que ele siga na frente, garantindo que o alcanço logo em seguida. Vou buscar Becky no mercado,

ajudo-a com as sacolas e voltamos para casa.

Enquanto ela fica com as crianças guardando os suprimentos, vou ao encontro do mecânico. Ao chegar, ele já está rebocando o carro para levá-lo até a oficina e averiguar o que pode ser o problema. Ele me pede ao menos quatro dias e eu digo que tudo bem, estranhamente gostando da ideia de que eles fiquem um pouco mais comigo.

Retorno para casa e, ao passar pela porta, Lora vem correndo na minha direção, recebendo-me com um abraço na altura das minhas pernas. Um sentimento bom preenche meu peito e demoro a notar que me agacho para pegá-la no meu colo. Deixo um beijo suave nas suas bochechas ligeiramente frias e começo a me despir das roupas pesadas de inverno.

— Tio Hans, achamos uma coisa no seu armário quando a mamãe foi procurar garfo de *destronchar* frango.

— Trincar, Lora — Becky a corrige vindo da cozinha com Archie no colo.
— Garfo de trincar.

Ela para no meio do caminho e nos analisa por um segundo, eu fazendo a mesma coisa. Deus, por que essa vontade tão insana e repentina de ter uma família justamente agora? Justamente *por causa deles*. Por que essa vontade tão insana e repentina de *sermos* uma família?

— Aaaaaaah. Garfo de *tronchar*. — Rimos por um segundo até ela continuar: — Então, tio Hans, encontramos uma coisa bem legal no seu armário. Estava perdida beeeeem lá no fundo, né, mamãe?

— E o que é?

Ela desce do meu colo e corre até a mesa no centro da cozinha, retornando com um objeto em mãos que só reconheço ao se aproximar.

— Mamãe disse que é uma máquina *fotográfica*

— Fotográfica — Becky corrige.

Lora se vira para a mãe e coloca as mãos nas cinturas.

— Foi o que eu disse, mãe! *Frotográfica*.

Eu me agacho à sua altura e pego a câmera de suas mãos.

— É isso mesmo. É uma polaroide.

— *Polar-óide*? — Assinto sem me preocupar em corrigi-la e analiso a peça em minhas mãos. Katherine comprou numa dessas vendas de garagem que a vizinhança sempre faz e até tiramos algumas fotos com ela. Depois, ela perdeu o interesse e a câmera ficou por aí. Até agora. — Ela se chama assim por que veio do Polo Norte, né, tio Hans?

Rio e movo a cabeça em negativo. Seus olhos se arregalam, alguma ideia absurda passando pela sua cabeça.

— Será que é do Papai Noel?

— Não, Lora. A câmera se chama *polaroide* e não tem qualquer relação com o Polo Norte. Ela revela a foto na hora, sabia?

Os olhinhos dela aumentam ainda mais de tamanho. Um instante mais tarde, a menina está dando saltinhos eufóricos e batendo palmas.

— Podemos tirar uma foto, tio Hans? Podemos? Podemos-podemos-podemos-podemos-pode...?

— Meu Deus, Lora — Becky intervém.

— Podemos — digo, levantando-me. — Deixa só eu ver se ainda funciona.

— Dou uma verificada na câmera, direciono-a para Becky, distraída conversando com Archie, e bato uma foto. Ela ri, corando um pouco. Quando a imagem é impressa, tenho a constatação que sim, está tudo funcionando.

Lora quer duas fotos. Uma de frente para a lareira, outra de frente para a árvore de Natal com suas luzinhas incessantes. Nós nos reunimos primeiro

em frente à lareira, a pequena nos meus braços, Archie com a mãe, e eu logo ao lado de Becky, nossos ombros encostados um ao outro. Ergo a câmera no alto, nos enquadro e bato a foto. Depois, Lora quer trocar de lugar, então eu pego Archie no colo, e ela vai para o colo da mãe. Becky beija o rosto da filha para a foto, e eu sou compelido a fazer o mesmo com o garotinho.

As fotos ficam muito boas, incluindo a que peguei Becky de surpresa. Ao olhar para as duas em que estamos todos reunidos, como uma família de verdade, aquele sentimento forte, potente e que me abala me acerta com toda força.

— Ficaram ótimas — digo a Lora, entregando-lhe as imagens, ela agora sentada no sofá entre mim e a mãe. — Vão ser uma ótima lembrança, não é?

Ela pega as fotografias com todo cuidado do mundo e as apoia nas perninhas unidas.

— Vou guardar com muito carinho, tio Hans. A gente pode vir te visitar sempre, né?

Becky está para adverti-la, mas desiste no meio do caminho porque sabe que de nada vai adiantar.

— Claro que pode. Fortwood nem é tão longe daqui. —

Amacio seus cabelos e coloco uma mecha atrás da sua orelha. —

Irrita bastante a mamãe pra vocês virem me visitar com frequência, viu?

— Hans! — Eu rio sob o protesto de Becky.

Enquanto contemplamos as fotos ouvindo Lora tagarelar, um pensamento atravessa minha mente.

Eles não precisariam vir me visitar sempre se nem mesmo fossem embora.



CAPÍTULO 09

Na manhã da véspera de Natal, eu levanto cedo. A nevasca deixou um enorme trabalho no meu jardim — trinta centímetros de neve que preciso terminar de tirar. Lora levanta logo em seguida e quer porque quer vir me ajudar. Encontro uma pá pequena, e encapotada de luva, gorro, botas e casaco pesado, a pequena me ajuda da melhor maneira que pode.

— Tio Hans — ela me chama, jogando um pouco de neve para o lado —, depois podemos colocar luzinhas aqui fora também e fazer um boneco de neve?

Olho para a janela da minha sala e vejo Becky ali, nos estudando com Archie no colo. Ela me dá um pequeno sorriso antes de voltar a arrumar a sala. Ela tem feito muito isso ultimamente, mesmo que eu diga que não é necessário. A mulher cozinha, lava as louças, arruma as camas, ajeita tudo. Essa manhã, assim que me levantei do seu lado — porque claro que ela passou outra noite no meu quarto —, Becky também se levantou. Antes de voltar para o quarto das crianças, começou a arrumar o meu.

Tento não pensar que temos nos parecido demais como uma família porque isso me faz desejar uma família, algo que parece distante de se realizar. Mas não consigo. Não consigo não os idealizar aqui todos os dias. E droga, isso é muito precipitado. Eu mal a conheço, por Deus do céu. Não é que Becky e as crianças me fazem querer uma companheira e filhos. Becky e as crianças me fazem *querê-los* como uma companheira e filhos.

Acho que preciso de terapia.

— Tio Hans! Tio Hans! — Lora puxa a barra do meu casaco.

— Podemos?

Desvio meus olhos para a menina e assinto.

— Podemos. Mais à tardezinha, tudo bem? Vamos terminar aqui, almoçar, e depois eu tenho que ir à cidade.

Lora assente e termina de me auxiliar até termos que ir tomar café da manhã. Em torno da mesa, eu acesso as notícias pelo *Ipad*.

Minha intenção é saber se a nevasca fez muito estrago na cidade, mas acabo por me deparar com outra matéria.

OceanofPDF.com

"Quatro anos desde a morte de Katherine Altman-Parker, filha do influente político e jornalista Anderson Parker, o prefeito de Solwe."

Meu humor muda completamente e não consigo disfarçar.

Becky me chama, pergunta se me sinto bem, mas eu não respondo, preso demais ao trecho da matéria.

"Katherine faleceu às vésperas do Natal, quatro anos antes, em um trágico acidente que findou sua vida ainda no auge da juventude. Depois de passar alguns dias com o pai, a influenciadora voltava para a cidade onde residia com o esposo, o também jornalista Hans Altman, quando um pinheiro atingiu em cheio seu carro na estrada que liga Fortwood a Kearney Valley, a poucos quilômetros de seu destino. Aos 26 anos, Katherine faleceu ainda no local do acidente."

Baixo o *Ipad* na mesa e tento afastar as lembranças daquela tarde. A matéria relembra a vida agitada e baladeira de Kate antes do casamento e da vida política de Anderson, que cortou contato comigo depois da morte da filha.

— Hans? — Becky soa mais firme.

— Estou bem — digo e passo a mão no rosto. — Eu vou sair.

É aniversário da morte de Kate e costumo ir ao cemitério.

Becky assente, sem dizer nada, sem tirar os olhos de mim.

Archie se inclina para alcançar o tablet e consegue arrastá-lo para perto da mãe. Ela baixa os olhos em direção a tela do eletrônico e vejo condolência trespassar seu rosto ao ver o que eu estava lendo.

— Não demoro — aviso e saio em seguida.



Depois de passar no cemitério, por acaso ainda consigo encontrar um supermercado aberto. Lotado, com filas enormes de quem deixou para comprar tudo na última hora, mas eu me arrisco a enfrentar a demora para comprar alguns presentes. Minhas opções são bem limitadas uma vez que não tenho ideia do que comprar e de que está muito em cima da hora. Ainda assim, encontro algo que seja adequado para Becky, Archie e Lora. Compro caixas de presentes também para embalar e colocar debaixo da árvore.

Demoro muito tempo até conseguir pagar pelas minhas compras e retornar para casa. Lora e Archie estão dormindo, Becky já almoçou e limpou tudo por aqui.

— Você demorou — diz um pouco preocupada. — Está tudo bem, Hans?

— Uhum. A cidade está uma loucura e eu resolvi comprar uns presentes pra vocês. Por isso, demorei. Já avisou seus pais que vai ficar aqui comigo para o Natal? — Ela me parece um pouco chocada, talvez pela minha iniciativa de ter comprado os presentes.

— Becky?

— Avisei — confirma rapidamente. — Avisei, sim.

Assinto e posiciono as três caixas de presente debaixo da árvore imaginando quando Lora acordar. Certeza que vai ficar feliz.

— Por que se incomodou com isso? — Becky pergunta suavemente e se agacha ao meu lado.

Dou de ombros.

— Só quis agradar. — Eu me viro na sua direção e sorrio.

Sem saber o motivo, acaricio seu rosto e coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Não foi nada de mais.

Ela me dá um sorriso bonito e assente, inclinando-se ligeiramente na minha direção. Deixo que se aproxime e cole os lábios nos meus por um instante muito rápido. Becky se afasta muito de repente, como se me beijar fosse um erro, e me olha um pouco sem jeito.

— Mamãe? — Nós nos viramos na direção da vozinha de Lora, parada na entrada do cômodo. Enrolada em uma coberta, ela coça os olhos e boceja. — O Archie está chorando.

Becky me deixa no mesmo instante e vai buscar o pequeno.

Lora se aproxima de mim, ainda sonolenta, e encosta a cabecinha no meu ombro. Ela demora um segundo para ver as caixas sob a árvore.

— Temos presentes! — exclama, animação escorrendo pelas suas palavras, agora completamente desperta do sono. — Temos presentes, tio Hans. Temos presentes! — A menina se joga nos meus braços, apertando-me forte. Eu a abraço de volta e deixo um beijo nos seus cabelos.

— Temos, sim, mas só vamos abrir amanhã, certo?

Sinto seus pequenos braços me apertarem mais, desarmando-me mais do que essa garotinha tem sido capaz. Assim que Becky está de volta com Archie em seu colo — os olhinhos dele úmidos do choro —, Lora corre contar a novidade. Sua felicidade e animação me dão aquele sentimento que é uma mistura de aflição, sufocamento, amor e desejo.

— Tio Hans, podemos ir lá fora montar as luzinhas?

— Não sei se temos mais luzinhas, Lora — Becky menciona direcionando-se à cozinha. Sobre a bancada da pia, mamadeira, fórmula e itens de bebê tomam conta do lugar já tem uns dias.

— Podemos tirar da lareira — a pequena sugere.

— Não precisamos. Eu comprei um jogo novo.

Ela pula, toda feliz, o que me faz rir junto. A mãe avisa que só vai lá fora se estiver bem agasalhada. Lora corre escada acima

vestir touca, luvas, casaco e bota para nossa tarefa. Eu preparo tudo o que vamos precisar para colocarmos as luzes no lado exterior da casa — escada, extensão de tomada, pregos, martelos e os pisca-pisca — o que leva o exato tempo para a menina estar de volta.

Lá fora, ela me ajuda como pode, o que se resume a segurar o rolo de pisca-pisca e ir soltando aos poucos conforme eu os estico na testeira da casa. Becky não demora a aparecer com Archie, também bem agasalhado. Ela nos assiste enquanto supervisiona o filho, agora sentadinho no monte de neve, pegando por entre as mãozinhas os cristais brancos de gelo.

Quando tudo está terminado, partimos para o boneco de neve. Becky e Archie se juntam à missão, ajudando-nos a modelar o monte de neve. É um momento divertido, principalmente porque Lora está radiante em estarmos reunidos aqui fora, montando algo que, para outras pessoas, deve ser corriqueiro. Não para Lora.

Watson sai pela sua porta e me cumprimenta. Seus olhos se detêm nos três comigo por um instante, curioso com a visita inesperada. Ele apenas sorri de leve e segue caminho até seu carro estacionado na beira da rua. Eu vou buscar algumas coisas para finalizarmos o boneco enquanto eles ficam aqui, terminando de construí-lo. Pego um cachecol velho, uma cenoura e um chapéu.

De volta ao jardim, ergo Lora na altura do que é o rosto do nosso boneco, agora quase completo. Ela enfia a cenoura no lugar onde fica o nariz; para os olhos, afunda duas pedras escuras. Becky encontra dois galhos para os braços e mais pedras que vão imitar os botões e modelar um sorriso. Finalizo envolvendo o pescoço do boneco com o cachecol amarelo e encaixando o chapéu preto no topo de sua cabeça.

— Ficou muito lindo, tio Hans!

Archie dá um gritinho e uma risada alta no colo da mãe, pulando animadamente, como se concordando com a irmã.

— Ficou, sim, Lora. — Eu me aproximo dela e passo um braço por cima do seu ombro, contemplando o boneco que fizemos.

Disse que ele está bonito e, num geral, está mesmo. Mas não o contemplo pela beleza estética, mas pelo que isso significou à pequena.

Estou distraído quando uma bola de neve me acerta. Viro-me na direção que veio o ataque e encontro Becky rindo e se agachando para formar uma nova munição. Lora solta um grito estridente e se agacha, ela mesma formando sua própria bola de neve para atingir a mãe.

— Guerra de neve! — Ela força o bracinho para frente, na direção de Becky, mas a bola mal a acerta.

Becky já conseguiu formar outro montante e atinge a filha com ele, sem empregar muita força para não a machucar. A menina ri e se prepara para contra-atacar. Nesse pequeno espaço de tempo, a mãe entrega um amontoado de neve para Archie, que está animado para entrar na brincadeira. Com a bolinha em suas mãos, ele a joga da maneira que sua coordenação motora permite e ri quando a neve se espatifa de volta ao chão.

— Tio Hans, me ajuda! — Lora grita, lançando outra bola na direção da mãe.

Eu gargalho e me junto à brincadeira. Corremos pelo quintal por bastante tempo brincando com a neve. Gargalhadas e gritos ressoam pela vizinhança e pela primeira vez em muito tempo eu me divirto. Eu me divirto de verdade. Em certo momento, paro de correr atrás deles e apenas os observo. O sorriso em Archie, em Lora, em Becky, a felicidade que exala deles e que parece tão... raro em suas vidas. Depois, aproveito um momento de distração deles e corro pegar meu celular.

Ao retornar, capturo uma imagem que pretendo nunca mais apagar da memória do meu telefone. Archie está sentadinho na neve, seus olhos curiosos sobre suas mãos enluvadas cheias dos cristais branquinhos; Becky está agachada ao seu lado,



conversando alguma coisa com ele, um sorriso incrível despontando dos seus lábios bonitos; Lora está logo atrás, agarrada ao pescoço da mãe, o rostinho contra suas costas.

Guardo meu telefone no bolso e vou até eles. Puxo Becky pelos punhos, erguendo-a para mim. Seus olhos se assustam ao trazê-la para meu tórax, nossos rostos muito colados. Sem que espere — e ela está abrindo a boca para, com toda certeza, perguntar o que diabos estou fazendo —, eu enfio meus dedos em suas costelas. Becky gargalha e se remexe sob minha tortura, tentando fugir de mim. Seus pés se enroscam um no outro, e ela cai de costas. Acabo por ir junto, mas desvio a tempo para não cair em cima dela. Ficamos um do lado do outro, rindo e ouvindo as crianças rirem da nossa brincadeira.

Lora se deita ao meu lado, deixando um espaço entre nós, os olhinhos no céu do entardecer. Então, ela abre os braços e as pernas, os fecha e os abre de novo. Levo só um segundo para entender que está fazendo um anjo na neve. Becky sorri para a filha e, me mandando dar espaço, começa a fazer o mesmo. Eu decido que não vou ficar para trás. Deito-me ao lado delas, movimento meus braços também e depois ajudo Archie a fazer o seu anjo.

Ao terminarmos, nossas marcas estão ali. Parece tão bobo, mas é algo que me agrada de uma maneira incompreensível. O anjo de Lora à esquerda, Becky ao lado, o meu em seguida e o de Archie por último, à direita. O indício de uma família. Uma família que não me pertence, que está comigo

por um pequeno período de tempo, mas que já deixou uma marca profunda em mim.

Deus, eu vou sentir tanta falta deles.

Tanta.

No dia de Natal, Lora está mais radiante do que nunca.

Levantou logo e escolheu sua melhor roupa, a melhor roupa do irmãozinho e as deixou delicadamente separadas sobre a cama para quando for o momento de vesti-las. Becky e eu nos reunimos para prepararmos um almoço típico natalino, o que nos obrigou a levantar bem cedinho para que tudo esteja pronto a tempo.

— Vocês viram o Papai Noel? — Lora pergunta, nos rodeando na cozinha, ainda de pijamas.

Seus olhos estão atentos na mesa onde tem um copo de leite, agora vazio, e um pratinho que comportou alguns biscoitos de gengibre. A ideia foi dela de deixar ali, na noite passada, as guloseimas para o bom velhinho. Quem comeu os biscoitos e bebeu o leite fui eu hoje cedo, logicamente, mas vou deixá-la pensar que foi o barbudo do saco de brinquedo.

— Não vimos — Becky responde — porque ele é bem esperto e se aproveitou que estávamos distraídos.

— Vocês assistiram a queima de fogos, tio Hans? — Lora se senta à mesa com alguma dificuldade, e a mãe recolhe a louça suja depois de colocar outro copo de leite e outra porção de biscoitos para a filha.

— Assistimos.

Troco um olhar com Becky e seguro um sorriso malicioso. Ela sabe o que estávamos fazendo na hora da queima de fogos. Seu rosto cora um pouquinho antes de se afastar da mesa e voltar para a pia, onde termina de preparar o peru que vai para o forno.

Mantenho a conversa com Lora enquanto ajudo Becky a terminar de cozinhar os pratos do nosso almoço. A menina está ansiosa para abrir os presentes que eu trouxe e preciso de muito jogo de cintura para convencê-la a esperar um pouco mais. Archie acorda tarde, por volta de dez da manhã, e quero cuidar dele nesse momento. Por isso, Becky continua sendo a responsável pela comida e eu fico responsável pelo pequeno. Troco sua fralda,

aqueço uma mamadeira de fórmula e ele se aninha no meu colo para encher a barriga. Eu fico o olhando o tempo inteiro, acariciando seu rostinho bonito, deixando que essa vontade esquisita — um misto de querer ser pai e querer ser o *pai dele* — tome conta de mim.

Lá pelas onze da manhã, Lora me convence a abrir os presentes. Nós quatro nos reunimos na frente da árvore de Natal; a menininha se senta no tapete e eu coloco Archie ao seu lado, tendo de trazê-lo de volta porque ele começa a engatinhar para longe.

— Aquele ali — aponto para uma embalagem vermelha, laço dourado, pequena e comprida — é para a mamãe.

Eu pego a caixa e entrego para Becky. Ela me oferece um sorriso de agradecimento, desfaz o laço e ergue a tampa.

— Eu não sabia muito bem o que te dar e não é a melhor marcar, mas...

— Eu adorei, Hans. — Sua voz é suave e sincera. Becky vem até mim e me abraça apertado. Eu a abraço de volta, seu cheiro incrível me envolvendo, e me refugio por um segundo na curva do seu pescoço, não querendo sair daqui nunca mais. — Vou usar ainda hoje. — Becky se afasta e espirra um pouco do perfume que lhe dei nos pulsos e atrás da orelha.

Lora se intromete na conversa, querendo ver o presente da mãe e passar um pouquinho. Assim que está perfumada o suficiente, eu continuo.

— Esse aqui — pego uma caixa quadrada e verde, com um laço também dourado —, é seu, Lora.

A menina agarra o objeto como se fosse um tesouro perdido.

Em um instante, o laço foi desfeito e a tampa está no chão.

— Eu não sei do que você gosta — digo enquanto ela tira com cuidado os dois objetos de dentro da caixa — e não quis comprar um brinquedo de um tema que não te agrada ou coisa assim. Mas como você gostou da polaroide...

— Hans, isso é...? — Becky intervém.

Sorrio e confirmo.

— Uma câmera *fotográfica*?

— Fotográfica — a mãe a corrige.

— Sim. Ela funciona igual àquela minha velha, mas essa é mais moderna. Eu só não sei se acertei na cor.

Lora baixa os olhinhos para a câmera instantânea. É

pequena, delicada e rosa. Pelas roupas dela que a vi usando, deduzi que rosa a agradava o suficiente, então arrisquei e comprei a câmera nessa cor.

— Você gostou?

— Eu adorei, tio Hans. — Ela se levanta e me dá um abraço apertado, cheio de afeto, carinho e inocência. — Rosa é minha cor favorita. E o que é isso? — pergunta segurando o segundo objeto que veio na caixa.

É um porta-retrato. Moldura de madeira, fundo de estopa, tem uma cordinha de uma ponta a outra e um pequeno pregador.

— É pra você colocar uma foto nossa para sempre se lembrar desse Natal. Vamos bater uma fotografia com sua câmera e pendurá-la aqui — digo, mostrando o fio no porta-retrato. — O que acha?

A menina fica animada com a ideia e só sossega quando consegue outra imagem de nós quatro juntos, dessa vez sentados em frente à árvore. Enquanto Lora não desgruda de seu porta-retrato e máquina fotográfica, entrego o presente de Archie. O

menino leva algum tempo para desembulhar seu presente, mas deixamos que faça no seu ritmo. Um sorriso enorme toma seu rosto ao puxar o tubarão de pelúcia para fora da embalagem. Ele abraça o brinquedo e depois o balança, todo feliz. Eu o pego em meus braços e deixo um beijo no seu rosto quente.

— Também temos um presente pra você, tio Hans! — Lora diz, buscando o olhar de Becky. — Não é, mamãe?

— Um presente? — indago, curioso.

— É algo simples — Becky responde, pegando uma pequena caixa sob a árvore.

— Onde conseguiu a embalagem? — questiono com um sorriso.

Becky sorri de volta e me entrega o presente.

— Encontrei no closet debaixo da escada — responde, sem graça. — Abra.

Desfaço o laço, feito com barbante, e ergo a tampa da caixa.

Lá dentro, encontro um envelope. Pego-o com delicadeza e o abro, encontrando as fotos polaroides que batemos com minha antiga máquina. Meu coração aperta na mesma hora, uma emoção diferente atravessando todo meu corpo. Meus olhos fixam nas fotografias em minhas mãos.

— Eu disse que era simples — Becky menciona com um sussurro.

Assinto e tento afastar as lágrimas dos meus olhos. Um presente simples, é verdade, mas carrega tanto significado para mim, tanta importância, é tão valioso. Não trocaria essas fotografias por nada neste mundo.

— Você não gostou, tio Hans? —Lora pergunta, vindo até mim, sua voz soando baixinho.

Limpo uma lágrima insistente com o dorso da mão.

— Ah, Lora. Você não sabe o quanto eu amei. É o melhor presente do mundo.

— Verdade?! — Sua expressão muda na mesma hora, seus olhinhos azuis brilhando de expectativa.

— Verdade. Prometo que vou guardar com muito carinho. —

Eu beijo seu rosto e a tomo em um abraço.

Apertando a pequena contra mim, eu procuro por Becky, que agora pegou Archie no colo, ainda entretido com seu tubarão de

pelúcia. Ela sorri para mim, e seu sorriso me abala de todas as maneiras. Fico aflito quase na mesma hora ao pensar que eles estão prestes a ir embora.

E eu não estou preparado para me despedir.

Meu Deus, eu não estou nem um pouco preparado para me despedir.

Não estou.



CAPÍTULO 10

— *Foi um dia e* tanto hoje — Becky diz, parada no limiar entre o banheiro e meu quarto. — As crianças se divertiram muito.

— Sorrio com a lembrança do nosso dia de Natal. Lora se empanturrou de peru, torta de morango e biscoito de gengibre, brincou na neve lá fora depois de já escuro, tirou fotos e montou outro boneco, que ela chamou de Alaf.

Becky está com um pijama azul-claro, camisa de mangas longas e calça, terminando de escovar os cabelos castanhos.

Deitado na cama, pronto para dormir, eu a observo cumprir seu ritual antes de vir me fazer companhia e gosto de como ela está confortável em manter sua rotina aqui comigo. Só tem sete dias desde que nos conhecemos. Para mim, parece uma vida. Não acredito em amor à primeira vista, não mesmo, mas também não vou negar que existe algo entre mim e Becky. Não sei o que é. Mas existe. E vai acabar quando ela for embora.

— Lora adorou a câmera, e Archie não quis desgrudar do tubarão de pelúcia por nada nesse mundo. Dormiu agarrado ao bichinho.

Becky sorri e volta para o banheiro, retornando um instante depois sem a escova e com o vidro de perfume que lhe dei. Ela aplica um pouco nos punhos e atrás da orelha antes de se deitar ao meu lado. Eu a ajeito em meu tórax e inspiro seu cheiro. Fecho os olhos tentando administrar essa mistura de sentimentos no meu peito.

— Quando eu chegar a Fortwood — murmura, o rosto escondido na curva do meu pescoço, sua mão atrevida brincando com a pele da minha barriga em uma carícia suave e sensual —, vou providenciar um modo de te recomp...

— Nem se atreva, Becks.

Ela ri baixinho, talvez pelo apelido aleatório, e ergue o olhar para mim.

— Hans, você gastou uma fortuna com a gente. Merece um presente de Natal melhor do que duas fotografias.

Desvio o olhar para o mural de alumínio no meu quarto. No passado, Katherine o enchia de fotos de suas viagens e das raras fotografias que tirávamos juntos. Quando ela morreu, atormentado pela dor e pela culpa, eu guardei tudo. O mural estava vazio até algumas horas atrás. Coloquei ali todas as fotografias que batemos, à de frente à lareira, a de frente à árvore de Natal, as outras que Lora tirou ao longo do dia e a que peguei Becky de surpresa.

— Eu disse a Lora que essas fotografias foram o melhor presente que ganhei. — Abraço-a quase sem perceber, prensando seu corpo quente ao meu. — E não menti sobre isso, Becky. É sério, você não poderia me dar algo melhor nem se quisesse.

Nós ficamos em silêncio por um momento, seus olhos nos meus, suaves, carinhosos, um sorriso pequeno nos lábios. Eu a encaro evitando pensar que ela vai partir em breve. É

incompreensível a dor que acerta meu coração com essa perspectiva. O certo é ela seguir seu caminho com as crianças, mas a vontade de implorar para que fiquem me sufoca. Por que estou tão despreparado para vê-los partir? Por que quero tanto que continuem aqui?

Estou ponderando sobre isso quando os lábios de Becky alcançam os meus. Ela me beija devagar, olhos fechados, sua mão ainda me acariciando no abdômen. Qualquer pensamento vai embora e me concentro todo em Becky, no seu beijo, no seu cheiro, na textura de sua pele.

— Acho que posso te oferecer um presente-bônus nesse finalzinho de Natal — sussurro e, em resposta, ela sorri, subindo sua palma até a altura da pele entre meus mamilos.

— Ah, é? Que tipo de presente, senhor Altman?

Escorrego meus dedos até o elástico da sua calça e invado sua calcinha um instante depois.

— Um orgasmo natalino. Acha que é um bônus adequado?

— Ao perguntar, eu trespasso meu indicador por entre seus lábios grossos, ainda meio úmidos pelo banho que ela acabou de tomar.

Becky suspira e fecha as pernas contra minha mão, sua boca mordiscando a minha.

— Acho que é muito adequado.

Giro meu corpo sobre o dela e beijo sua boca, ajeitando-me entre suas pernas. Ela me recepciona com facilidade, me beija forte e se agarra nos meus fios escuros. Com minha boca na dela e minha mão acariciando sua boceta, ela não demora a estar úmida, mas não é assim que eu a quero encharcada para me receber.

Ajudo-a a se livrar da camisa do pijama e me dedico alguns segundos em seus mamilos. Amo senti-la se contorcendo sob meu peso, apertando meu cabelo, esfregando os quadris em mim.

Escorrego minha boca pelo seu tronco despido até chegar ao cócs. Abaixo sua calça lentamente, minha boca acompanhando meus movimentos. Roço meus lábios em seu monte de Vênus, adorando a textura dos seus fios aparados. Ela geme baixinho conforme me aproximo do seu clitóris. Afasto a calcinha para o lado e quando passo minha língua em seu ponto sensível, Becky se derrete inteira, afundando no colchão. Provoco-a por um tempo ao brincar com seu feixe de nervos, usando apenas a ponta da língua e movimentos suaves.

Testo sua umidade um minuto mais tarde, e sua entrada está escorregadia. Insiro um dedo nela, indo até o fundo, e gemo ao sentir seu calor e umidade em mim. Meu pau dentro da calça choraminga, desejando fazer sua parte e ter sua parcela de divertimento. Inspiro seu cheiro e de chupadas delicadas e provocativas, passo a chupá-la com vontade. Afundo o rosto entre suas

pernas, segurando-as para mantê-la firme contra minha boca, e sugo sua boceta de cima a baixo sem cerimônia.

— De joelhos — sussurro e ergo os olhos na sua direção.

Becky sequer tem tempo de processar o meu pedido e eu já estou a

virando de costas para mim. Ela espalma contra o colchão, respiração ruidosa, e empina a bunda. — Abra mais as suas pernas para mim, Becky.

Ela atende meu pedido com um gemido baixo e gostoso que se intensifica no momento em que apalpo sua bunda, acariciando-a e enfiando um dedo em sua boceta escorregadia. Puxo mais sua calcinha para o lado e torno a chupá-la. Minha língua sobe e desce em sua entrada apertada e lisa, meus dedos massageando seu clitóris ao ritmo que a chupo. Becky enterra o rosto na cama, os gemidos soando abafados, e eu não paro até que suas pernas estejam tremendo pelo orgasmo que a atinge.

Quase explodo dentro de minhas calças no instante em que a vejo sem firmeza, seus dedos longos apertando os lençóis. Eu a deixo por um segundo apenas para colocar um preservativo e a tomo em seguida, escorregando com facilidade para dentro de sua boceta. Ela está tão molhada que é difícil sentir a fricção de meu pau contra suas paredes vaginais. Firmo meus dedos nos seus quadris e me arremeto para dentro dela, a cama se movendo ao nosso embalo.

Puxo suas costas contra meu tórax, sem parar de me afundar em sua entrada, e subo uma mão por seu corpo, começando do clitóris, alcançando a barriga, o vale dos seios, parando em seu queixo. Viro seu rosto para mim e a beijo da melhor maneira que consigo, sentindo que estou muito mais conectado com ela do que antes, muito mais conectado do que deveria. Ainda não é um adeus, sei disso, mas a cada minuto que passa, o tempo que tenho com ela e com as crianças diminui. Pensar nisso me deixa aflito, com vontade de adiar nossa despedida o máximo possível.

Giro nossos corpos mais uma vez, voltando a nossa posição inicial. Deito-a na cama e me encaixo novamente entre suas pernas.

Diminuo o ritmo para dentro dela, precisando ir mais devagar para aproveitá-la melhor, para aproveitar o pouco tempo que nos resta.

Toco no rosto de Becky e ela abre os olhos. Procuro por sua mão e fecho nossos dedos, em um ato muito mais íntimo do que nosso

sexo. É íntimo, carinhoso, especial. Diferente. Aperto sua mão na minha, arranjando coragem de dizer que gosto dela. Que provavelmente estou apaixonado por ela. Não consigo encontrar as palavras diretas para isso, mas, conforme movo meus quadris de encontro ao seu e sinto seu aperto e umidade ao meu redor, encontro uma maneira implícita de confessar:

— Não quero me despedir de vocês.

Dou uma estocada funda em sua boceta, que a faz arquear para trás. Sei que ela não vai ficar, não vai nem mesmo se dar ao luxo de me responder, que talvez esse sentimento seja unilateral, por isso me empenho em marcá-la agora, no nosso sexo. Se ela não é capaz de ficar porque não pode retribuir ao que sinto, talvez considere ficar por causa do sexo, dos bons orgasmos que damos um ao outro. Estou tão desesperado por Becky que não me importaria se ela ficasse só por que sou um bom pau amigo.

— Becky, não quero me despedir de vocês — repito e a tomo em um beijo suave. Meu ápice começa a se formar nas minhas bolas, ameaçando vir de baixo para cima, e preciso de algum esforço para não me perder nessas suas curvas e gozar antes da hora. — Não quero... me despedir.

Ela afunda os dedos nos meus cabelos.

— Ah, Hans... — Suspira em meio ao seu gemido, apertando-me. Ela me toma em outro beijo, suave e carinhoso agora, e isso é minha ruína.

Despejo-me todo dentro dela com mais algumas estocadas, sem nunca deixar sua boca. Becky joga as pernas em torno da minha cintura e procura por seu próprio orgasmo ao subir e descer os quadris na minha direção. Um instante depois, ela goza. Eu me agarro nela por alguns segundos,

recuperando o fôlego, beijando seus lábios com cuidado e tentando não implorar para que fique.



O barulho de vidro quebrando atravessa a porta do escritório, onde vim apenas responder um e-mail urgente de trabalho. Saio de trás da minha mesa e corro até a sala — o local da origem do barulho — e encontro Becky agachada frente a lareira juntando os cacos do meu retrato com Katherine, o mesmo que Lora encontrou no fundo da caixa dos enfeites.

— O que houve? — pergunto, aproximando-me.

Ela se vira para mim e vejo seus olhos úmidos.

— Me desculpe, Hans. Juro que não foi intencional. Eu esbarrei sem querer quando fui limpar a lareira e...

As mãos dela estão trêmulas, a voz embargada.

— Becky, fique calma. Está tudo bem. — Eu me ajoelho ao seu lado e a ajudo a juntar os cacos de vidro. Somente essa parte do porta-retrato foi danificado. A moldura e a foto continuam inteiras.

— Eu realmente sinto muito. — Ela despenca em lágrimas e preciso tirá-la de perto dos cacos.

Envolvo-a em meus braços, seu rosto contra meu peito, e amacio seus cabelos ao acalenta-la. Toco suas bochechas e a faço olhar para mim. Seco suas lágrimas e deixo um beijo no canto dos seus lábios. Aos poucos, Becky se recompõe, e eu fico tentado a perguntar o motivo da sua reação.

— Você está melhor? — Becky assente. — Quer me contar por que ficou assim? — Olho para o vidro partido no chão e depois a encaro de volta. Sei que não foi de propósito.

Ela ergue os olhos para mim, molha o lábio inferior e parece ponderar.



— Eu tenho que te contar uma coisa.

— É algo relacionado a sua reação?

Ela move a cabeça em negativo.

— Isso foi exagerado, não foi?

— Um pouco. Não foi de propósito e acredito em você. Eu compro outra moldura depois. Por que reagiu assim, Becky?

Ela suspira e volta para os cacos. Temos que fazer uma limpeza cirúrgica aqui por causa das crianças. Ainda é cedo, mal são oito da manhã, e elas se cansaram o suficiente ontem para ainda estarem dormindo. Eu me ponho ao seu lado e a ajudo.

— Tive medo de ficar furioso ou achar que fiz de propósito.

Eu não sei. Você ainda a ama, Hans?

Baixo os olhos para minhas mãos e me atento a pegar os caquinhos. É uma pergunta difícil de responder. Eu nunca aprendi a amá-la do modo como ela merecia, como um marido deve amar sua esposa, mas com o tempo, conforme ela ia ficando mais maleável e passou a aturar nosso casamento com mais facilidade, eu criei algum afeto por Kate. Não era amor, não ao

menos o tipo tradicional de amor. Era diferente. Katherine se tornou uma pessoa importante para mim, mas não cheguei a amá-la como minha esposa.

— Eu nunca a amei — confesso. — Ao menos não desse modo.

Becky pisca duas vezes e me olha com atenção. Decido contar para ela essa parte da minha vida que eu dificilmente compartilho com alguém.

Sete anos antes

Aperto a ponte do nariz e pressiono mais o telefone no meu ouvido, atento às palavras da gerente do meu banco. Ergo os olhos à tela do meu computador exibindo uma das matérias em que estou trabalhando na redação. Fiz uma pausa no meio do expediente para tentar resolver esse problema e depois, com toda certeza, terei de ficar até mais tarde.

— Escute, Elena...

Antes que eu possa terminar de argumentar, uma mão aperta o gancho do telefone. Viro-me à esquerda e levanto os olhos, encontrando Anderson Parker ao meu lado. Todo engravatado e com pose de dono do mundo, ele tira o aparelho de minha mão e o devolve à base.

— Anderson, eu estava no meio de uma ligação...

— Não é mais importante.

Aperto o maxilar. Estava tentando resolver sobre minha hipoteca — completamente atrasada e sob ameaça de perder meu imóvel, então claro que era importante. Ele se senta na ponta da minha mesa e joga um jornal na minha direção. É a concorrência. A manchete estampa uma foto constrangedora de uma mulher jovem muito bêbada, caída nos braços de

três homens, e a saia preta curta se ergueu o bastante para que a edição tenha sido obrigada a colocar uma tarja preta em suas partes.

A manchete:

“Moça de família? Mais uma noitada de Katherine Parker acaba em confusão, escândalos e postura inadequada.”

Suspiro e fecho os olhos, sabendo por que ele veio até mim.

Sabia que viria na verdade. Redigi cada linha da matéria sabendo disso.

— Foi um *freelance* que fiz no final de semana, Parker —

explico-me. — *The Day by Day* me chamou para cobrir um evento, não tinha ideia que sua filha ia estar lá. Não tinha como voltar atrás e...

—... eles te pagaram um bom bônus, não é? E você não pensou duas vezes em trabalhar para a concorrência porque precisa de dinheiro. Mas isso, Altman... — diz, severo, e bate o dedo em uma parte específica da matéria. — Você não pensou que eu poderia te demitir?

Baixo os olhos para um trecho da matéria e engulo em seco porque não fui eu que escrevi essa droga. Depois de ter narrado todo escândalo de Katherine em uma balada local, no meu arquivo original encerro a matéria mencionando que seu pai, o jornalista renomado do *Valley Journal*, Anderson Parker, está preparando sua candidatura para a prefeitura de Solwe. Contudo, na versão que foi impressa, contém um parágrafo a mais, o que eu não escrevi:

“Anderson Parker tem baseado sua carreira política defendendo valores familiares e afirmando, com toda convicção do mundo, que sua filha é ‘para casar’. Os recentes e constantes escândalos em que Katherine tem aparecido, muitos deles envolvendo homens e sexo casual, demonstram o contrário. Não sabemos como Parker pretende manter seu discurso para ganhar o gabinete na prefeitura de Solwe se sua filha é o completo oposto daquilo que ele tanto defende e prega.”

— Não escrevi esse último parágrafo.

Suspiro e afasto o jornal de perto de mim. Anderson o coloca debaixo do braço e me olha com atenção. Ele não é só o dono da redação em que trabalho, como pai da garota estampada na capa do jornal concorrente, e entendo de verdade que esteja bravo. Mas eu estava desesperado — eu ainda estou desesperado — por uma renda extra. A oportunidade surgiu, mas não sabia que eles me colocariam para escrever justamente sobre a filha do meu chefe.

Não tinha mais como voltar atrás — eles haviam me dado um sinal,

que eu já tinha gastado — e não vi saída a não ser escrever a droga da matéria.

— O editor do *The Day by Day* é amigo do meu concorrente à prefeitura de Solwe. Está bastante claro que sua intenção é prejudicar minha imagem — Anderson divaga, ainda sentado à minha mesa. — Talvez tenha uma solução para esse meu problema constante com Katherine e vou precisar de você, Hans.

Franzo o cenho, sem entender aonde ele quer chegar com isso. Eu nem mesmo me envolvo em assuntos políticos. Sei que Anderson se mudou para Solwe há pouco mais de um ano — um dos requisitos para ser elegível ao cargo — e comparece à redação duas vezes na semana. Ele tem alguns vínculos, amizades e negócios em na cidade de sua candidatura, mas mesmo assim, nunca entendi direito o motivo de ele querer a prefeitura de lá, não a daqui.

— Eu preciso que Katherine se comporte e passe a imagem que eu quero que ela passe. Em uma coisa a pessoa que incluiu esse parágrafo na sua matéria está certa: não há maneira nenhuma de eu manter minha campanha se minha filha é o oposto daquilo que defendo.

— Bom, ela tem vinte e três anos, Parker. Não acha que está um pouco tarde para mandá-la para um internato? — brinco, e ele sorri um pouco.

— Sim, tem razão, mas ela está na idade ideal para se casar.

Ter um marido a quem se dedicar, uma casa para cuidar, filhos para educar. Talvez isso a ocupe o bastante e não tenha mais tempo para me envergonhar e se meter em escândalos como esse. — Bate a mão no jornal debaixo de seu braço.

Anderson deve ter batido com a cabeça se acha que Kate vai aceitar algo desse nível. Ela não vai. Sua filha não é mulher que se dedicaria a um marido, casa ou filhos. Pelo menos, é a impressão que me passa.

— Duas dúvidas. Primeira dúvida: como pretende convencê-la a se casar e ter filhos? — Soo um pouco debochado. — Segunda: onde vai arranjar um marido para Katherine? — Ele sorri para mim, sugestivo, e levo um segundo para compreender. — Anderson...

— Você está endividado. A hipoteca da casa está atrasada, você fez mais contas com o sistema de saúde depois de um acidente doméstico que te obrigou a ficar alguns dias internado, não ganha o suficiente para conseguir quitar suas dívidas e está passando no vermelho.

Travo o maxilar, odiando que ele me lembre disso. Hipotequei a casa para ajudar minha mãe que, antes de falecer, não tinha plano de saúde e precisava de cuidados médicos. Durante uns meses depois que ela faleceu, eu paguei a hipoteca religiosamente. Mudei de emprego nesse meio-tempo e fiquei algumas semanas sem meu plano de saúde por causa disso. E, para meu azar, foi exatamente nesse período que caí da escada e tive uma fratura exposta na perna

esquerda.

Cirurgia,

pós-operatório,

internação

e

medicamentos me custaram quase 40 mil dólares. Um valor alto que se juntou às parcelas do empréstimo. Por conta da minha perna, eu fiquei semanas afastado, sem poder trabalhar direito. Bom, agora aqui estamos, com a corda no pescoço. Olho minha perna esquerda, agradecendo por não ter tido qualquer sequela da fratura.

Pelo menos isso.

— Eu posso resolver seus problemas, Hans. Me ajude a colocar Katherine nos eixos e não terá que se preocupar mais com suas dívidas. E, de quebra, posso te promover ao cargo de chefe de reportagem.

— Isso é ridículo, Parker — reclamo, embora tentado a aceitar. — Katherine jamais concordaria com algo assim.

— Não, ela não concordaria. Kate não vai facilitar nem para mim, nem para você. Espere por uma esposa arredia e que vai te peitar o tempo inteiro. Mas eu sei como convencê-la ao casamento.

— Como *obrigá-la* é mais adequado.

O humor no rosto de Anderson desaparece imediatamente.

Ele se levanta da minha mesa e joga o jornal perto das minhas mãos.

— Pense nisso, Hans. E é melhor que seja rápido porque pelo tom da conversa com sua gerente, não falta muito para o banco tomar a sua casa.

Anderson mal dá dois passos quando pergunto:

— Por que eu?

Ele me olha atentamente, há até certo carinho em suas íris, e suspira.

— Porque você é o único homem no qual poderia confiar a vida e a felicidade da minha filha.

A resposta me pega desprevenido. Eu conheço Anderson desde os meus dezoito anos. Ele me ajudou com a faculdade, me arranhou alguns estágios em jornais pequenos e, quando me recuperei da fratura da perna, um ano atrás, ele me deu esse emprego.

— Como você vai convencê-la a se casar... — pauso e engulo em seco, detestando como isso soa dos meus lábios —

comigo?

— Se ela não aceitar, Katherine ficará sem um tostão. É

como um Plano B também. Sem dinheiro, ela não terá como frequentar essas casas noturnas de luxo, nem viajar para o exterior e me envergonhar inclusive na Europa. Se ela quiser continuar tendo sua vida de luxo, terá de se bancar sozinha. Duvido muito que ela aceite começar a trabalhar pesado como todo mundo.

Pondero por um instante não sabendo se aceito sua proposta ou não. Ele se afasta, dizendo que vai me dar um tempo para pensar. Vou até a copa da redação e me sirvo de um pouco de café.

Eu deveria dizer não. Ninguém deveria ser obrigado a se casar com outra pessoa. Aperto o copo com força e viro o café quente de uma

vez. Katherine vai me odiar, com toda certeza. E, Deus, isso é tão baixo, mas estou desesperado, sem alternativas.

Fecho os olhos e suspiro.

— Desculpe, Kate — sussurro para mim mesmo.



CAPÍTULO 11

Quatro anos antes

Katherine não facilitou. Eu sabia que ela não ia facilitar. Ela aceitou o casamento e foi alertada que qualquer escândalo em que se envolvesse que pudesse comprometer a candidatura de Anderson, ela seria punida rigorosamente com uma conta bancária zerada. Casada com um homem falido e dependente do dinheiro dos pais, a garota não teve muitas opções a não ser aceitar.

Os primeiros seis meses foram infernais, como Anderson me alertou que seriam. Katherine era impossível e me levava ao limite sempre que podia. Ainda assim, fui paciente. Aceitei o casamento não só pela ajuda que teria, mas porque acreditei que poderia ser bom para Kate, que a conquistaria e seria conquistado. Minha mãe dizia que a gente ama apenas quem conhece e fiquei com isso na cabeça, como um mantra. Mesmo que minha esposa fosse o próprio diabo encarnado durante os primeiros meses, eu tinha mesmo a esperança de sermos um casal comum e de planejarmos um ou dois filhos. Isso aconteceria conforme eu permitisse que ela me conhecesse e eu conhecesse o seu lado menos arredoio. Por isso, esperei seu tempo, respeitei seu espaço, ignorava suas provocações e a agradava quando ela menos esperava. Aos poucos, amoleci seu coração e Katherine ficou mais maleável, ainda que me culpasse por roubar sua liberdade.

Eu a incentivei a se especializar em algo e trabalhar, ganhar seu próprio dinheiro, parar de depender da fortuna do pai. Ela ponderou o conselho. Sendo muito boa em influenciar pessoas, criou um blog sobre moda e maquiagem e, em pouco menos de um ano (graças ao seu esforço e ao dinheiro de Parker), Kate já era um dos perfis do nicho mais influentes das redes sociais, fechava muitas publicidades e estava tirando uma boa renda empreendendo na internet. Eu esperei que ela fosse pedir o divórcio assim que

estivesse financeiramente independente do pai. Não foi o que aconteceu. Ao invés disso, no seu primeiro faturamento alto, ela comprou uma garrafa de vinho, comida italiana e transou comigo pela primeira vez. A partir daí, nosso casamento melhorou.

Passamos a dormir na mesma cama e a andar de mãos dadas ao fazermos programas de casais; com dois anos de casamento, ela veio me falar de filhos, que no momento ideal, ela queria um ou dois, e que estava na hora de nos mudarmos para uma casa maior.

Então, ela estava apaixonada por mim, mas eu não estava apaixonado de volta. Pensei que uma hora eu me apaixonaria por ela, que bastava tempo e nos conhecermos. Já faz três anos. Gosto dela, do nosso sexo e da nossa convivência, mas não a amo como ela me ama, como eu gostaria de amá-la. Não sei qual é o problema comigo, não sei por que não consigo retribuir ao amor dela, mesmo Kate sendo uma pessoa incrível.

O que minha esposa me diz do outro lado da linha telefônica

— “vou chegar logo em casa, e aí conversamos com calma” — me dispersa dos meus pensamentos e eu volto ao mundo real. Pisco duas vezes, recobrando a consciência do por que estamos discutindo. Liguei para ela para tirar satisfação de uma foto que vi mais cedo no jornal concorrente e começamos a brigar.

— Você não tem que voltar para casa, Katherine — cuspo ao telefone e jogo uma bolinha de papel em direção ao cesto de lixo do outro lado do

meu escritório. — Passe o Natal em Solwe com seu pai. Passe o Natal com *Samuel*. Não quero que volte para casa.

— *Hans*, você está se ouvindo? Está ouvindo como soa infantil?

Giro na cadeira e encaro o jardim lá fora, um pouco coberto pela neve da estação. Fecho os olhos e tento não pensar nessa merda toda.

— Kate, é sério — digo mais suavemente e suspiro. — Se você gosta dele...

— *Pare com isso agora!* — ela grita mais alto e preciso afastar o telefone do ouvido. — *Não tem nada entre mim e Samuel*.

Aquele idiota do The Day by Day conseguiu te envenenar. Eu amo você, Hans.

Não digo nada por algum tempo, apenas ouvindo a respiração ruidosa dela atravessar a linha. Mais cedo, o “*idiota do The Day by Day*” publicou uma matéria on-line, e Kate apareceu nela abraçando outro homem. O ângulo, o sorriso e a postura dos dois dá asas à imaginação. Qualquer um diria que existe um romance entre eles. Uma pontada de algo acertou meu peito no instante em que vi, mas eu sabia que não era ciúme. Não a amo o suficiente para isso, entretanto, o sentimento está aqui e é amargo.

Eu não amo Kate o bastante, mas isso não significa que não vou me importar se estiver me traindo.

— Katherine, aquela foto... está comprometedor demais. Dá para notar que você o olha de uma maneira diferente, que ele te olha de uma maneira diferente. Você está apaixonada por outro? Se estiver, tudo bem, vou entender. Esses anos todos e eu... — *nunca disse que te amo* — não pude ser um bom marido. Você merece alguém que te ame de verdade. Vou entender se tiver encontrado uma pessoa melhor do que eu. É sério, Kate. Sem mágoas.

— *Eu amo você, seu idiota!* — ela berra, indignada . — *Não existe nada, absolutamente nada, entre mim e Sam. Ele é amigo da família, foi só um abraço de despedida.*

Eu quero acreditar nisso, mas não consigo. Na verdade, chego a torcer para que não tenha sido apenas um abraço de despedida. Katherine não me merece. Ela não merece a porra das migalhas que lhe dou, nem de como fui um idiota ao aceitar a proposta do seu pai, três anos atrás. Eu ganhei uma promoção, consegui renegociar a hipoteca e quitei meus débitos com o hospital. Em troca disso, convivo com uma mulher que não é plenamente feliz ao meu lado. Não sei por quanto tempo mais Kate vai lutar pelo nosso casamento — no seu lugar, eu já teria desistido



—, mas não quero vê-la desperdiçando sua vida e juventude comigo.

— Fique aí, Kate. Passe o Natal com seus pais, aproveite. Se não existe nada entre você e Samuel, faça existir, é sua oportunidade.

— *Não fale assim, Hans* — ela suplica.

Movo a cabeça em negativo, mesmo que não possa ver.

— Você não me merece, Kate — digo com um suspiro. — Há dias sinto que não estamos bem. No Dia de Ação de Graças mesmo... — Relembro a data em questão. Ela estava visivelmente triste e irritada porque, mais uma vez, discutimos por causa da minha falta de tempo e de afeto.

— *Aquilo foi uma idiotice de minha parte. Não é sua culpa não retribuir meus sentimentos e prometo que vou ser um pouco mais paciente. Por*

favor, Hans, não vamos brigar na véspera de Natal, está bem? Quando eu chegar aí...

Perco a paciência e bufo.

— Não precisa voltar para casa para passar o feriado com a porra de um homem que não te ama, Kate. Não quero você aqui, ouviu bem? Não quero!

Eu a ouço soluçar do outro lado da linha e desligo em seguida, meu coração aflito. Fui um babaca sem coração ao dizer isso para ela, mas fui sincero em cada palavra: ela merece mais do que viajar horas para passar o Natal comigo. Se aquele cara a ama, é com ele que minha mulher deve ficar.

Os dedos de Becky apertam os meus, caridosos, seus olhos atentos sobre os meus. Sentada no sofá ao meu lado, ela ouviu tudo sem me interromper.

— Ela voltou para casa mesmo eu tendo sido um idiota. —

Balanço a cabeça de um lado a outro. — A Katherine de três anos antes me mandaria eu ir me foder e eu teria passado o Natal sozinho. — Um sorriso nostálgico surge em mim ao me recordar de todas as vezes que ela me levou ao limite. Agora que seu comportamento arredo é uma mera lembrança, estranhamente isso me desperta algo de bom, uma sensação peculiar de nostalgia.

— Sinto muito — Becky diz suavemente. — Ela faleceu ainda no local, não é? Foi o que li na matéria antes de ontem no seu *Ipad*.

Assinto e desvio os olhos para nossas mãos unidas.

— Estava em casa quando meu editor-chefe me ligou e disse que tinha um acidente a cinco ou seis quilômetros de mim e queria que eu fosse lá para apurar o caso porque eu era quem estava mais perto. — Becky prende a respiração, não sendo difícil entender o que foi que aconteceu. — De qualquer forma, tinha me prontificado a ficar de plantão no final de ano, caso precisassem, então eu fui.

— Hans... — Becky sussurra, compadecida.

Inspiro fundo, tentando afastar a dor que atinge meu peito.

— Quando cheguei, os bombeiros já estavam a socorrendo, cortando o enorme tronco do pinheiro que caiu sobre o veículo para tirá-la das ferragens. — Prendo as lágrimas nos meus olhos, odiando me recordar do sentimento de impotência, do arrependimento de ter dito um monte de merda horas antes. — Mas ela... já estava morta. Entrei em desespero ao reconhecer o carro dela. — Engulo em seco e aperto os olhos. — Vou carregar o peso na consciência para sempre, Becky.

Ela me toma em um abraço apertado e pela primeira vez em muito tempo, sinto-me confortado, acolhido. Há quatro anos que preciso desse abraço. Anderson me deu as costas, abalado com a morte da única filha, culpando-me por ela ter voltado para Kearney



Valley — coisa que ela só fez para se entender comigo. Kate não teria vindo até mim se não tivesse a acusado de estar saindo com outro homem.

— Mamãe? — Lora surge na sala, coçando os olhos e enrolada em um cobertor. — Estou com fome.

Becky deixa um beijo no meu rosto e vai atender o pedido da filha. Então, meu coração está aliviado. Tudo que eu precisava era de um abraço apertado e sem julgamentos.

Depois do café da manhã, nós levamos as crianças lá fora para brincarem. Lora corre para lá e para cá aproveitando a neve e escondendo-se do irmão atrás dos arbustos do jardim. Becky e eu nos sentamos no último degrau do

alpendre, Archie em seu colo, chupeta na boca, rindo e observando a irmã brincar. Ele está agarrado ao tubarão que ganhou de presente e se você tenta tirar dele, o menino abre o berreiro.

— Se o Anderson cortou contato com você — Becky menciona, de repente, retomando o assunto que foi interrompido algum tempo atrás por causa das crianças —, suponho que parou de trabalhar no jornal dele.

— Parker não me demitiu, mas eu pedi demissão. O homem nem olhava mais na minha cara quando ia a sede. Eu não ia ter futuro dentro daquele jornal. — Solto uma risada sem humor, achando engraçada a ironia da vida. — Fui trabalhar no *The Day by Day* quatro meses depois .

— Está lá até hoje?

— Estou. Faz seis meses que me colocaram como diretor de jornalismo.

Archie se vira para mim, mostrando o tubarão e murmurando algo em sua língua de bebê. Estico os braços na sua direção e o chamo para mim. O menino vem sem resistência e se acomoda no meu colo.

— E o “ idiota do *The Day by Day*” ...?

Suspiro.

— Foi embora para Nova Iorque uma semana depois da morte da Kate. Não sei nem se aquele desgraçado tem a consciência pesada.

Abraço Archie, deixo um beijinho no seu rosto e ajeito o gorrinho vermelho na sua cabeça. Becky adverte Lora, pedindo para que ela se afaste da beira da rua. A menina obedece imediatamente e se senta mais no meio do jardim, de costas para a via. Nesse momento, por algum motivo, eu me recordo sobre ela ter algo para me contar.

— Becky, você disse que tinha... — Interrompo o que estou dizendo no instante em que um carro buzina na frente de casa.

O veículo mal estaciona no meio-fio e um homem alto desce do lado do motorista. Ele me parece vagamente familiar conforme caminha na nossa direção, apressado. Viro-me para Becky e vejo o sangue do seu rosto drenar.

— Lora! — ele chama a pequena, a voz potente ressoando pelo meu quintal. A menina, de costas para ele brincando com um montinho de neve, trava no seu lugar. Becky se levanta na mesma hora, alarmada, e, por instinto, eu faço o mesmo.

— Sam...

Sam.

Então, sei de onde o conheço.

Samuel.

O homem pega a menina no colo e faz um carinho no rosto dela, Lora ainda sem reação diante do pai. Ele desvia o olhar para mim e me analisa de cima a baixo. Eu não sei se ele me reconhece ou se só está me analisando, como se eu fosse algum tipo de ameaça.

— Você perdeu o juízo, Becky? — ele acusa, irritado. Pisco duas vezes, sem entender o que diabos está acontecendo aqui. Ele não tinha que estar na Espanha com a esposa dezesseis anos mais jovem que ele? — Paloma e eu perdemos o Natal na Europa por sua causa, sua irresponsável!

— Sam... — Becky tenta dizer, a voz embargada, mas não continua porque ele dá um passo na minha direção, ameaçador.

— Me dê o meu filho, Hans.

Becky prende a respiração e eu dou um passo atrás, meu instinto protetor falando mais alto. Ignoro que ele saiba quem eu sou. Talvez seja até lógico. Se ele conhecia Katherine, se chegou a ter algum caso com ela, se era amigo dos Parker, faz sentido que me reconheça. Lora começa a resmungar no colo do pai, como se quisesse chorar.

— Não sei o que está acontecendo aqui — digo em resposta e procuro por Becky.

— É claro que não sabe. Becky é uma mentirosa.

— Mamãe, mamãe! — Lora chora no colo de Sam, os braços esticados na direção de Becky.

— Alguém me explica o que está acontecendo! — exijo, erguendo a voz.

— Eu explico, Hans. — Ele me olha com atenção. — Becky sequestrou meus filhos!



— Eu não os sequestreí coisa alguma. — Ela está irritada, segurando o choro, e não pensa duas vezes em diminuir a distância até Sam e tomar Lora para seus braços. — Eles são meus filhos também.

— Você não tem a guarda deles! — Samuel grita, apontando um dedo na sua direção e eu simplesmente não sei como reagir diante dessa informação. — Eles são minha responsabilidade e iam passar o Natal comigo na Espanha. *Você* concordou com isso, mas aí um dia antes da viagem, simplesmente *sumiu* com meus filhos.

Estive esse tempo todo atrás de vocês e perdi a porra da minha viagem!

Lora começa a chorar mais alto agora, assustada com a discussão, o que faz Archie chorar também. Becky tenta acalmá-la, mas as lágrimas descendo pelo seu rosto, demonstrando que está tão afetada quanto a filha, não ajudam em nada. Apertando-a ainda mais a menina em seus braços, ela dá um passo atrás, em um instinto materno de proteção. Samuel respira fundo e fecha os olhos. Ao exasperar pesadamente, ele diz:

— Eu não quero confusão. Arrume tudo o que precisa e vamos embora. Vou levar vocês de volta para Aberdeen. Depois, venho buscar seu carro. — Becky balança a cabeça em negativo e se distancia mais um passo. Seus olhos procuram pelos meus, pedindo por socorro, e eu me vejo em uma situação muito complicada. — Becky, colabore. Estou sendo pacifista aqui. Se não voltar comigo agora, vou acionar a polícia.

À palavra “polícia”, Lora chora mais forte, induzindo Archie ao mesmo. Becky segue tentando acalmá-la e eu faço o mesmo como menino no meu colo.

— Samuel, por favor, vamos conversar — ela pede, lágrimas descendo pelos seus olhos.

— Sem chances, Becky. Ou volta comigo ou não penso duas vezes em acionar a polícia e te acusar de sequestro.

A mulher olha para mim de novo, súplica saltando dos seus olhos.

— É verdade o que Samuel está alegando? — pergunto, a voz baixa, meus braços ainda trabalhando para acalmar Archie. —

Você não tem a guarda deles, Becky?

Fico sem resposta por alguns segundos. Entre as lágrimas que deslizam pelo seu rosto e a dor que vejo em cada canto dos seus olhos, eu sei que Sam está dizendo a verdade. Não entendo o que aconteceu para que ela não esteja com a tutela dos próprios filhos, mas agora não é a melhor hora para conversarmos sobre isso.

— Becky... — insisto.

— Não tenho — admite, a voz embargada. Lora esconde o rosto no pescoço da mãe, chorando. — Eu não tenho a guarda deles.

Sinto meu coração partir com a decisão que tomo.

— Então, nesse caso, eu não posso fazer nada.

Dou um passo à frente e entrego Archie para Sam.



CAPÍTULO 12

Eu me sento ao lado de Becky, arrasada no meu sofá. Seus olhos estão úmidos e vermelhos, algo que parte meu coração, mas não tenho mesmo o que fazer. Não posso interferir na decisão de Samuel, não quando ele é guardião legal dos filhos, Becky agiu de forma errada e eu não tenho nenhum poder sobre as crianças.

Ainda não entendi essa história toda e é por isso que estou aqui agora. Sam foi buscar o carro de Becky no mecânico, já sabendo que tipo de problema o veículo teve, e consegui fazer as crianças dormirem. Agora estamos só nós dois.

— Quer me contar sua história? — pergunto, apoiando uma mão em sua coxa. — Tudo o que me contou sobre o Sam...

Becky suspira e limpa as lágrimas.

— Foi tudo verdade. Menti uma coisa aqui ou ali, mas... —

Ela prende o lábio inferior entre os dentes e desvia o olhar do meu por um segundo. — A maioria foi verdade. — Movo a cabeça em positivo e a espero continuar. — Ele trabalha em uma empresa de segurança. Faz escolta de pessoas importantes. Há três anos, Samuel estava fazendo a segurança de um dos clientes quando houve um atentado com uma bomba. Sam saiu ileso, mas dois companheiros morreram.

Becky baixa o olhar para suas mãos apoiadas sobre as pernas. Ela as esfrega na calça jeans, denotando algum tipo de desconforto ou ansiedade. Eu as seguro e as aperto em um ato de conforto.

— Então ele teve estresse pós-traumático — digo, lembrando o que me contou em algum desses dias que está comigo — e passou a descontar seus traumas em você e nas crianças.

— Sim. Você conhece o restante da história: eu o convenci a fazer terapia, ele aceitou e começou a se envolver com outra mulher. Ele me contou que estava apaixonado por outra pessoa e nos separamos. Archie tinha uns quatro meses quando isso

aconteceu e já fazia uns oito que eu estava em casa, que tinha deixado o trabalho.

— Quando foi que perdeu a guarda delas?

— Não perdi. — Becky aperta os lábios, como se segurando o choro. Ela desvia os olhos de mim outra vez, e noto que algum tipo de vergonha trespassa suas íris castanhas. — Passei a guarda para ele.

Não esperava por essa informação.

— Não faz muito tempo — ela continua. — Não estava conseguindo voltar a trabalhar, Sam pagava pensão, mas não era o suficiente. Era ele quem bancava tudo antes de nos separarmos e depois que deixei o emprego. Com nosso rompimento, eu me vi sozinha com duas crianças...

— ... e tendo dificuldades.

Ela acena, os olhos distantes.

— Samuel me fez uma proposta. Ele se encarregava de ficar com as crianças e eu estaria livre para trabalhar, não teria que me preocupar com horário, não teria nenhuma dificuldade de encontrar outro emprego por

conta das crianças. Seria mais fácil para mim reingressar no mercado de trabalho se minha carga de cuidados com as crianças fosse diminuída.

— Ele ia ficar com os filhos? — pergunto com certo ar de dúvida. — Um homem que pouco tempo antes era um péssimo pai?

Sei que estava mal e tudo mais, mas isso não o exime de nada.

Ela me dá um sorriso frio.

— Pamela ia ajudá-lo. A questão é que... Samuel tem mais condições financeiras. Ele me garantiu que assim que eu me estabilizasse, tivesse boas economias e conseguisse conciliar trabalho e a criação deles, eu os teria de volta e poderíamos dividir a guarda.

Assinto e baixo os olhos para nossas mãos ainda juntas.

— Foi uma decisão estúpida abrir mão dos meus filhos —

Becky diz, chorando.

— Você pensou no que era melhor para eles, Becky. Não tem que se sentir culpada por ter pensado no melhor para os seus filhos.

Ela balança cabeça em negativo, discordando de mim.

— Sou a mãe deles e desisti muito fácil. — Ela solta uma risada sem humor. — Eles deveriam ficar comigo e eu deveria ter dado um jeito, ter me virado. Isso faz de mim uma mãe horrível.

Aperto suas mãos nas minhas.

— Claro que não, Becky. Ninguém diria que o Samuel é um pai horrível se a guarda estivesse com você e fosse ele a visitá-los duas vezes na semana. E você sabe que esse cenário é o mais comum. Você não fez nada do que vários pais por aí já não fazem.

Ela suspira e encosta a cabeça no meu ombro. Amacio seus cabelos, sentindo que ela precisa desse conforto.

— Continua me contando.

— Sam me convenceu a passar a guarda. As crianças morariam com ele e com Pamela, eu poderia visitá-los quando quisesse e aos finais de semana Archie e Lora ficariam comigo, na minha casa. Eu aceitei. Ele agilizou tudo. Por ter alguma influência e por estarmos de acordo, não demorou muito para assinarmos os papéis. Ainda estávamos em processo de adaptação com as crianças, conversando com Lora para que ela se acostumasse com o novo lar, a nova rotina, então acabávamos alternando as noites com ela para que se habituasse. Já tínhamos planos de ela ficar uma semana toda com ele.

— Você se arrependeu de ter assinado os papéis?

Ela assente.

— No dia dez, fui levar Archie para passar umas horas com Sam. Eu estava o esperando em sua sala quando ouvi Pamela conversando ao telefone na cozinha, falando da viagem de fim de ano na Espanha. Eu estava ciente disso. Tínhamos combinado que

ele viajaria com as crianças no Natal, e eu os teria no Ano-Novo.

Mas aí... Pamela disse algo que mudou tudo.

Becky inspira fundo e fica em silêncio por um segundo ou dois.

— Os dois tinham pretensões de se mudar para a Espanha.

Definitivamente. Foi por isso que ele insistiu tanto em ter a tutela das crianças porque queria levá-los. Pamela disse ao telefone que ia fazer um jantar para conversar comigo e pedir a autorização da mudança, mas que se eu não aceitasse, Samuel ia fazer o pedido judicialmente. Isso levaria algum

tempo, mas como os dois têm mais recursos do que eu e a tutela estaria com ele...

— Não seria difícil o juiz aceitar o pedido — concluo, e Becky assente. — E aí você achou que o ideal seria fugir com seus filhos?

Becky... — digo, com certa compaixão na voz. Entendo o desespero dela diante à situação, mas ela precisa concordar que não foi sua melhor decisão.

— Eu sei, eu sei. Foi estúpido, vejo isso agora. Mas entrei em desespero, Hans. Samuel facilmente conseguiria se mudar para a Espanha com os pequenos e eu ficaria como? Como eu ficaria sem vê-los? Então juntei alguns pares de roupas, coloquei-os no carro tarde da noite e peguei a estrada.

— Seus pais te acolheriam?

Ela move a cabeça em negativo.

— Não. Menti sobre isso, sobre morarem em um lugar de Fortwood sem sinal. Eles moram a três horas de Aberdeen, mas não poderia procurá-los porque Sam me acharia fácil.

— Ia para Fortwood sozinha, fugindo com duas crianças?

Ela dá de ombros e acaricia minha mão.

— Eu ia recomeçar. Tinha umas poucas economias que dava para encontrar uma casa, pagar alguns aluguéis e me virar por umas semanas até encontrar qualquer emprego.

— Becky, não passou pela sua cabeça em nenhum momento que o Sam poderia te encontrar com facilidade se ele quisesse?

Você fugiu com as crianças quando a guarda não era sua.

— Não pensei em nada, Hans. Só peguei as crianças e saí, certa de que eu recomeçaria sozinha e com meus filhos. Eu sabia que Sam ia me encontrar

com o carro, por causa do rastreador que ele colocou certa vez antes de nos separarmos. Eu acabei ficando com o veículo e não mandei tirar. Deixei lá porque era uma boa segurança.

— Mas você não inventou sobre o carro parar de funcionar.

Eu fui lá, tentei dar a partida e não consegui.

Ela assente.

— O rastreador impede o funcionamento quando você aciona a central. Na manhã seguinte que fugi, Sam foi em casa buscar as crianças porque à noite pegariam o avião. Percebeu que eu não estava, tentou contato comigo, mas eu desliguei o telefone e o deixei dentro do porta-luvas do carro. Então, ele acionou a central do rastreador, me localizou e enviou um comando para cortar o sistema de ignição do motor. Eu tinha intenção de abandonar o carro antes disso, então eu pegaria um ônibus e seguiria viagem. Já tinha andado muitas horas, e até que chegasse à minha localização, eu estaria longe. Mas eu precisava abandoná-lo em algum centro de cidade, onde eu encontraria fácil uma rodoviária. Demorei para tomar essa decisão e quando notei, estava no meio do nada, então tinha que continuar andando.

— E nesse exato momento, o Sam...

Becky limpa as lágrimas remanescentes e confirma o que supus com um gesto de cabeça.

Ficamos um tempo em silêncio, agora não sendo difícil entender como Sam nos achou. Ele deve ter chegado até o ponto em que o carro de Becky parou e, ao não o encontrar, talvez tenha verificado o rastreador novamente, que lhe mostrou a oficina onde o

carro está. E como o mecânico tem o endereço daqui para que trouxesse o veículo quando estivesse pronto o serviço...

— O homem com quem eu achei que Katherine estava saindo — digo com cuidado — era o Sam.

Becky desvia os olhos de mim, parecendo estranha, e leva mais um instante para confirmar.

— Eu sei.

Pisco algumas vezes, assimilando sua resposta.

— Você... sabe?

— Anos atrás, Sam e eu morávamos em Solwe, e ele fazia a escolta de Anderson. Em pouco tempo, Anderson e Kate se tornaram amigos do Sam. Eu não a conheci pessoalmente, mas acompanhava o trabalho dela pela internet. Eu já sabia a história do casamento e tudo mais. Sam passou a fazer a segurança do pai dela pouco antes do casamento de vocês. Lembro que a mídia ficou em cima desse caso por semanas, relembando a vida badalada dela e questionando o amor instantâneo que ela conheceu, que a fez sossegar e casar justamente em época de eleição.

— Espera, Becky... — murmuro, um pouco assustado com o que está me dizendo. Se ela acompanhou o caso, então ela sempre teve conhecimento de tudo sobre minha história. Becky está certa sobre a mídia ter ficado em cima de Kate e do nosso casamento por algum tempo. Eu mesmo saí em algumas fotos de jornais como o cara que conseguiu colocar a garota nos eixos. — Desde o começo você sabia...

— Eu não apareci na sua porta por acaso, Hans. — Ela suspira e prende o lábio inferior entre os dentes, seus olhos pesarosos sobre mim. — Eu precisava de ajuda, mas não estava disposta a confiar em qualquer um. Eu sabia que tinha parado em Kearney Valley, a mesma cidade da Katherine, que era casada com você... Tecnicamente, você não era tão desconhecido assim para mim. Senti que podia confiar em você, pelo modo que Anderson te

elogiava antes do acidente, pelo que via Kate falando de você nas redes sociais. Ela postava um pouco da vida pessoal e...

— Becky... — Respiro com dificuldade e balanço a cabeça em negativo. — Diz de uma vez como me encontrou.

— Eu fiz uma pesquisa na internet pelo celular e não foi difícil achar seu endereço. Tracei a rota no GPS do carro, memorizei e...

vim atrás de abrigo. Achei que seria mais seguro do que bater em qualquer porta. Você era praticamente um estranho, mas...não sei, meu instinto me dizia que eu podia confiar mais do que em qualquer um por aí.

— Você mentiu para mim — digo, magoado, e saio do seu lado.

— Não acha que seria uma loucura se eu aparecesse na sua porta dizendo que tinha sequestrado meus dois filhos e que te conhecia por nome, que a sua falecida esposa foi chefe do meu ex-marido e que ele com toda certeza em breve viria atrás de mim com a polícia porque eu não tinha a guarda das crianças nem permissão para sair de Aberdeen com elas? Você teria batido a porta no meu nariz.

Viro-me de costas para ela, apreciando a árvore de Natal que montamos, suas luzinhas ainda ligadas e piscando. Aperto o maxilar e não digo nada, ainda assimilando essa história toda. Ela sempre soube quem eu era. Abri meu coração para Becky, mas ela já conhecia minha história.

— Eu precisei mentir, Hans — continua. — Até inventar a história de que precisava do mecânico quando toda a minha intenção sempre foi abandonar o carro e seguir viagem de ônibus.

Agradeço tudo que por mim, por ter se prontificado a me acolher, encontrar um mecânico, e te peço desculpas pelas mentiras, mas precisei mesmo.

Outro silêncio recai sobre nós, apenas sua respiração pesada quebrando a quietude momentânea.

— Isso explica por que você parecia sempre tão assustada e preocupada. Sam podia te encontrar a qualquer momento e você estava desesperada para continuar a viagem — digo suavemente.

— Está irritado comigo, Hans?

Quero dizer que estou enfurecido. Ela mentiu para mim, escondeu-me coisas importantes, colocou-me em uma situação comprometedora e quase perigosa. Eu me volto devagar na sua direção, Becky ainda sentada no sofá, os cílios molhados e os olhos tristes em mim. Suspiro e volto a me sentar do seu lado, passando um braço por trás da sua nuca. Faço-a encostar a cabeça no meu ombro e deixo um beijo suave nos seus cabelos.

— Estou um pouco surpreso, acho que... me sinto ligeiramente enganado, mas não estou irritado. Não consigo ficar irritado com você sabendo que fez tudo o que fez para ficar com seus filhos. Não foi a atitude mais racional do mundo, Becky, e sabe que vai ter que enfrentar as consequências disso com Sam, mesmo assim, entendo o seu lado e não estou irritado com você.

Ela me aperta entre seus braços e suspira na curva do meu pescoço. Sem que eu espere, Becky ergue o rosto e cola sua boca na minha, beijando-me suavemente. Eu a beijo de volta e tento afastar do meu coração a dor que me assalta quando penso que, assim que Samuel voltar, nunca mais vou vê-los.



CAPÍTULO 13

— ***Eu não vou fazer nada*** em relação a essa atitude impensada de Becky

— Sam diz, ajustando nos ombros as bolsas que a ex trouxe para o quarto de hóspedes. Estamos só nós dois aqui em cima, e ela ficou com Lora na sala para explicar a situação.

— Entendo que ela entrou em desespero quando soube da mudança. Não posso culpá-la.

Encostado ao batente da porta, observando-o juntar tudo para a viagem de volta, eu aperto os lábios me segurando para não ser grosseiro. Ele diz que não fará nada em relação a isso, mas sei que se for necessário, vai usar o fato contra Becky para conseguir a autorização de mudança.

O homem se vira na minha direção, ainda ajustando as bolsas pesadas, e me olha atentamente.

— Ela deve ter dito coisas terríveis sobre mim. — Desvio os olhos por um segundo, pensando se entro no assunto ou se deixo para lá. — Sei que fui um péssimo pai para eles por um tempo, mas eu estava mal.

— Becky contou.

— Estou me tratando já tem alguns meses e quero recuperar o tempo perdido com meus filhos, Hans. Isso é algum pecado? É

errado eu estar arrependido de ter sido um merda e querer consertar meus erros?

— Não, mas acho que você poderia encontrar um jeito que não prejudique a Becky, nem a afaste das crianças. Você não vê como Lora e Archie são apegados à mãe? Se realmente se importasse com seus filhos, se pensasse no melhor para eles, não os levaria para longe dela.

Ele caminha na minha direção e eu dou um passo atrás para que possa seguir seu caminho. Eu o sigo, e Sam continua dizendo:

— Nunca disse que seria definitivo. Becky vivia reclamando que não dava conta do trabalho e da maternidade. Eu dei a ela uma

solução para que pudesse voltar a trabalhar sem ter que se preocupar com as crianças, com quem vai deixá-las, se vai conseguir creche, se seus horários vão bater, se o salário vai ser suficiente.

Sam suspira e se vira para mim mais uma vez antes de descer o primeiro degrau.

— Eu disse que era temporário, até ela se estabilizar de novo, ter um bom emprego, um bom salário. Depois, nós dividiríamos a guarda. Minha mudança para a Espanha... surgiu depois que já tinha proposto que ela transferisse a tutela para mim.

Não confio muito nas suas palavras, mas não menciono nada.

— Não estava tentando afastar meus filhos dela, estava pensando no melhor para eles. Se Becky tivesse compreendido que era algo temporário...

Sam começa a descer a escada, sua frase ficando no ar, e pisa com cuidado nos degraus para não se acidentar, e eu vou logo atrás, pensando em um milhão de argumentos que convençam esse homem a desistir de levar Archie e Lora para a Espanha. Becky vai ficar arrasada e não estou pronto para vê-la arrasada. Não estou pronto para lidar com a chance de nunca mais ver os pequenos. Ele para no meio do caminho e se mantém de costas para mim.

— Você não ficou surpreso por eu saber quem você é —
menciona.

— Não, porque eu também sei quem você é. Uma coincidência e tanto, eu acho — murmuro as últimas palavras, recordando-me que Becky não veio parar aqui por coincidência.

Ele assente, ainda de costas.

— Eu não tinha nada com Katherine. Éramos apenas amigos.

Ela amava você.

Não digo nada, ele não diz nada e volta a descer os degraus.

Na sala, Becky está no sofá com a menininha, amaciando seus cabelos e explicando que vão voltar para Aberdeen, Archie deitado no seu colo com uma mamadeira em suas mãos. Lora a olha com atenção e pela umidade em seus olhos, sei que estava chorando. Sam atravessa a sala e vai colocar as malas no carro. Ao me ver, Lora se levanta do sofá e vem correndo até mim, abraçando-me pelas pernas. A menina me aperta forte entre seus braços e sinto nesse ato que ela não quer se despedir.

— Por que não podemos ficar, tio Hans? — pergunta, a vozinha fina denunciando que está com vontade de chorar mais. —

Você não gosta mais da gente, é isso? O Archie chorou muito e você ficou bravo? Ou foi porque eu te pedi um montão de coisas?

— Lora... — digo, a voz engasgada, e retribuo seu abraço.

Procurro por Becky, e ela está tão arrasada quanto a filha. Abaixo-me na altura da pequena e a faço me olhar. — Eu adorei ficar esses dias com vocês. — Amacio seus cabelos. — Archie não me incomodou em nada e tudo que me pediu, eu atendi de coração.

Mas você tem um papai que quer cuidar de vocês e um lar novo que vão amar.

— Quero ficar aqui, tio Hans. — Ela me abraça de novo, dessa vez pelo pescoço. — Não quero ir com Sam.

— Filha. — É o pai dela a chamando. Ele se aproxima e a puxa pelos punhos. — Precisamos ir, pequena. Se despeça do tio Hans.

Ela chora e diz que não quer ir embora. Nesses dias todos, não a vi fazer tanto escândalo quanto agora. Meu coração fica pequeno, apertado, estraçalhado. Se eu pudesse impedi-lo de levar, com toda certeza eu impediria.

Lora chora e esperneia, gritando “eu não quero, eu não quero”. Samuel tenta conversar com ela, acalmá-la, explicar que ela não pode ficar; Becky

tranquiliza Archie em seu colo, sua inquietude influenciada pelo choro da irmã. E eu não faço nada, de mãos atadas demais para tomar qualquer decisão que seja. Sam segura a

filha pelos punhos, agora um pouco mais irritado, e a arrasta sala afora. A menina resiste o quanto pode e, sem que nenhum de nós espere, ela consegue se soltar do aperto do pai e vem correndo na minha direção, abraçando-me pelas pernas de novo.

— Eu não quero ir! — Seu choro é alto e dolorido, e se eu pensei que meu coração não podia se partir mais, eu estava enganado. — Me deixa ficar aqui, tio Hans. Por favor. Você pode ser meu papai, não pode?

Meu coração aperta e meus olhos lacrimejam. Sam está para dizer algo, mas eu faço um gesto com a mão e o impeço. Agacho-me na altura de Lora e seco suas lágrimas. Engulo em seco e a vontade de desabar na sua frente. Inspiro fundo e digo:

— Escuta, Lora, isso não é um adeus. Eu vou te dar meu número de telefone e sempre que você quiser, liga para mim ou faz uma chamada de vídeo pelo aplicativo. Podemos conversar e matar a saudade um do outro, está bem?

Ela move a cabeça em negativo e seca os olhos com as costas da mão, suspirando.

— Não vai ser igual, tio Hans.

— Não vai, mas as coisas precisam ser assim, Lora. O Sam é seu pai e agora ele vai se esforçar para ser um papai bom pra você.

— Ergo meus olhos na direção dele. — Ele até me disse que vão poder ter árvore de Natal, luzinhas e meias na lareira, não é, Sam?

Parece haver algum tipo de arrependimento no rosto de Samuel, seus olhos vasculhando minha sala e notando que aqui Lora pôde ter o que ele jamais permitiu que ela tivesse. Ele assente e dá um passo à frente.

— Vamos, sim. — Ele também fica à altura de Lora, ao seu lado. — Eu dizia que era bobagem termos uma árvore de Natal porque eu não estava bem, pequena. Agora, estou melhorando e vamos ter tudo o que você quiser. A Pamela até montou uma bem grandona na nossa casa e comprou presentes que ainda estão lá,

esperando por você e seu irmão. Para isso, tem que vir comigo e com a mamãe.

Ela suspira, trêmula, e pisca duas vezes, os grandes olhos azuis no pai.

— Eu posso falar com o tio Hans sempre que eu quiser?

Ligar para ele ou escrever cartinhas?

Um sorriso pequeno surge em Sam e ele assente, envolvendo a filha em um abraço.

— Vou comprar um celular para você só para poder conversar com o tio Hans — Sam menciona, carinhoso, seus dedos longos acariciando os cabelos da filha.

Ela sorri de volta e se vira para mim, dando-me um último abraço antes de acompanhar o pai até o carro. Becky o ajuda a instalar as crianças na cadeirinha e eu fico apenas observando, querendo adiar esse momento, mas impotente frente à situação. Eu me despeço de Archie com um beijinho no seu rosto, o menino agarrado ao tubarão de pelúcia, e prometo a Lora que vou manter contato. Sam vai na frente com seu carro e com as crianças, e Becky vai guiando o carro em que veio.

Ela termina de instalar os filhos e vem até mim em seguida, olhos úmidos, semblante abatido.

— Não queria ter que ir — diz com um sussurro. — Ao menos, não desse jeito.

Dou um passo à frente e coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. Ela se recosta à porta de trás do passageiro e me olha de um modo diferente.

— Eu também queria que ficassem. Uma semana e me apeguei demais a você, às crianças. Mas nós dois sabemos que...

— Ela move a cabeça em positivo. — Não é só Lora que pode manter contato comigo. — Enfio a mão no bolso do meu casaco e tiro um pedaço de papel com meu telefone anotado. — Me ligue todos os dias para eu ouvir sua voz e não morrer de saudades.



Becky pisca duas vezes e lágrimas rolam pelo seu rosto. Ela me abraça apertado e eu faço o mesmo, sentindo meu peito vazio e meu coração arrebatado com essa despedida difícil.

— Me deixe informado sobre Sam e a mudança para a Europa — sussurro no seu ouvido e resvalo meus lábios pelo seu maxilar até alcançar sua boca, deixando-a apenas um milímetro longe de mim.

— Deixo.

Becky faz menção de se virar e entrar no carro, mas eu a trago de volta para mim e a beijo. É um beijo suave, úmido, lento e estalado. Ela suspira e se derrete nos meus braços. No carro à frente, Sam buzina, o que a faz se distanciar de mim, os olhos baixos, rosto corado.

— Eu sei que não tem cabeça para nada agora a não ser resolver essa questão com Sam — sussurro, amaciando seus cabelos —, mas quando quiser, *e se quiser*, voltar para mim, Becky, eu estarei aqui.

Ela levanta seus olhos castanhos para mim, entendendo o que eu quis dizer. Sam buzina de novo e Becky se vira para ele, pedindo só mais um minuto. Ao se virar para mim, ela assente e acaricia meu rosto, aproximando-se para um último beijo.

Eu os vejo partir e sinto que levaram se não todo meu coração, ao menos uma boa parte dele.

18 de abril

Agarro as duas sacolas nos braços e percorro meu jardim, agora florido pela primavera. O sol está ameno e não tem sequer uma nuvem no céu. Eu finalmente consegui uma folga essa semana e vou aproveitar para deitar no sofá e não fazer nada o dia todo a não ser assistir alguns filmes.

Mal atravesso a porta quando meu celular toca. Apresso-me até a mesa na cozinha, deixo os sacos na superfície e tiro meu telefone do bolso. Na tela de identificação, o nome de Becky aparece. Sorrio um pouquinho, não me importando se eu tiver de mudar meus planos e passar a tarde toda ao telefone com ela e com os pequenos. Ontem, Becky comentou que Sam deixaria os dois com ela esse final de semana para que viajasse a Espanha e pudesse resolver algumas últimas pendências antes de se mudarem. Então, ela me prometeu que eu poderia falar com eles.

— Oi, Becky — atendo a chamada e começo a tirar minhas compras das sacolas. — Já está com Archie e Lora? Estou morrendo de saudade dos pequenos.

Há um silêncio estranho na linha.

— *Hans...* — Sua respiração está entrecortada e eu fico em alerta, sem saber o que esperar, mas deduzindo que tem algo de errado. — *O Sam*

sofreu um acidente. — Ela soluça do outro lado da linha. — Não resistiu aos ferimentos e faleceu.



CAPÍTULO 14

17 de setembro

A gargalhada alta de Lora chega até mim, na cozinha, e eu não evito em sorrir enquanto termino de preparar quatro copos de limonada. É verão, faz calor lá fora e as crianças estão aproveitando a piscina inflável no jardim. Becky encomendou um bolo para docinhos e bexigas para cantarmos parabéns a Lora mais tarde, que está fazendo cinco anos hoje.

Coloco os copos em uma bandeja e atravesso o cômodo até o jardim. No percurso, meus olhos param sobre a lareira. Até o Natal passado, não havia nada ali; agora, é quase um altar para fotografias de Lora, Archie e Becky. Nos últimos meses, nós mantivemos contato. A garotinha me ligava quase todos os dias, muitas dessas vezes em videochamada para que eu pudesse falar com seu irmão também. À época, o pai deles não se opôs a nossa aproximação e eu ia a Aberdeen para visitá-los com frequência.

Além de datas mais pontuais, como no aniversário de um ano de Archie, Páscoa e dia das mães, eu os visitei ao menos uma vez no mês. Em algumas visitas, precisei ir à casa de Sam; em outras, eles estavam passando o final de semana com a mãe.

Cada visita rendia uma série de fotos, que agora estão espalhadas não apenas sobre a lareira, mas por toda casa.

Aproveitava as viagens para visitar as crianças e me encontrava com a mãe delas. Em todas as vezes, eu parei em sua cama, entre suas pernas, mas nunca fomos mais do que isso. Eu sabia que Becky ainda não estava pronta para nada além do que eu queria oferecer e respeitei seu tempo e espaço. Hoje, para o aniversário de Lora, eu os trouxe para minha casa em Kearney Valley. A garotinha insistiu que queria vir para cá dessa vez. Então, aqui estamos.

No lado de fora, Becky está sentada no gramado, com uma das mãos dentro da piscina jogando água em Archie. Cada vez que a água acerta seu rosto, ele gargalha gostoso. Lora está logo atrás, em pé, com um maiô preto, pulando e fazendo espirrar água para todo lado.

— Aqui — digo, esticando a bandeja com as limonadas.

Becky pega um copo de vidro para si, entrega a mamadeira para Archie e um copo de plástico para Lora, que se senta ao lado do irmão para tomar o refresco.

Eu me sento perto de Becky e encolho os joelhos, deixando a bandeja ao meu lado. Dou uma bicada na minha limonada e assisto Lora conversar com o irmão.

— Como eles estão? Lora principalmente, que entende mais que o Archie.

Becky não precisa de muito para entender. Faz cinco meses que Sam sofreu um acidente de carro e não resistiu aos ferimentos de ter despencado de um despenhadeiro ao perder o controle do carro porque desviou o veículo para não acertar um cervo na estrada. Pelas ligações que mantínhamos, eu senti que Lora estava mais feliz, mais alegre. Sam estava mesmo se esforçando para ser um bom pai e recuperar o tempo perdido. Uma pena ter partido de uma forma tão brusca.

— Foi pior nos primeiros dias. O Archie às vezes ainda resmunga, fica inquieto, chora, sei que sente falta do pai. Fico impressionada em como eles se reaproximaram rápido. Sam estava mesmo dedicado.

Becky desvia os olhos para mim, uma névoa de tristeza e arrependimento pela decisão que tomou de transferir a tutela dos filhos. Eu sei que ela ia visitá-los todos os dias, até quando começou a lecionar novamente, encontrando qualquer brecha para isso. Foi assim que ela conseguiu acostumar os dois ao novo lar e rotina com o pai e a madrasta.

— É, ele estava. Ele tinha mesmo uma árvore de Natal e presentes, não é?

— Ele encheu essa menina de presente quando chegamos a Aberdeen. — Becky arrasta o pé descalço no meu gramado e ergue os olhos para os filhos. — Não que todos os brinquedos tenham compensado sua ausência e falta de afeto, mas eu sei que ele estava tentando de verdade. Foi como te disse, Hans, Samuel nunca foi uma pessoa ruim.

Dou outro gole na minha bebida e a espero continuar.

— Foi difícil dar a notícia para Lora, eu simplesmente não sabia como explicar a morte do Sam. Nos três primeiros dias, disse apenas que ele tinha viajado para a Espanha de novo para resolver umas últimas pendências da casa nova. Mas depois, ficou insustentável. Eu ia ter a guarda deles de novo e nossa rotina mudaria mais uma vez. — Becky suspira e toma sua limonada. —

Foi por isso que precisei da sua ajuda.

Assinto, recordando-me que ela me telefonou e perguntou se eu me importaria de ir até Aberdeen para contarmos para Lora sobre a morte de Sam. Ela achou que como a pequena e eu tínhamos algum afeto e compartilhávamos de uma dor semelhante, eu poderia ser um consolo para Lora. De certa forma, funcionou.

Nós contamos, a menina ficou arrasada e se agarrou em mim com toda força que não sabia que existia nela.

— Ela está melhor hoje. Por vezes reclama de saudade do pai, vejo os olhinhos dela marejarem, mas noto que Lora está lidando com isso dia após dia do jeitinho dela, ao seu tempo.

Sorrio e coloco uma mecha de cabelo atrás da sua orelha, depositando um beijinho rápido no canto dos seus lábios. De uns tempos para cá, apesar de não termos nada sério, paramos de esconder nosso afeto das crianças. Foi uma escolha de Becky aliás, ela mesma tomando a iniciativa de ter me beijado perto dos filhos.

Lora perguntou se éramos namorados, e para facilitar seu entendimento, dissemos que sim.



— Hans... — ela me chama suavemente, seus dedos tocando-me no queixo e puxando meu olhar para o seu. — Quer ser oficialmente o meu namorado?

— Quase um ano esperando por esse pedido... — sussurro nos seus lábios, e ela ri, agarrando meu pescoço.

Trocamos um beijo singelo e carinhoso, que é interrompido quando somos molhados. Becky se assusta, e Lora ri do seu jeito contagiante. Influenciado pela irmã, Archie fica de pé na piscina e também tenta jogar água em nós dois. Eu me inclino sobre a piscina e jogo água neles também, transformando nossa tarde quente em um dos momentos mais divertidos que já tivemos.

— Sorria, Lora! — peço e bato a foto com a polaroide assim que ela ergue os olhos para mim, sorrindo, o rostinho perto da vela de aniversário de cinco anos.

— Faça um pedido antes de apagar a vela, meu bem —

Becky aconselha.

Ela leva a mão ao queixo e fica pensativa por um instante, o indicador enrolado em uma mecha de cabelo de uma das suas chuquinhas. Alguns segundos depois, ela se aproxima da vela de novo e a assopra de olhos fechados. Eu aproveito o momento e tiro outra fotografia dela.

Becky vai ajudá-la a cortar o primeiro pedaço, sobrepondo sua mão às pequenas dela na espátula. Archie fica sob minha supervisão e constantemente o impeço de enfiar a mão no chantilly.

— Já escolheu para quem vai o primeiro pedaço, Lora? —

Becky pergunta, ajudando-a colocar a fatia no prato.

Ela assente, toda feliz.

— Para o tio Hans.

— Eu já sabia — Becky brinca, entregando-me o prato.

Ela corta mais três pedaços e nos reunimos no sofá para comer. Archie se lambuza todo com seu pedaço, o que entretêm Lora por um tempo e a faz gargalhar gostoso ao ver o rostinho do irmão todo sujo com chantilly rosa. Minutos depois, as crianças estão se divertindo com as bexigas, e eu e Becky estamos no sofá, enrolados um no outro, trocando carícias inocentes.

— Queria que viesse morar comigo — digo e coloco uma mecha de cabelo atrás da sua orelha.

Ela deita a cabeça no meu ombro e pega em minha mão.

— Não acha que é cedo, Hans?

— Eu acho que não vou suportar ficar longe de você e das crianças, isso sim. Eu sei que podemos funcionar por um tempo assim, eu aqui, você em

Aberdeen, mas... Becky, não quero sentir essa saudade esmagadora que venho sentindo há quase um ano.

— Só tem algumas horas que começamos a namorar —

pontua e ergue os olhos para mim. — Como você é apressado.

— Eu tenho conheço há nove meses e a gente dá uns amassos desde então. Não sou apressado coisa alguma, você que está me enrolando. — Ela ri e enfia o rosto na curva do meu pescoço. — Pensa na minha proposta com carinho? Sei que tem muita coisa em jogo. Você finalmente voltou ao mercado de trabalho em Aberdeen, tem sua casa lá, as crianças têm a escola... Nada que não possamos adaptar para cá, mas, pense com amor, está bem?

Ela acena e beija meus lábios.

Lora pula no meio de nós, de repente, sua gargalhada preenchendo a casa.

— Eu acabei de ver uma estrela cadente! — diz, animada, e aponta para a janela. — Fiz o mesmo pedido da velinha, mamãe, para ter mais chances de se realizar.

— Ah, é? — Ela traz a pequena para o colo. Enciumado, Archie vem na nossa direção, carinha fechada, e também pede por atenção. Eu o pego em meus braços e o sento no meu colo. — E

que tal me contar que pedido é esse?

Ela move a cabeça em negativo.

— Não pode, senão, não se realiza. Né, tio Hans? — Ela me olha por um segundo antes de se voltar para a mãe. — E eu quero muito que o tio Hans seja meu papai.

Eu nem disfarço a surpresa que me toma com essa última parte. Lora segue tagarelando algo sobre a estrela cadente, sem nem se dar conta que, sem

querer, contou qual foi seu desejo ao assoprar a velinha e ao ver o astro cortando o céu. Becky olha para mim e há um misto de emoção em seus olhos que não sei definir muito bem. Meu coração se enche de amor e compaixão, meus olhos lacrimejam e preciso de algum esforço para segurar as emoções dentro de mim.

Lora e Archie são especiais para mim. Junto de Becky, trouxeram-me um pouco de alegria por todos esses meses. Não tenho qualquer dúvida de que amo os três, de que quero construir uma família com eles, e terei paciência para conquistar isso, leve o tempo que precisar. Amacio os cabelos de Lora, cabisbaixa e distraída com os próprios dedos enquanto ainda conta a mãe sobre a estrela cadente e o pedido.

— Você fez esse pedido de todo coração, Lora?

Ela me olha atentamente e vejo amor em seus grandes olhos azuis. Nunca foi difícil enxergar através de Lora. Ela sempre foi uma garotinha transparente, fácil de ler e sincera. Nesses meses todos, ela nunca escondeu seu afeto por mim. Mas agora... o modo como me olha é diferente de todas as outras vezes. Eu sinto que jamais

poderei me afastar dela, cortar contato, me distanciar ou será um baque muito forte.

— Eu até prometi que nunca mais peço nada — confessa sem tirar os olhos de mim.

Becky toca na minha mão, acariciando-me, e sorri. Ela sabe que meu afeto por Lora é tão forte quanto o dela por mim. Eu abro meus braços e a chamo. Ela se encaixa aqui com facilidade e eu deixo um beijo suave no seu rosto. A garotinha se agarra com mais força ao meu corpo, e Becky se junta ao nosso abraço, seus olhos nos meus, amáveis e atenciosos.

— Se você fez esse pedido de todo coração, então... ele tem uma grande chance de se realizar. Seja lá o que você pediu, Lora...

— Aperto-a mais contra meus braços — eu quero que se realize.



EPÍLOGO

Natal do ano seguinte

Na sexta-feira depois do Dia de Ação de Graças, decoramos minha casa e montamos a árvore de Natal. Na ocasião, levei-os para uma fazenda de cultivo de pinheiros e nós quatro cortamos uma para nós, como no ano anterior. Foi a segunda vez em trinta e oito anos que eu realmente me empenhei e me envolvi nas decorações natalinas. Foi a segunda vez que fiz questão de enfeitar cada canto com luzes, laços, meias e guirlandas só para ver o sorriso nos rostos deles.

Eu ainda não me importo com a data, mas me importo com Becky, Lora e Archie. E se para eles o Natal é significativo e simbólico, se as luzes, laços, meias e guirlandas os fazem felizes, então eu os satisfaço.

Duas semanas antes do Natal, fomos ao shopping comprar os presentes. Primeiro, fomos somente eu e Becky escolher o que daríamos às crianças. Depois, fui com Lora em um shopping, Becky foi com Archie em outro, para que escolhêssemos um o presente do outro. Apesar de termos gastado uma pequena fortuna com os brinquedos e roupas, o presente mais especial e mais importante que darei aos pequenos cabe em um envelope vermelho.

Agora, os dois estão animados em volta da árvore, abrindo presente por presente que colocamos ali alguns dias antes do Natal.

Becky e eu tivemos que conter a ansiedade dos pequenos por todo esse tempo, o que não foi algo muito fácil. Lora ainda se manteve obediente, mas Archie... Um descuido e o malandrinho estava surrupiando uma caixa.

Sinto os dedos de Becky apertar os meus, sentada ao meu lado no sofá e observando os filhos desembulharem as embalagens. Ela não aceitou vir morar comigo logo de cara assim que pedi. Levou ao menos dois meses, e no Natal do ano anterior, ela já estava instalada aqui comigo e com as crianças. Em fevereiro, Becky conseguiu uma vaga em uma escola na região e começou a lecionar logo quando as aulas retornaram. Eu a ajudei a conciliar o trabalho com os filhos, que foram

matriculados em uma escola no centro. Lora ficou dividida entre amar a mudança porque estaria mais perto de mim e não querer a mudança porque se separaria das amigas. Um pouco de tempo e de conversa, e a menininha estava habituada à nova casa, à nova rotina e fazendo novas amizades.

— Olha, mamãe — Archie diz, mostrando a baqueta de uma bateria eletrônica que comprei para ele. As luzinhas do brinquedo piscam alternadamente, e ele bate as hastes de madeira, seguindo as luzes para formar um som ritmado, como Becky o ensinou dois minutos antes. — Eu sei tocar!

— Que incrível, meu amor! — Becky se inclina e deixa um beijo no seu rosto. — Vai ser um grande baterista quando crescer.

O menino sorri e continua batucando por mais algum tempo até se enjoar e ir abrir outro presente. Lora está entretida com um robô Wall-E, rindo da dança bem articulada e da música que o brinquedo emite. Tudo isso ao lado de uma mini cozinha rosa com direito a chapéu de chefe e pratinhos.

As crianças levam mais algum tempo até abrir todos os presentes e se deliciarem com cada um deles. Então, são eles que entregam nossas caixas. Ganho de Lora um *kit* masculino: perfume, loção e creme de barbear, aparador de pelos com variadas funções. De Archie, ganho uma caixa com relógio, carteira e cinto de couros. Becky me presenteia com uma caixa de vinho e duas taças. Dos filhos, minha namorada ganha uma *necessaire* com

produtos de beleza, duas canecas, óculos escuros e uma bolsa de marca. De mim, minha namorada ganha uma gargantilha, um par de brincos, perfume e o mais especial.

— Ah, Hans... — ela leva as mãos à boca ao se deparar com a peça delicada. Eu tiro o anel de noivado da caixinha e deslizo pelo seu anelar esquerdo. Becky olha para os pequenos diamantes incrustado no ouro branco, e um sorriso se alarga em seu rosto.

— Você aceita...?

— Sim — responde de imediato e se joga em meus braços. Eu rio contra seus lábios e a beijo devagar, comportado e faço um carinho na sua lombar. — Não precisava nem me pedir. Onde está o homem que prepara um casamento surpresa quando se precisa de um?

Rio e belisco sua costela.

— Vocês vão se casar, tio Hans? — Lora pergunta vindo até nós.

— Se você deixar, sim.

— Eu não tenho que deixar nada — ela retruca, vincando as sobrancelhas. Aos seis anos, Lora é um poço de esperteza. — Mamãe é quem tem que aceitar, né, mamãe?

Becky ri, orgulhosa, e diz que é isso mesmo.

— E eu aceitei.

A menina vem correndo até mim e, como de costume, me abraça pelas pernas. Archie logo faz companhia a irmã, aprovando a ideia de casamento. Os dois começam a tagarelar e planejar a cerimônia: Lora quer rosas vermelhas e brancas, e Archie quer que o bolo seja do Homem-Aranha.

— Bom, os presentes ainda não acabaram — decreto. — Tenho mais um.

Becky não está surpresa porque me ajudou nisso, e as crianças ficam curiosas. Eu venho com uma caixa dourada e entrego para Lora, agachando-me na à sua altura. Ela tira a tampa e franze o rosto.

— É um *envelope* — Archie diz, espiando por cima.

— Envelope, Archie — Lora corrige junto da mãe. — E são dois.

Esse tem meu nome, ó — diz, apontando para um deles.

— Abra — incentivo.

Ela o faz e tira de lá de dentro um documento importante.

— É uma carta? Eu ainda não sei ler, tio Hans. Só sei ler meu nome.

Assinto e pego com cuidado o documento, apontando para uma parte específica dele. Os olhinhos de Lora seguem meu dedo e se detém ali por um tempo. Há alguns meses, conversei com Becky e ela aceitou que eu adotasse as crianças. Seus olhos marejaram e recebi um abraço amoroso quando propus. Então, nas últimas semanas, estivemos resolvendo a burocracia da adoção.

— Você sabe seu nome completo? — pergunto.

— Sei. — Move a cabeça em positivo. — Lora Sophie Hayes.

— E o meu, você sabe?

— Tio Hans Alexander Altman! — Archie responde de imediato. Eu rio e o puxo para um beijo.

— Hans Alexander Altman, Archie — Lora corrige. — “Tio” é só como o chamamos. Como se fosse “papai”, “mamãe” ou “vovó”, entendeu?

O menino assente e volta a olhar para o documento em minhas mãos, curioso e atento.

— Certo, e o que está escrito aqui, Lo?

Ela baixa os olhos para a linha e lê:

— Lora Sophie Hayes... — Ela pisca e para, notando que Hayes está hifenizado com outro sobrenome. — Eu não sei o que está escrito depois de Hayes. Meu nome nunca teve esse aqui, tio Hans — diz, apontando para o “Altman” ao lado do seu sobrenome paterno.

— Eu sei, é porque o colocamos aí. Depois de Hayes, está escrito

“Altman”. Seu nome agora é Lora Sophie Hayes-Altman. Sabe o que isso significa?

Ela fica cabisbaixa por um segundo antes de erguer os grandes olhos azuis para mim.

— Eu não sei se sei — responde com sinceridade.

— Significa que agora também sou seu pai. — Ela arregala os olhos, um misto de surpresa e felicidade. — Você e Archie são meus filhos agora. Não tirei o Hayes porque não quero tomar o lugar de Sam, Lora, e não quero que se esqueça dele. Quero ocupar um novo espacinho aqui —

coloco a mão no lado esquerdo do seu peito — Não quero ser só o tio Hans. Não quando amo vocês dois como se fossem meus filhos.

— Meu pedido — Lora diz baixinho — se realizou! — exclama, a vozinha fina e emocionada. Sem que eu espere, a menina me abraça pelo pescoço, quase me sufocando. — Você agora é meu papai, tio Hans?

Assinto e deixo um beijo no seu rosto.

— Que tal trocarmos o tio Hans por “papai”? — sugiro.

— Papai — ela diz, parecendo testar a sonoridade. — Papai. Papai.

Papai. Papai, Archie! — Ela se vira para o irmão e começa a dar pulinhos de alegria.

Eu pego o envelope de Archie e tiro o documento de lá de dentro.

Trago-a para entre meus braços e mostro o papel para ele, embora o menino não seja capaz de ler.

— E você é Archie Benjamin Hayes-Altman.

— Archie Benjamin Hayes-Altman — o menino repete, seguindo as letras do seu nome com a ponta do indicador. Aos fundos, Lora ainda está animada com a notícia, repetindo “papai-papai-papai” e fazendo Becky rir.

— Archie Benjamin Hayes-Altman. — Ele me olha e me toma em um abraço afetuoso. — Então você também é meu pai agora? Meu e da Lolo?

— Seu e da Lolo — confirmo e beijo seu rosto. — Você gostou?

Gostou que agora eu seja seu pai?

Archie me aperta pelo pescoço.

— Eu gostei assim grandão, pai! — diz e se afasta, abrindo os braços.

— Papai — dessa vez, Lora não está só testando sonoridade da palavra em sua boca, ela está me chamando —, podemos fazer outro boneco de neve? Diz que sim, papai, por favor?! — Ela junta as mãos em súplica e dá um pulinho.

Eu me levanto e assinto.

— Vão colocar luvas e toucas.

Os dois saem correndo quarto acima, e Becky precisa advertir para não pularem os degraus correndo porque podem se machucar. Eu me aproximo dela e a enlaço pela cintura ao deixar um beijo suave em seu rosto.

— Em breve, seu sobrenome que vai estar hifenizado, hein? —

brinco e acaricio seu rosto. — Becky Eloah Hayes-Altman.

— Sabe que agora não pode mais voltar atrás, não é? — Ela resvala devagar o nariz pelo meu pescoço. — Não pode mais desistir de ser meu marido nem o pai deles.

— Mais fácil você desistir de ser minha esposa. — Becky ri e deixa um beijo suave na minha pele. — E mesmo com todas as dores de cabeça, gastos e preocupação que vão me dar, eu serei pai deles.

Ela sorri e me olha. Sua mão direita pega a minha e leva até seu abdômen.

— Deles e de mais um. — Pisco duas vezes e entreabro os lábios.

— Ou mais uma. Aperto-a forte contra meus braços, cheio de emoção, e beijo gostoso sua boca, mais do que feliz e radiante pela notícia. Achei que só eu ia fazer surpresas hoje. — Vamos esperar completar o primeiro trimestre para contar aos pequenos, está bem? — sussurra nos meus lábios. — Não queremos iludi-los à toa.

Apoio minhas mãos no seu abdômen. Mesmo que ainda não exista nenhum indício da sua gravidez, mesmo que faça apenas um minuto que eu soube, já amo esse pequeno pedaço de nós dois. Encosto minha testa na sua e a beijo de novo.

— No meu aniversário do ano passado, também fiz um pedido —

confesso. — Uma família, de preferência com você. Obrigado por me proporcionar isso, Becky. Obrigado por me deixar ser pai de Archie, de Lora, obrigado por aceitar ser minha esposa e por me dar outro filho.

— De nada — responde, bem-humorada, e eu rio contra seus lábios. — Eu amo você, Hans.

— Te amo, Becky.

Beijo-a com cuidado, sentindo seu sabor, sua textura, seu cheiro.

Lora e Archie voltam um instante depois gritando que há uma estrela cadente no céu. Olho pela janela da sala e vejo o corpo celeste atravessando a atmosfera por entre as estrelas.

Fecho os olhos e faço um pedido.

Fim



Conheça agora o
LIVRO UM
POR EVILANE OLIVEIRA



Um Presente de Natal para o Sugar Daddy

[Leia aqui: https://amzn.to/3F1iBnS](https://amzn.to/3F1iBnS)

Sinopse: LIVRO ÚNICO. Todos os livros da trilogia podem ser lidos de maneira independente.

Serenity não imaginou chegar ao extremo em tão pouco tempo. Quase dois anos na faculdade foram suficientes para perceber que ser independente e lidar com as dívidas do irmão requer muito dinheiro.

Quando sua melhor amiga a convida para conhecer o seu trabalho tão secreto, jamais passou pela cabeça de Ren que ela era uma sugar baby, muito menos que aceitaria fazer o mesmo.

Na sua primeira noite, ela esperou várias coisas, mas nunca que o seu primeiro sugar daddy a levasse ao jantar de Natal da sua família. Devon é mais velho, rude e incrivelmente sedutor, e Ren não é capaz de resistir, nem se quisesse.

Porém, quando novos encontros surgem, ambos começam a questionar a importância de um para o outro e a colocar na balança se vale a pena ficarem juntos.

UMA MENTIRA DE NATAL - LIVRO 01

CAPÍTULO 1

SERENITY PRICE

Eu finquei as unhas na palma e controlei minha respiração.

Às vezes, a dor física me mantinha firme e não me deixava desabar.

Eu sabia que isso era um problema. Eu precisava de ajuda, mas não adiantaria. Nada adiantaria enquanto eu tivesse que cuidar de um homem de vinte e três anos.

Ele deveria cuidar de mim, me ajudar com a faculdade e merdas de jovens, mas Brandon se preocupava apenas consigo mesmo. Eu continuava

tentando enxergar um homem bom e honrado, mas a cada ligação meu amor por ele parecia quebrar.

— Eu sei que te pedi semana passada, mas, Ren, só tenho você. — Brandon andava para lá e para cá no estacionamento do meu alojamento. Lugar onde eu estava hospedada há pouco mais de dois anos.

Brandon e eu ficamos órfãos há cinco anos. Nossos pais estavam em um ponto turístico de Londres, quando terroristas se explodiram no local. Eles haviam ganhado a viagem no trabalho do meu pai. Mamãe relutou em ir, não queria nos deixar sozinhos, mas meu pai a convenceu.

Eu nunca fiquei tão assustada como no dia em que eu vi tudo pela televisão. Passei aquele dia ligando para os dois, petrificada diante da TV. Só saí do local quando minha tia Wanda chegou. Ela morava a cinco horas da minha casa, em Kearney Valley.

Meus pais estavam mortos.

Tia Wanda nos levou com ela, mas Brandon logo percebeu que a vida dela não combinava com a dele. Então, partiu e me deixou sozinha.

Infelizmente, eu vim para a faculdade, a mais longe da minha tia e mais próxima de Brandon.

— Eu juro que não vou mais te pedir. Ren, eles vão me matar, você sabe disso.

Brandon passou a mão pelo rosto com barba por fazer. Eu me aproximei e toquei seu rosto. Meu irmão ficou sem reação, então continuei capturando cada pedaço dele tanto quanto eu podia.

— Estou devendo vinte mil dólares, Ren. Acho que eles vão me matar. Não tenho esse dinheiro, não tenho como arrumar também. — Ele passou a mão pelo cabelo.

— Ninguém tem esse dinheiro. Nem eu, nem você e nem a tia Wanda. — Minha voz era muito baixa, isso era algo que o irritava quando morávamos juntos. — Eu só tenho cem dólares aqui comigo...

— Serve. — Ele assentiu rapidamente.

Eu não estava oferecendo, estava tentando explicar que eu era tão pobre quanto ele. Respirando fundo, puxei as minhas últimas notas da bolsa.

— Cuidado, Brandon — murmurei, entregando a ele o dinheiro.

Depois de guardar as notas, ele acendeu um cigarro.

— Obrigado, Ren. — Ele tragou com vontade a fumaça assassina. — Eu... não quero morrer. Você tem certeza de que não pode me ajudar? — Seus olhos castanhos não encontraram os meus.

Força, Ren.

— Eu posso tentar...

— Graças a Deus. — Aliviado, Brandon acenou rapidamente, enquanto eu engolia em seco. — Entre e se aqueça. Diga a tia Wanda que mandei um feliz Natal.

Eu viajaria dali a dois dias para casa. Era Natal e tia Wanda fazia questão de ter todos nós em casa. Menos Brandon. Ele já não ligava para nenhum de nós.

— Você deveria ir comigo — falei rapidamente.

— Melhor não — ele recusou. — Se cuida, Ren. — Ele beijou minha testa e se afastou até seu carro.

Eu o vi dirigir para longe, sentindo um vazio dentro de mim.

Brandon se perdeu depois da morte dos nossos pais. Ele sempre foi um garoto bom, mas agora não havia mais resquícios do meu irmão nele.

— Ei!

Virei-me ao ouvir a voz de Willow. Ela era a minha melhor amiga no campus. Assim que a conheci, com seus piercings e tatuagens, eu me questionei se ela era uma punk drogada, mas não, Low era apenas filha de dois tatuadores que a deixavam livre para fazer suas próprias escolhas.

— Ei. — Dei um sorriso lento enquanto ela trocava a mochila pesada de ombro.

— Eu preciso trocar de roupa e correr para o trabalho.

Eu a segui para dentro do nosso dormitório.

— Eu não achei nada ainda, antes que pergunte. — Respirei fundo ao entrarmos no elevador. — Onde fica seu trabalho? Não tem vaga?

Eu havia sido demitida há um tempo, de uma cafeteria que ficava a dez minutos do campus. Infelizmente, não encontrei mais nada depois disso.

Low me encarou por alguns segundos e depois sorriu. Nunca toquei no assunto do trabalho dela, e ela também não.

— Sempre tem. — As portas se abriram e ela saiu, me fazendo segui-la como um cachorrinho. — Você se daria bem lá.

— E por que você nunca falou nada? — Franzi as sobrancelhas. — Você sabe que estou procurando trabalho há meses, Low.

— Não sei se você gostaria disso. — Ela abriu a porta do nosso apartamento minúsculo.

Fiquei rígida com suas palavras.

— É algo errado? — Coloquei minha bolsa no sofá e me virei.

— Não. — Low parecia pensar. — Eu não acho, pelo menos.

— Ela deu de ombros e jogou a chave na mesinha antes de irmos para a cozinha.

— O que é?

Low sorriu e ligou seu notebook. Peguei uma maçã e me aproximei, olhando sobre seu ombro. Ela abriu um site e eu arregalei os olhos. Babies e Daddies.

— Oh meu Deus! Você é prostituta? — Tapei a boca assim que me ouvi gritar. — Me desculpa... — pedi, me afastando para ver seu rosto enquanto Willow ria sutilmente.

— Não, eu não transo com clientes. Eles gostam do lance de ser o meu “papai”. Me bancam, me levam para jantar... às vezes, rola uma coisa ou outra, mas raramente. Nunca transei com nenhum. — Willow clicou em uma página de novo cadastro.

— Não, não. Não posso — neguei rapidamente.

— Você ganharia muito dinheiro, mas realmente não faz seu perfil. — Willow se ergueu e deixou o site aberto. — Vou me arrumar.

Quando ela sumiu pelo corredor que ia para os quartos, eu me sentei e olhei para o site. Comecei a descer a página e encontrei algumas explicações logo abaixo. As meninas – sugar babies –

eram jovens e atraentes que queriam um homem maduro para patrocinar seus sonhos. Isso é sério?

Na explicação do sugar daddy, dizia que ele era um homem maduro disposto e generoso que queria a companhia de jovens bonitas. Os interesses eram claros e não havia cobrança.

Engoli com força e toquei minha garganta.

Isso era estranho. Porém, se Willow gostava, não era tão ruim assim, certo?

Respirei fundo. Eu precisava de dinheiro para ajudar Brandon e pagar minhas contas na faculdade. Willow pagou o dormitório para mim durante os últimos dois meses, e eu estava farta disso e queria poder pagar a ela.

Não seria tão ruim. Os homens do site eram ricos e, talvez, educados. Não poderiam ser depravados e psicopatas, certo?

Willow apareceu depois de um tempo, já pronta. Ela tinha cabelo loiro e olhos azuis. Low era linda. Óbvio que se dava bem nisso. Já eu? Eu não apostava muito nisso.

Meu cabelo era fino e castanho-claro quase avermelhado, meus olhos eram marrons bem claros. Eu era muito normal para isso.

— Eu quero! — anunciei, suspirando.

— Ótimo! — Ela arregalou os olhos. — Eu farei seu cadastro, não se preocupe. — Ela pegou seus documentos da mochila da escola e enfiou na bolsa de grife que usava.

As tatuagens davam um charme incrível nela. Low usava um vestido vermelho ombro a ombro, curto e justo. Seu decote discreto deixava o look elegante.

— É seguro, certo? — murmurei, mordendo a ponta da minha unha.

Low sorriu e se aproximou de mim.

— É seguro e viciante.

Assim que ela saiu, eu respirei fundo e fui para o meu quarto.

Arrumei todo o local e me deitei na cama depois de tomar um longo banho.

Queria que isso desse certo. Queria ajudar Brandon e poder pagar minhas contas. Queria saber quantas vezes precisava sair com um sugar daddy para juntar vinte mil dólares. Eu precisava de mais que isso para conseguir pagar minhas dívidas.

— Calma, Ren. Vai ficar tudo bem.



Eu continuei falando isso e logo peguei no sono.

Eu ouvi batidas insistentes por longos minutos, mas meu sono estava aconchegante demais. Porém, quando um grito soou, eu me arrastei da cama.

— O que foi, Willow? — questionei, bocejando e esfregando meus olhos.

Low entrou como um furacão, pegou meu celular e começou a mexer. Eu me deitei novamente, quando estava adormecendo de novo, ela me cutucou.

— Me deixe dormir, por favor. Eu viajo a noite inteira.

— Olhe. — Low se deitou comigo e me entregou meu celular.

Apertei meus olhos e suspirei. O site Babies e Daddies estava aberto na tela do meu telefone em um aplicativo. O ícone de mensagem estava cheio, isso com certeza me fez acordar. Me sentei rapidamente e abri a primeira delas.

“Olá, Ren. Disponível?”

— O quê? — Encarei Low e ela deu de ombros.

— Eu disse que você faria sucesso. Olhe esse seu rosto.

Jesus, você é tão angelical.

Meu coração começou a acelerar a cada mensagem que eu lia. Não respondi a nenhuma. Willow foi filtrando e me mostrando as que ela achava legais.

Quando chegou a vez de um deles, eu suspirei.

Devon Chanse.

Ele era loiro, tinha dois metros de altura e amava ficar em casa.

— Nossa, esse é incrível. — Low me encarou, erguendo as sobrancelhas. — E aí?

Devon. Eu mordi meu lábio e peguei o celular das suas mãos.

“Olá, Serenity. É a primeira vez que entro neste site e preciso de companhia para a noite de Natal. Eu dou trinta mil dólares e uma viagem para Cancun.”

O quê?

Quando meu queixo foi ao chão, Willow franziu as sobrancelhas.

— Ele só pode estar desesperado. — Ela riu.

Engoli em seco, nervosa.

— Mas... — Minha boca secou. Minha amiga parou de rir e me encarou. — Natal é com a minha tia. Eu vou viajar mais tarde...

— Diga a ele que não pode. — Willow se ergueu e andou até a porta. Porém, no último segundo, ela se virou para me encarar. —

Porém, você precisa de dinheiro. Ano que vem você passa o Natal com Wanda.

Willow estava certa, mas o nervosismo deu um nó em meu estômago.

Ela saiu e eu olhei para o celular.

“Olá, Devon! Estou disponível.”

Cliquei em enviar e respirei fundo. Ele demorou para ver a minha resposta, e quando o fez, eu estava andando pelo quarto de olho no celular.

“Preciso ligar para você. Atenda.”

Eu arregalei os olhos, mas não consegui me recuperar. Assim que o celular começou a tocar, eu suspirei e mordi minha boca.

— Olá, Serenity. — A voz dele fez meu estômago apertar.

Era forte, rouca e intensa. Meu Deus.

— Duas coisas para deixarmos tudo esclarecido. Uma, eu não ajudo se for problemas com drogas ou dívidas de terceiros. Seu caso é esse?

Era óbvio que esse era meu caso.

Eu poderia falar a verdade e procurar outro sugar daddy, mas gostei da ideia de ser a primeira vez dele também. Seríamos dois estranhos pisando em terreno desconhecido. Fora que quando o vi, algo nele me fez aceitar.

Uma mentirinha de Natal não tem problema, certo?

— Olá, Devon. — Engoli em seco e andei pelo quarto. — O

dinheiro é para pagar a minha faculdade e algumas despesas, na verdade.

Devon ficou em silêncio, e quando pensei que ele havia desligado ao perceber a minha mentira, ele falou:

— Tudo bem. Eu pego você...

— Eu quero ir sozinha, se possível — murmurei, engolindo em seco.

— Eu faço questão. Me envie seu endereço.

Eu ia retrucar, mas decidi recuar. Enviei a ele o meu endereço e suspirei, nervosa.

— Até amanhã, Serenity.

— Ren, pode me chamar de Ren — murmurei lentamente, mas ele não disse nada por alguns segundos.

— Boa noite, Serenity.

Okay. Ele desligou e eu suspirei, aproximando o celular do meu peito.

Vai dar tudo certo, Ren. Você vai ver.

Me sentei na cama e penteei meu cabelo, pensando na roupa que usaria. Eu havia comprado um vestido florido simples porque

estava indo para casa, mas agora eu precisava de um vestido bonito e elegante.

Droga.

Willow estava na cozinha quando saí. Quando me sentei à sua frente, ela me encarou com expectativa.

— Eu aceitei. Agora você precisa me ajudar com um vestido.

Vermelho, de preferência.

Willow pulou em seu próprio lugar animadamente e começou a falar sobre um vestido perfeito que tinha visto em uma loja.

— Eu não tenho dinheiro — eu a lembrei, mas ela balançou a mão em desdém.

— Devon Chanse vai amar comprar esse vestido. — Ela empurrou o prato com ovos para mim e pegou meu celular.

Quando ela me devolveu o celular, havia uma mensagem enviada.

“Não tenho roupa para o jantar. Você poderia me ajudar com isso?”

Devon respondeu na hora pedindo a conta para transferir o dinheiro.

— Ele nem sabe quanto é — resmunguei para Willow, mas ela fingiu que não ouviu e me pediu para enviar meus dados para o homem. O que eu fiz rapidamente.

Logo, um valor que daria para comprar dois vestidos estava em minha conta antes negativa.

— Ok, nós vamos às compras.

Ansiedade e nervosismo atacaram minhas entranhas, mas acenei mesmo assim.



Um Presente de Natal para o Jogador

Leia aqui: <https://amzn.to/3oVSpp5>

Sinopse: LIVRO ÚNICO. Todos os livros da trilogia podem ser lidos de maneira independente.

Charlotte Laurence é apaixonada pelo melhor amigo desde a infância. Mesmo sabendo que ele jamais a enxergaria com outros olhos, ela cultivou a esperança de um dia ocupar um espaço maior na vida dele e no coração. Entretanto, tudo muda com uma notícia que faz seu mundo ruir.

Matthew Grant sempre sonhou em se tornar um jogador de basquete de sucesso. A oportunidade perfeita de concretizar seus objetivos surge ao receber uma proposta tentadora do seu time favorito. Apesar de ficar dividido entre o amor que sente por sua melhor amiga e a sua carreira, ele decide seguir a sorte, deixando para trás pessoas que ama, principalmente Charlotte.

Anos se passam e ela não tem mais dezessete anos. Ele não tem mais vinte e dois. Charlotte e Matthew não são mais os mesmos. Depois de muito tempo, Matt retorna a Fortwood, trazendo consigo uma pequena mentira que pode determinar o futuro de duas pessoas e mudá-las para sempre.

CAPÍTULO 1

CHARLOTTE LAURENCE

Querido diário...

Não, não, muito cafona. Balanço a cabeça e mordo a ponta da caneta, em seguida, sorrio e fecho o diário que ganhei do meu

pai, no meu aniversário de quinze anos.

Hoje o Matthew está voltando para casa. Depois de meses sem poder vir nos visitar, ele está finalmente realizando o seu sonho

– ser um jogador profissional de basquete. Semana passada, ele fez uma chamada de vídeo para dizer que no jogo em Nova Orleans tinha um olheiro do Los Angeles Lakers e que, aparentemente, pareceu gostar do que viu.

Matthew é o ala-armador do Golden Raptors, o time da nossa cidade, porém, ele deseja ter mais e sabe que pode ir longe. Não que o time não seja

bom o suficiente para o Matt, de jeito nenhum, só que o sonho dele é fazer parte do Lakers. Não é à toa que está dando tudo de si para ser visto e ter a oportunidade de alcançar os seus objetivos.

O afilhado do meu pai o considera muito, ele o ama como se fosse o seu próprio pai. Há alguns anos, Shawn Brant, o melhor amigo do papai, pediu em seu leito de morte, que ele cuidasse do Matt como se fosse seu filho. E é isso que papai faz até hoje, apoia Matt nos seus sonhos e auxilia no que pode.

Quando Matthew ingressou na universidade, o pai dele já havia falecido de um câncer gástrico agressivo. Ainda me lembro como se fosse hoje da emoção estampada no rosto da tia Gigi quando soube que o filho iria estudar no mesmo lugar que o seu falecido esposo, seguindo a mesma profissão.

Apesar de todos nós já sabermos desde muito cedo da paixão de Matt pelo basquete, não tínhamos realmente certeza de que ele seguiria o mesmo caminho do pai. Confesso que ficamos muito surpresos quando soubemos que ele seguiria os passos do tio Shawn, para nós, o basquete seria uma dolorosa lembrança para Matthew. No entanto, foi o contrário, acabou se tornando a sua âncora.

Ontem, o papai nos deu a notícia de que o Matt está vindo e tem uma novidade para nos contar. Estou ansiosa, mas também com medo do que pode ser. Espero que não seja uma namorada

que ele queira nos apresentar, pois eu suportaria tudo, menos isso.

Só torço para que seja algo relacionado ao seu trabalho. Se por um lado fico feliz em saber que o afilhado do meu pai é capaz de chegar aonde quiser, ter sucesso em sua carreira, por outro, sinto que alguém sairá machucado, com o coração destruído. E que serei eu essa pessoa.

Seria cômico se não fosse trágico, mas desde os meus treze anos, tenho um amor platônico por Matthew Grant, que é cinco anos mais velho do que eu. Ele tem o futuro garantido, se formou e está fazendo o que mais ama,

enquanto eu ainda estou no meu último ano do ensino médio e nem sei que curso quero fazer na universidade. Meus pais nunca me pressionaram em minha escolha.

Sou uma ótima aluna e tenho um bom histórico escolar, e estou longe de ser perfeita, mas, no momento, sinto que não me encaixo em nenhuma profissão.

Como sempre, a mamãe é a mais sensata. Ela sempre me diz que é normal que eu me sinta assim. Segundo ela, é nessa idade que os adolescentes começam a se questionar sobre o que querem para o seu futuro.

Levanto-me da cama disposta a deixar a preguiça de lado para arrumar o meu quarto, antes que o Matthew chegue.

Sorridente, eu abro a gaveta da minha cômoda e pego o meu celular, colocando uma playlist da Halsey antes de o colocar em cima do móvel. Só então começo a dançar e cantarolar ao mesmo tempo em que arrumo a minha bagunça.

O dia não poderia ter amanhecido mais lindo. O amor da minha vida e meu melhor amigo está de volta, sinto-me uma sortuda por hoje ser fim de semana. Se o Matt voltasse para casa em um dia de semana, eu não poderia aproveitar muitas horas ao seu lado, pois teria muitos afazeres escolares que só quem está prestes a se formar sabe.

Os minutos vão passando, e em menos de meia hora estou com tudo organizado em meu quarto. Depois de um tempo, decido



separar a roupa mais bonita que tenho para receber o meu amigo, quero estar muito bonita para ele.

A tarde passa tão rapidamente, que quando percebo já é noite. Passei a maior parte do tempo trancada no meu quarto, imaginando mil e uma coisas diferentes para essa tal “novidade” que ele vai contar. Mamãe e papai estão preparando o jantar, até penso em me juntar a eles, mas estou nervosa e sem concentração, tenho certeza de que mais vou atrapalhar do que ajudar.

Olho-me uma última vez com meu vestido soltinho e preto acima dos joelhos, com um decote simples. Satisfeita com o resultado, respiro fundo e sorrio. Tiro um batom cor nude da gaveta e passo nos lábios, em seguida, começo a pentear o meu cabelo.

Em poucos minutos, estou pronta para sair do meu quarto.

Ao receber uma notificação de uma nova mensagem, eu pego o meu celular na cama e desbloqueio a tela. É Matthew.

“Lottie, estou levando um presente muito especial para você.

Não adianta perguntar o que é! Surpresa!!! Mas sei que vai amar.”

Com um sorriso bobo, releio a mensagem com meus olhos cheios de lágrimas.

Faz dias que não nos falamos, mas compreendo, sei que estava muito ocupado. Com tantos treinos, ele não pode se distrair, tem que estar focado 100% nos jogos. O importante é que se lembrou de mim a ponto de trazer um presente.

Mordo o meu sorriso e solto um gritinho interno. Quando penso em escrever para ele, ouço batidas à minha porta. Levanto-me da cama em um sobressalto.

— Charlotte, você está aí? — mamãe fala do outro lado da porta.

Abro a porta e me deparo com uma pessoa que não esperava tão cedo. Quer dizer, faz pouquíssimo tempo que recebi sua mensagem, não achei que chegaria aqui tão rápido.

— O que... — Fico tão surpresa, que preciso me apoiar na porta para não cair. Abro a boca e a fecho, sem saber como agir.

Com os olhos arregalados, encaro o Matthew, que tem aquele olhar intenso, um sorriso lindo e naturalmente sexy que derrete muitos corações por aí. Principalmente o meu. Estávamos há meses sem nos ver, e tê-lo diante de mim agora é emocionante demais. A saudade é tanta que nem cabe no meu peito, chega a me sufocar.

— Não vai me abraçar, Lottie? — Seus olhos me lembram as águas das Ilhas Maldivas, olhando para eles me sinto no meio do paraíso.

Meus olhos se enchem de lágrimas tamanha é minha emoção com a sua presença. Quando solto um soluço, minha mãe pede licença e se afasta, sabendo que é hora de nos deixar a sós.

— Eu... eu... pensei que você fosse ver a tia Gigi primeiro —

gaguejo, ainda surpresa.

— E quem disse que eu já não a vi? Eu a trouxe comigo para cá. — Ele dá um sorriso de lado e me puxa para um abraço, me pegando totalmente desprevenida.

Solto uma gargalhada quando sinto meus pés no ar. Matt, com seu um metro e noventa e cinco de altura, me faz sentir pequeninha se comparado com meu um e sessenta. O meu melhor amigo é lindo em todos os aspectos, além de ter um coração enorme e ser muito carinhoso, carrega uma beleza de dar inveja.

Matthew Grant é o meu Adônis, com seu cabelo castanho-claro quase loiro, corpo atlético e nariz aristocrático.

— Céus, Matthew! — digo, entre risos, com a voz embargada. Envolver os meus braços em seu pescoço e afundo o

rosto no seu ombro. — Senti saudade... Você não sabe o quanto —

confesso, melancólica.

— Eu também, Lottie... — Ele me abraça mais forte e eu fecho os olhos.

Ficamos ali abraçados por um tempo, sem trocar uma palavra sequer, até que ele me põe no chão e me avalia demoradamente, então fica sem graça ao notar que percebo o que estava fazendo.

— E as novidades, Matt? O meu papai disse que você tem uma novidade para nos contar. — Toco em seu braço.

Que não seja uma garota em sua vida. Eu quero ser a única a te amar e ser amada por você.

— São ótimas notícias. — Pisca para mim, animado.

— Alguma garota na sua vida, por acaso? — Dou uma piscadinha ao perguntar, mesmo envergonhada.

Matthew joga a cabeça para trás e gargalha.

— Na hora certa você vai saber — fala, todo misterioso.

— Sem essa, Matt — faço uma careta —, vamos, me conte o que é! Achei que eu fosse a sua melhor amiga e tal... Apesar da nossa distância e nos falarmos pouco nos últimos tempos, não pensei que fosse me excluir assim da sua vida! — Faço um draminha básico adolescente. — Vamos, Matthew, não seja tão ruim assim comigo — peço, fingindo estar brava.

Ele me agarra pela cintura e beija o meu rosto.

— Mas quem disse que não é? Você é a única garota da minha vida, Lottie. Pare de drama, vai. — Ele me dá mais um beijo em meu rosto e solta aquela

risadinha irritante que tanto amo.

— Acho bom mesmo que eu seja a única na sua vida, Grant

— falo, cheia de si, abobalhada.

— Hum, ciumenta... Sua pimentinha — ele me provoca.

Dou um tapa em seu braço por ele me lembrar do apelido ridículo que me deu quando eu tinha doze anos.

— Pelo amor de Deus, Matthew, você tirou esse apelido do fundo do baú! Eu não tenho mais...

A sua risada alta me faz calar a boca.

— Doze anos, e sim dezessete. Sei disso, Charlotte Laurence

— diz bem-humorado, quando fico de frente para ele, com as mãos na cintura.

— Se eu não estivesse com tanta saudade de você, eu o chutaria para fora daqui seu... seu... Argh! — Jogo o cabelo para trás e bufo de raiva.

— Lindo, maravilhoso, gostoso, seu melhor amigo e que te ama muito — acrescenta ao se inclinar um pouco e falar perto da minha orelha.

Meu coração traidor erra uma batida.

— Eu também te amo. — A minha declaração tem duplo sentido, mas não sei se Matthew percebe isso.

Com a respiração acelerada, encaro Matthew e ele faz o mesmo, então ficamos nos olhando em silêncio. Meu amigo leva a mão a uma mecha do meu cabelo solto e a coloca atrás da minha orelha. Encarando-o fixamente, eu sorrio. Mas alguém estraga o momento ao pigarrear atrás de nós, fazendo nos afastarmos rapidamente. Matt vai para um canto e eu para o outro,

agimos como se estivéssemos fazendo algo errado e acabamos sendo pegos no flagra.

— Crianças, estamos esperando vocês para o jantar. Estão demorando tanto, que precisei subir para ver se está tudo bem.

Viro-me e vejo a minha mãe. Olho novamente para Matthew e noto que parece sem graça. Ele passa a mão no cabelo e desvia o olhar para o corredor que dá para a sala. Embora já tenhamos percebido que a nossa química é algo inegável, nenhum dos dois ousou dar o primeiro passo.

— Está tudo bem, sim, mãe — digo, meio desnorteada com o rumo dos meus pensamentos.

— Com licença, tia, Lottie — diz Matt, antes de se afastar.

Quando ele some do nosso campo de visão, minha mãe vem até a mim e toca o meu ombro.

— Atrapalhei vocês? Me desculpe, filha — fala, gentilmente.

Eu meneio a cabeça, negando.

— Nada ia acontecer, mamãe. Matthew tem muito respeito e parece que teme papai. Se ele sente algo por mim não vai ter coragem de expor... Ainda mais sendo cinco anos mais velho do que eu. — Eu a encaro, tristonha. — Você sabe como são os garotos, né? — Dou de ombros.

— Eu entendo totalmente o Matt, Charlotte. O seu pai é padrinho dele, sem contar que Matthew já tem vinte e dois anos e uma carreira promissora pela frente. Talvez ele não queira ainda dar esse passo com você, que ainda nem se formou no ensino médio.

— Ela me abraça.

Compreendo o que está tentando justificar, não tiro a sua razão.

— Ainda acho que ele tem medo do meu pai porque eu só tenho dezessete anos — confesso, frustrada.

— Ao invés de ficar com especulações, por que você não pergunta para ele? Querida, idade não define a maturidade de ninguém. Às vezes, uma pessoa de quinze anos é mais madura do que uma de trinta anos. Só acho que você deveria tirar suas dúvidas com o Matthew. Aproveite que ele está em casa e acabe com essa sua tortura — aconselha e beija o meu rosto.

— A senhora acha que o meu pai nos apoiaria? — indago, esperançosa.

— Independentemente de qualquer coisa, estaremos ao seu lado. Por mais que o Brandon considere o Matt como filho, o seu pai

não é cego, ele sabe a filha que tem. E os sentimentos dela por seu afilhado! Por que acha que o seu pai te deu aquele diário, Lottie?! —

Ela dá uma risada.

Eu a amo, mamãe é a minha melhor amiga e conselheira.

— Mamãe! — repreendo-a, sorridente.

— Já conversamos bastante, mocinha, agora vamos. Logo o seu pai aparece para saber o motivo da demora.

Fecho a porta do meu quarto, em seguida, sigo a minha mãe até a sala de jantar.



Conheça também
PS: ESTOU GRÁVIDA
NOSSA PARCERIA DE DIA DAS MÃES!

*Conheça também a trilogia **PS: Estou Grávida**, nossa parceria para o dia das mães. Eles também podem ser lidos fora de ordem!*

Operação Bebê a Bordo, Livro 1, por A.C. Nunes:

<https://amzn.to/323BM1m>

Sinopse: O maior sonho de Louise Ventura sempre foi ser mãe. Fugindo de relacionamentos e preferindo não conceber um bebê por vias não-convencionais, ela arrisca engravidar de um desconhecido qualquer cuidadosamente escolhido em um site de relacionamentos e se dedicar à maternidade solo e ao seu trabalho no ramo de multimídia.

A vida de Arthur Massari sempre foi focada em trabalho, com pretensões ambiciosas de fazer seu negócio em produção de multimídia crescer cada vez mais. Ao fundir sua empresa com outra, ele reencontra a garota fogosa com quem dormiu meses antes. Para sua surpresa, ela está grávida. Ter um filho fora do atual noivado era a última coisa que ele esperava, mas é exatamente o que acontece quando descobre que o filho é seu. Ele pretende fazer seu papel de pai, mesmo que isso signifique ter de lidar com uma noiva abusiva e comprometer seu noivado.

Acompanhando o pré-natal, um sentimento de carinho, amor, amizade e cumplicidade nasce entre os dois, ficando cada vez mais impossível resistir a um iminente romance.

Meu Pequeno Segredo, Livro 2, por Evilane Oliveira:

<https://amzn.to/3ETsJic>

Sinopse: Depois de um acidente que quase tirou sua vida, Laura Lancaster sabe de três coisas sobre si mesma. Ela é solteira, pediatra em um hospital renomado e agora está grávida de um homem misterioso que ela não entende como e nem por que se

entregou tão facilmente quando se conheceram. Sua mente esquecida também não faz ideia de que esse homem intenso e sarcástico é também seu

marido.

Henrique D'Ávila sabe de três coisas. Ele é casado, completamente apaixonado pela esposa e um CEO bilionário. Com uma fortuna de dar inveja a muitas pessoas, Henrique a daria a qualquer pessoa que fizesse Laura se lembrar que os dois eram casados e que ela pertencia a ele.

Isso nunca aconteceria. Apenas o tempo traria as suas lembranças de volta.

Laura descobriria em breve que seu marido nunca foi paciente.

O tempo está correndo e Henrique está disposto a fazer Laura amá-lo mais uma vez.

Mesmo que para isso tenha que se inserir na vida dela como um desconhecido.

De Repente Amor, Livro 3, por Jéssica D. Santos -

<https://amzn.to/30svack>

Sinopse: Bianca Leal é casada há alguns anos com o homem da sua vida, aquele que ela escolheu amar e viver até seus últimos dias. Ela acredita que vive em um relacionamento perfeito com o seu marido, mas a descoberta de uma gravidez não planejada começa a afetar o seu casamento.

Ravi Abrantes nunca desejou ser pai, jamais esteve em seus planos cuidar de uma criança. Mesmo que ame perdidamente a sua esposa, não está disposto a mudar de ideia. Ravi não gosta de crianças, jamais se viu no papel de pai. Bianca tem o desejo de ser mãe e vai fazer de tudo para levar a sua gravidez em frente.

O bebê será o fim ou um doce recomeço para Ravi e Bianca?



OPERAÇÃO BEBÊ A BORDO | CAPÍTULO 1

LOUISE

Momentos desesperados pedem medidas desesperadas.

Engravidar de um completo estranho que ainda vou conhecer pessoalmente é uma medida muito desesperada? Talvez. Mas é o que temos para hoje.

Mordo a pontinha do dedo indicador, meus olhos fixos na tela do celular — “Arthur está digitando...” — enquanto penso na loucura que estou prestes a cometer e o espero responder à minha mensagem. Eu o escolhi a dedo semanas atrás. Alto, cabelos castanhos e ondulados, barba não muito cheia, mas também não muito rala, e olhos âmbar. Pelas fotos dele sem camisa do aplicativo de namoro, mantém a academia em dia. Abençoada seja a sua genética porque é com ele que vou fazer um filho.

Sempre quis ser mãe, como sempre repeli relacionamentos.

Então, uma coisa puxou a outra, e aqui estou. Perto de entrar na casa dos trinta anos, já com a vida estabilizada, é hora de ter um bebê. De uma forma um pouco mais tradicional, isso acabaria por exigir que eu tivesse um homem a tiracolo. A maternidade solo existe mesmo na vida de mulheres casadas, mas se é para ser mãe solo, prefiro ser sem ter um marmanjo como brinde desagradável.

Eu poderia optar por uma inseminação artificial, mas a probabilidade de uma gestação gemelar é de quinze por cento contra um por cento de chance por vias naturais. Vou ficar satisfeita e muito feliz em ter apenas um bebê; por isso, prefiro não arriscar.

Além do mais, já tem alguns meses desde a última vez em que estive com um cara. Vou juntar o útil ao agradável.

“Estou ansioso para te conhecer. Duro só de pensar nas coisas que vamos fazer no motel”.

Sorrio um pouco, digitando uma resposta. Nós temos flertado desde que demos *match* no *app*. Arthur não foi acanhado na nossa primeira troca de mensagens e já começou com baixaria. Não nego, amei. Ele não fez nada que eu não tenha dado liberdade para fazer e, por isso, ganhou um pontinho positivo comigo. Durante as semanas em que fomos nos conhecendo até eu me decidir se ele seria ou não o pai do meu filho, trocamos todo tipo de mensagens.

Das mais picantes às mais banais, e de alguma forma, ele conquistou meu carisma. O homem aparenta ser bacana. Não me falou muito da sua vida pessoal ou profissional, tudo o que sei é que trabalha em uma empresa importante (em que cargo, fica o mistério), tem trinta e dois anos e vem de uma família de classe alta.

Eu também não falei muito de mim para ele — ora, se o moço quer fazer suspense, também vou fazer — e comentei apenas o básico, o que, de qualquer forma, pareceu o suficiente para decidirmos marcar um encontro. A intenção é só dar uma trepada.

Desnecessário saber qualquer coisa além do básico.

“Cê tá muito seguro de si. Vamos ver se é isso tudo”.

“O que ganho se eu for ‘isso tudo’?”.

É impossível não sorrir. Ele não me parece do tipo egocêntrico convencido com mania de grandeza. Talvez seja muito seguro de si ou é só um cara com um humor contagiante.

“Se quiser, mais encontros”.

Mordo o ponta do dedo indicador, esperando pela sua resposta. Quero garantir que vou engravidar desse homem. Por isso, planejei minuciosamente que eu o encontre mais algumas vezes durante meu período fértil. Depois, dou uma pausa até confirmar que engravidei e, confirmado, sumo do mapa. Não tenho pretensões nenhuma de contar para ele sobre a gravidez.

“Prometo que vou ser um menino bem empenhado, nesse caso. Nem te experimentei, mas já quero repetir a dose”.

Balanço a cabeça de um lado a outro porque, estranhamente, gosto do humor de Arthur. Mesmo que ainda não o tenha conhecido frente a frente, ele desperta algo diferente em mim. Eu envio:

“E se *eu* não for isso tudo?”

“Não duvido que seja um mulherão da porra na cama e fora dela. Confie no seu potencial. E que potencial, hein?!”, responde e, junto, manda um *print* de uma foto minha que ele deve ter achado no meu álbum de fotos do Facebook. A fotografia em questão tem três anos e eu estava no litoral, ao pôr do sol, de costas para o fotógrafo e com os braços estendidos.

“*Stalkeando* minhas redes?”

“Lógico. Uma gata que nem tu e eu não ia te perseguir ciberneticamente?”

“Besta. Vou me arrumar, Arthur. Te vejo em breve. Beijos.”

Deixo o celular de lado e me levanto, correndo para o banheiro tomar um banho. Escolho uma lingerie sexy, me perfumeo mais do que o comum e faço uma maquiagem básica. Confiro se estou com todos meus pertences — carteira, documentos, dinheiro, celular, carregador e camisinhas. Camisinhas todas furadas.

Comprei meia dúzia delas e violei a embalagem com um alfinete.

Ele nem vai desconfiar.

Como não sou nenhuma irresponsável de furar camisinhas e correr o risco de pegar uma DST, inventei qualquer desculpa que eu poderia querer sexo oral entre nós, mas que detestava fazer com preservativos. É como chupar bala com a embalagem. Então, combinamos de fazer exames das principais IST, incluindo a HPV

que merece um exame específico. Ele me mandou os dele dois dias atrás tudo bonitinho: seu nome completo no exame, a data de que foi feito naquela semana, clínica conhecida na cidade, carimbo do médico que avaliou os resultados com CRM, que, claro, fui procurar.

Confiro as horas. Quase sete da noite. Preferia que a gente se encontrasse mais tarde, mas acabou que nós dois temos compromissos. Eu combinei de encontrar umas amigas em um barzinho não muito longe do motel onde vamos estar (escolhi um logo nas redondezas para não me atrasar muito), e ele não especificou que compromisso tem, mas disse que tem. Combinamos que vamos ficar juntos por, no máximo, uma hora. Em uma próxima oportunidade — que garanti que seria amanhã — vamos nos ver de novo e fazer “direito”. Podíamos ter deixado para o dia seguinte e aproveitarmos melhor, mas não quero perder o primeiro dia do meu período fértil e também porque essas semanas todas de flertes e trocas de mensagens safadas mexeram com todos meus hormônios e estou que não me aguento para dar para ele.

Chamo um Uber e, no trajeto, compartilho minha localização com Arthur por segurança. O percurso é rápido e, quando chego, ele está me esperando na porta do motel, em um carro esportivo como indicativo que ele realmente trabalha em uma empresa importante em um cargo alto. Talvez muito alto. Prendo o ar conforme avanço na sua direção. O homem é tão bonito que deveria ser pecado capital e crime contra a humanidade. Se Deus fez coisa melhor, guardou só para ele. Encostado ao Ford Mustang branco, Arthur usa um terno casual azul-royal e sapatos que devem custar meu salário do mês. O sorriso nele ilumina toda a noite e faz minhas pernas bambearem por um instante. Bonito, rico, carismático. Se for bom de cama, é capaz de eu me apaixonar.

Mentira. Não vou me apaixonar, não. Por mais bonito, rico, carismático e bom de que cama ele possa ser. Risca isso da lista porque essas qualidades também são sinônimos de encrenca.

Longe de mim me amarrar a homem que vai me dar dor de cabeça.

— Você é ainda mais linda pessoalmente — Arthur diz, desencostando-se do carro e vindo na minha direção.

Solto o ar que estava preso até agora e sorrio, um pouco sem jeito com o elogio. Avalio-o dos pés à cabeça e preciso concordar com a mesma coisa. Ele é ainda mais bonito em carne e osso.

Sequer tenho tempo de retribuir o elogio porque, no instante seguinte, sua mão direita está na minha cintura e sua boca está vindo para a minha. Ele me puxa com força de encontro ao seu tórax duro — Deus, e que tórax duro! — e me dá um beijo exigente, cheio de pegada. Fico sem ar conforme me devora, intenso, lascivo, quente e apaixonante. Se o homem é bom assim apenas com um beijo, vou ficar devastada na cama. Adoro.

— Acho que já perdemos tempo demais, não acha, Louise?

— Meu nome na sua boca faz minhas coxas apertarem. É sexy e gostoso de ouvir.

Com apenas um aceno, ele me leva para seu Mustang, abre a porta do passageiro e contorna o veículo. Avançamos motel adentro, e ele resmunga alguma coisa sobre preferir ter ido me buscar. Dou uma desculpa de que não queria incomodá-lo, mas a verdade é que não quero que saiba meu endereço. Se ele gostar da fruta, Deus me livre ir me procurar e descobrir que estou grávida.

Pode ser que ele faça como quase seis por cento dos homens brasileiros e não assuma a criança, mas pode ser daqueles que quer assumir, estar presente, por mais raro que seja. Prefiro me prevenir.

Cinco minutos depois, estamos no quarto. Arthur reservou uma suíte bem luxuosa, com uma cama redonda bem no meio do ambiente, espelho no teto e banheiro com hidromassagem. Ele entra primeiro e fecha a porta. Ainda estou observando tudo à minha volta quando o homem me puxa pelo punho e vem na minha direção. Preparo-me para o impacto da sua boca na minha, que vem como um tsunami. Arthur é exigente. Ele segura na minha cintura com força, aperta-me e depois começa a desabotoar minha camisa cambraia.

Não ofereço nenhum tipo de resistência e me entrego. Sou conduzida até a cama, ele vindo por cima do meu corpo. Seus beijos se espalham por toda minha pele, começando ao pé do ouvido e descendo até meu colo exposto agora pela camisa aberta.

Ergue o olhar para mim quando se depara com o sutiã de renda e

brinca um instante com a peça antes de enfiar o rosto entre meus peitos e puxá-los para fora, circulando a língua nos meus mamilos endurecidos. Suspiro, gostando do choque que seus dentes causam nessa parte sensível.

— Vamos mesmo fazer sexo oral? — pergunta, esfregando lentamente sua virilha na minha. Sinto sua ereção em mim e dou uma olhadinha para baixo. Parece ter um tamanho considerável.

— Eu ponderei e tudo mais, só que...

— Só que...? — Ele me olha, sua boca ainda presa ao meu seio esquerdo.

— Podemos ir com calma? Achei que estivesse confiante o suficiente, mas não me sinto à vontade ainda para fazermos isso.

— Não deu tempo de deixar a depilação em dia? — sussurra, resvalando o nariz pelo meu pescoço. — Se for isso, eu não me importo. Não tem que se importar também.

Rio um pouco, impressionada com a falta de filtro desse homem.

— A depilação está em dia, sim. Só não estou preparada como achei que estaria. Mais especificamente, não me sinto preparada para fazer *com* você.

Não é mentira. Eu não consigo me sentir bem em receber ou fazer sexo oral com um cara que não tenho certa intimidade. Arthur é só uma trepada casual que, assim espero, não vai durar mais que uma semana. Pretendo repetir a dose durante meus dias férteis, mas não vou procurá-lo mais a ponto de pegarmos intimidade para que possamos nos proporcionar esse tipo de prazer.

— Tudo bem. Quem está perdendo uma linguada deliciosa na boceta não sou eu.

Estapeio seu ombro e gargalho por um momento, sua risada rouca e grave me acompanhando. Até a risada desse homem é perfeita. Universo, me ajuda aqui, por favor? Manda só um defeitinho. Um assim, de nada, que eu possa usar como pretexto

para não querer mais vê-lo nunca mais. Porque confesso que está difícil.

— Vamos parar de falar tanto e ir ao que interessa? Por que ainda está vestido, para começo de conversa? Tira logo essa roupa que eu quero te usar.

Ele dá outra daquela risada gostosa e se ajoelha na cama, passando a se despir. Arthur tem um aroma gostoso que, convenhamos, não sou capaz de descrever porque sou uma capivara para perfumes masculinos. Mas é um cheiro forte, inebriante e delicioso. Tem cheiro de perfume importado e caro

—

isso sou capaz de reconhecer. Sento-me na cama, apreciando o espetáculo que se desenrola na minha frente. Primeiro, ele tira o blazer. Depois, sem desfazer nosso contato visual, ele desabotoa a camisa branca.

— Nesse tanquinho, eu lavava roupa todo dia — brinco, mordendo a pontinha do lábio inferior.

— O tanquinho não faz nada sem uma boa torneira, não concorda? —
devolve, em um tom que é uma linha tênue entre o bom humor e a malícia.

Maneio a cabeça concordando, ansiosa pela parte mais interessante e esperada desse show particular. Lentamente, o homem tira a calça. A boxer preta bem colada nos quadris marca sua ereção. Passo a língua pelos lábios, admirando seus atributos.

Ele sorri daquele jeito convencido e baixa a cueca. Seu pau pula para fora, completamente ereto. Não é nenhum vinte e cinco centímetros — e Deus me livre que fosse porque gosto de fazer sexo, não de procurar petróleo no meu útero —, mas tem um tamanho satisfatório. Dezesseis. Dezesete. No máximo, dezoito.

Do tamanho que gosto. É fácil de acomodar e, se um dia acontecer, fácil de engolir.

— Quer sentir o estrago que ele faz, Louise? — Arthur pergunta, envolvendo as mãos em torno do membro pulsante.

Abro outro sorriso. Que autoestima da porra.

— Você tá fazendo promessas demais, Arthur — sussurro, subindo minha saia e me expondo para ele. — Não prometa o que não pode cumprir. —
Pego minha bolsa sobre a cama, retiro o primeiro pacotinho de camisinha e jogo nele.

O homem pega no ar e enrola o látex em sua extensão. Ele vem para mim, tomando-me em um beijo quente, suas mãos voando para o meio das minhas pernas.

— Vai ver que sou homem de palavra. Eu prometo, eu cumpro, Louise.

Derreto-me nesse momento. Derreto-me com seu toque na minha boceta, sua boca no meu pescoço, e meu nome nos seus lábios. Ele não precisa de muito para me deixar completamente entregue e excitada. Não sei se é a abstinência ou se ele que é bom demais com sua língua e dedos, mas a

facilidade com que fico molhada é impressionante. Rebolo nos seus dedos, que brincam comigo e com a minha sanidade. Nem me importo com o sorrisinho convencido que dá enquanto circula meu clitóris, sabendo que estou totalmente entregue e que ele é completamente incrível.

— Vem sentir o estrago, Louise — diz, ajoelhando na cama e me puxando para si. Ergue minha perna esquerda até seu ombro e mantém a direita em torno da sua cintura.

Segurando o pau, ele o direciona para minha boceta e me penetra devagar. Agarro nos lençóis, gostando da sensação que me acomete quando o tenho dentro de mim. O homem mal começou a me comer e sei que está certo. Ele vai fazer estrago. Arthur se move devagar, mas a lentidão dura pouco tempo. Em um minuto ou menos, ele está me comendo tão vigorosamente que a cama sai do lugar.

Arthur promete e cumpre.

O estrago é delicioso.



Pulo do Uber depois de pagar a corrida e caminho para o bar.

Minhas amigas já estão aqui, animadas em uma conversa. Junto-me a elas na mesa, que me recebem com beijos e abraços. Peço alguns aperitivos e cerveja e, por algum tempo, jogamos conversa fora e conto sobre meu encontro, poupando-as da parte de que estou tentando engravidar. Laura vai embora cerca de meia hora depois que chego, precisando ir levar o jantar para o irmão, que ela comprou por ali mesmo. Só nós duas, Bianca quer saber como andam meus projetos na Conecta, e conto uma coisa ou outra

porque não quero saber de trabalho agora. Não muito tempo depois, ela também precisa ir.

Aceno e me despeço com um beijo. Fico na mesa, terminando minha cerveja e meu aperitivo sozinha. Confiro meu celular e tem uma mensagem dele.

“Gostou do estrago?”

Rio um pouquinho e respondo:

“Acho que preciso de mais uma demonstração para ter certeza”.

“Seu pedido é uma ordem. Amanhã, às 22h?”

Mordo a pontinha do lábio inferior, meus olhos fixos na sua foto de perfil do aplicativo de mensagem. Se o filho que fizer em mim tiver um terço dessa beleza vai ser de bom tamanho.

“Amanhã, às 22h., no mesmo motel.”



Não deixe de nos seguir para não perder nenhuma novidade!

A.C. Nunes

Instagram: <https://www.instagram.com/acnunesautora/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/AC_NUNES

Evilane Oliveira:

Instagram: <https://www.instagram.com/evilaneoliveiraautora/>

Facebook: <https://www.facebook.com/evilane.oliveira.144>

Jéssica D. Santos

Instagram: <https://www.instagram.com/autorajessicadsantos/>

Facebook: <https://www.facebook.com/Jessie.Autora>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/AutoraJessicaSantos>

[OceanofPDF.com](https://oceanofpdf.com)

Document Outline

- [SUMÁRIO](#)
- [NOTAS DA AUTORA](#)
- [SINOPSE](#)
- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [EPÍLOGO](#)
- [LIVRO UM DA TRILOGIA](#)
- [LIVRO DOIS DA TRILOGIA](#)
- [CONHEÇA TAMBÉM!](#)
- [REDES SOCIAIS](#)

[OceanofPDF.com](#)